

**GOVERNO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE LÍNGUAS**

DO TEAR AO TECIDO: UMA EXPERIÊNCIA COM JORNAL ESCOLAR

GICIÉLI HOEMBERGER BARÚA

BAGÉ/RS

2015

**GOVERNO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE LÍNGUAS**

DO TEAR AO TECIDO: UMA EXPERIÊNCIA COM JORNAL ESCOLAR

GICIÉLI HOHEMBERGER BARÚA

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação Stricto sensu em Ensino de Línguas da Universidade Federal do Pampa, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ensino de Línguas.

**Orientadora: Profa. Dra. Fabiana
Giovani**

BAGÉ/RS

2015

Dedico esta dissertação aos atores do Jornal “O Maracanã”.

AGRADECIMENTOS

"*Fica um pouco de perfume nas mãos que oferecem rosas*". (Judith Junqueira)

Com essa frase, que faz parte da minha filosofia de vida, quero manifestar meu agradecimento a todas as pessoas que me apoiaram e que proferiram palavras de incentivo para que eu cursasse o mestrado. Agradeço, especialmente,...

Ao meu bom Deus, pelo dom da vida; a Nossa Senhora, pela intercessão.

Aos meus amados pais Gildo e Margarete, que se doaram para a realização desse sonho. Obrigada pelo pelos ensinamentos, pelo carinho, pela presença, pela motivação, por cuidarem dos netinhos... Jamais conseguirei agradecê-los plenamente por tudo o que fizeram por mim.

À minha querida filha Camilly, que muitas noites chorou de saudade, mas sempre compreendeu minhas ausências. "O teu amor, princesinha, me faz tão bem! Obrigada pelo apoio, pelas sugestões nos trabalhos, tu és minha inspiração!"

Ao meu querido filho Mathias, que se desenvolveu no meu útero durante os primeiros meses de mestrado e, com 38 dias depois do nascimento, já me acompanhava nas aulas. "Tu és meu príncipe, meu companheirinho. Já és mestre!"

Ao Sandro, pelo amor, pelo cuidado com as crianças e comigo, pela compreensão, por achar que tudo seria uma loucura, mas, ao mesmo tempo, apoiar.

Aos meus dois irmãos, Gilcemar e Diones, que mesmo morando longe, mantiveram-se muito perto, dentro do meu coração. Pelo amor, pelo incentivo, por acreditarem em mim, obrigada! Estendo meus agradecimentos à minha cunhada Ana Letícia, pelo carinho.

À minha irmã do coração, Leila, que sempre esteve dando *aquele* apoio!

À Secretaria de Educação e Cultura do município de Alegrete, por meio de seu secretário, professor Jorge Sitó, por acreditar no potencial dos professores da rede, incentivando-os a buscarem formação continuada, consoante ao que diz Paulo Freire "Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino". "Obrigada pelo significativo apoio!"

À professora Fabiana Giovani, pela dedicação que teve no acompanhamento deste trabalho. Acolheu-me como uma irmã, doou-me seu carinho, ofereceu-me contrapalavras de

sabedoria e guiou-me, com sensibilidade, para que eu avançasse. Uma professora-doutora jovem e inteligente, uma mãe exemplar, uma amiga comprometida e uma orientadora que soube entender meu emaranhado de fios e costurou comigo cada paninho que compõe este importante tecido.

Ao querido professor Moacir Camargo Lopes, integrante da banca de qualificação. Obrigada pela amizade, pelos ensinamentos e pelo carinho com os meus pequenos (Camilly e Mathias). Adorei as dicas!

À professora Valesca, pela sensibilidade, pelo carinho e pelo empenho que teve para a criação do Mestrado. Foi por meio de seu trabalho que realizei mais um sonho.

À professora Aline Lorandi, minha madrinha de mestrado, porque se não fosse suas orientações, eu teria desistido no ato da matrícula.

À professora Clara Dorneles, integrante da banca da qualificação, pois suas palavras me encorajaram a continuar o trabalho com mais segurança. Dizeres delicados, mas repletos de ensinamento.

À minha ex-diretora Ester e aos colegas David e Fernanda, que juntos ousamos criar um jornal na escola do campo. Pessoas dinâmicas e inspiradoras.

Aos demais familiares, amigos, colegas, alunos (especialmente ao João Vitor Ferreira da Costa, pelas provocações), professores, cuja amizade e incentivo foram importantes para esta trajetória de dois anos.

Eternamente grata!

"É graça divina começar bem. Graça maior persistir na caminhada certa. Mas a graça das graças é não desistir nunca".

Dom Helder Câmara

RESUMO

A presente pesquisa trata de narrar a prática de letramento do jornal escolar “O Maracanã”, desenvolvido em uma escola do campo em Alegrete-RS, discutindo o processo de constituição desse instrumento mediante os sentidos produzidos desde sua criação e implantação até a 35ª edição. Para que os objetivos fossem atingidos, o trabalho foi organizado em três etapas: a primeira aborda aspectos teóricos, percorrendo desde a explicação sobre a narrativa de experiência, conceituação de letramento, projeto, evento e agente, perpassando pelas inspirações pedagógicas de Freinet e Bonini, até a questão de gênero de Bakhtin; a segunda é dedicada aos aspectos metodológicos, onde se fez opção pelo paradigma indiciário para, através de indícios singulares, capturar pistas sobre o processo de constituição do jornal escolar; e a terceira, tem como foco o projeto de letramento jornal na escola “O Maracanã”, abordando exclusivamente a constituição do jornal em seus dez anos de existência e em seus trinta e cinco exemplares. Para isso, selecionei quatro categorias: a atuação da professora (atitudes, aprendizagens e experiências); os alunos: motivação, participação e autoria (escrita colaborativa); os gêneros discursivos: os conteúdos do jornal e a constituição do gênero entrevista; o jornal escolar e sua função sociocultural. Dessa forma, esse estudo oportunizou-me ter um novo olhar sobre o feito, refletindo sobre minhas ações no decurso, por meio de um vigoroso diálogo com a teoria. Este trabalho é, também, uma tentativa de proporcionar, aos professores-leitores, uma reflexão sobre a necessidade da incorporação de práticas de letramento à vivência de sala de aula, oferecendo-lhes os produtos da minha experiência. Finalizei este estudo provisoriamente, pois não consegui enxergar o fim do tecido. Verdadeiramente, o término deste está ligado a um recomeço já que novas linhas serão colocadas na agulha para que novas costuras com tecidos de diferentes cores, tamanhos e texturas.

Palavras-chave: projeto de letramento, jornal escolar, narrativa de experiência.

RESUMEN

Esta investigación trata de narrar la práctica de letramiento del periódico escolar "El Maracanã", se convirtió en una escuela de campo en Alegrete-RS, discutiendo el proceso de constitución de este instrumento por los sentidos producidos desde su creación y el despliegue de la 35 edición. Para que se lograron los objetivos, el trabajo se organizó en tres etapas: la primera trata de los aspectos teóricos, al pasar de la explicación de la experiencia narrativa, el concepto de letramiento, proyectos, eventos y agente, pasando por inspiraciones educativas de Freinet y Bonini, a la cuestión de Bajtín de género; el segundo está dedicado a los aspectos metodológicos, donde hizo elección del paradigma probatorio, a través de signos naturales, captura de pistas sobre la formación del proceso periódico de la escuela; y el tercero se centra en el proyecto de letramiento periódico en la escuela " El Maracanã", abordando la constitución del periódico en sus diez años de existencia y en sus treinta y cinco copias. Para tanto, he seleccionado cuatro categorías: el papel del profesor (actitudes, aprendizajes y experiencias); estudiantes: motivación, participación y autoría (escrito en colaboración); los géneros: el contenido del periódico y la creación de la entrevista género; el periódico de la escuela y su función sociocultural. Por lo tanto, este estudio há proporcionado una oportunidad para mí para tener una nueva mirada sobre el hecho, reflexionando sobre mis acciones en el curso, a través de un diálogo vigoroso con la teoría. Este trabajo es también un intento de proporcionar, profesores lectores, una reflexión sobre la necesidad de la incorporación de prácticas de letramiento a las experiencias de clase, ofreciéndoles los productos de mi experiencia. Provisionalmente finalizado este estudio, porque no podría ver el final de la tela. En verdad, el extremo de la misma está conectada a un principio como nuevas líneas se colocan en la aguja de modo que los nuevos tejidos con costuras de diferentes colores, tamaños y texturas.

Palabras-clave: Proyecto de letramiento, periódico escolar, experiencia narrativa.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Capa da primeira edição do jornal	48
Figura 2 - Capa e contracapa da quinta edição	50
Figura 3 - Práticas do jornal (1)	53
Figura 4 - Práticas do jornal (2)	55
Figura 5 - Conteúdos do jornal (1)	58
Figura 6 - Trechos sobre o próprio jornal	62
Figura 7 - Entrevista	65
Figura 8 - Autoria do aluno	68
Figura 9 - Aluno identificado com o autor	71
Figura 10 - Aluno: ator do processo (1)	74
Figura 11 - Aluno: ator do processo (2)	75
Figura 12 - Aluno: ator do processo (3)	78
Figura 13 - Jornal escolar: promotor de cultura	80
Figura 14 - Aluno avaliador de projeto	82
Figura 15 - Conteúdos do jornal (2)	89
Figura 16 - Metodologia das entrevistas (1)	94
Figura 17 - Metodologia das entrevistas (2)	97
Figura 18 - Metodologia das entrevistas (3)	99
Figura 19 - Metodologia das entrevistas (4)	104
Figura 20 - Metodologia das entrevistas (5)	108
Figura 21 - Funções socioculturais (1)	113
Figura 22 - Funções socioculturais (2)	120
Figura 23 - Funções socioculturais (3)	123
Figura 24 - Funções socioculturais (4)	126
Figura 25 - Funções socioculturais (5)	128
Figura 26 - Funções socioculturais (6)	131
Figura 27 - Funções socioculturais (7)	133

SUMÁRIO

1 – DO TEAR AO TECIDO (caminhos iniciais)	13
2 – MATERIAL TÊXTIL (caminhos para a escrita)	20
2.1 – Narrativa de experiência	20
2.2 – Letramento: projeto, evento e agente	24
2.3 – O jornal escolar como proposta pedagógica para Freinet e Bonini	27
2.4 – Gêneros do discurso para Bakhtin	31
3 – DO ALVEJAMENTO À ESTAMPAGEM (caminhos da metodologia)	34
3.1 – A escola e a comunidade	35
3.2 – O objeto da análise	37
3.3 – O paradigma indiciário	38
3.4 – Relações do paradigma indiciário com a pesquisa	41
4 – O TECIDO EM EXPOSIÇÃO (jornal escola “O Maracanã”)	43
4.1 – Afinal, quem é a professora?	44
4.2– A atuação da professora: atitudes, aprendizagens e experiências.....	46
4.3 – Os alunos: motivação, participação e autoria (escrita colaborativa).....	61
4.4 – Os gêneros discursivos: os conteúdos do jornal e a constituição do gênero entrevista ..	87
4.5 – O jornal escolar e sua função sociocultural.....	119
5 – O ACABAMENTO (chegada provisória)	136
6– REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	140
7 – ANEXOS	143

1 DO TEAR AO TECIDO (caminhos iniciais)

*“Nós somos do tecido de que são feitos os sonhos.”
William Shakespeare*

Contribuir para o desenvolvimento de ensino significativo aos alunos, cujo acesso ao mundo da escrita encontra múltiplos obstáculos é o grande desafio da escola, já que muitos chegam ao ensino médio sem dominar todas as habilidades de leitura e escrita. O contexto educacional brasileiro é marcado pela diversidade cultural e a educação no campo é uma dessas realidades em que se observa a dificuldade do trabalho com a leitura e a escrita, devido a baixa circulação de textos escritos e, ainda pela ausência de profissionais que atuem nas bibliotecas escolares e pela cultura local, particularmente a linguagem falada e escrita por seus familiares e vizinhos, pessoas que na maioria dos casos não tiverem acesso a ambientes letrados secundários (cf. Bakhtin, 2011). Apesar de, nos últimos anos, a televisão ter adentrado a residência de muitos moradores do campo, inclusive fazendo muitas intervenções nos costumes locais, em muitas regiões rurais o rádio possui ainda forte inserção. Este transmite notícias locais, músicas regionais e avisos para a população com a linguagem do próprio autor da mensagem, mesmo que haja em certos programas formalidade, a intervenção na linguagem utilizada no campo é mínima. Por isso a dificuldade enfrentada pelos alunos ao se depararem com o ensino formal da escola, pois a mesma oferece uma linguagem a que não estão ambientados. É necessário, portanto, que se reconheça e se valorize práticas orais dos alunos do campo e as articule às atividades de escrita na escola.

Segundo dados fornecidos pela Prova Brasil de 2009 (que inclui escolas da cidade e do campo), 68,4% dos alunos do 6º ano não alcançaram a pontuação considerada mínima em Língua Portuguesa pela organização não governamental (ONG) *Todos pela Educação*¹, que é de 200 pontos. Já na Prova Brasil de 2013, 76,41% dos alunos obtiveram notas inadequadas em Língua Portuguesa, no 9º ano do Ensino Fundamental. Quer dizer que eles não adquiriram capacidades plenas de compreender, interpretar, criticar e produzir conhecimento.

“Se aceitarmos que o letramento do aluno é a função primeira da escola, então é o letramento o princípio estruturador do currículo, já que é um conjunto de práticas discursivas que envolvem os usos da escrita” (KLEIMAN, 1995). A partir deste contexto, fundamentam-se práticas letradas inerentes à realidade da comunidade escolar do campo, sendo o jornal

¹ Fundado em 2006, o Todos Pela Educação é um movimento da sociedade brasileira que tem como missão contribuir para que até 2022, ano do bicentenário da Independência do Brasil, o País assegure a todas as crianças e jovens o direito a Educação Básica de qualidade. Acesso: <http://www.todospelaeducacao.org.br/pagina-inicial/>

escolar um excelente apoio pedagógico para superar as carências que existem no meio rural, quanto a práticas discursivas.

A constatação de uma formação precária, que emerge na realidade escolar, deve ser enfrentada, pois tal problema não fica restrito ao ambiente da escola, mas alcança outras áreas da sociedade. A ausência de certas capacidades, em muitos alunos do processo da Educação Básica, na arte de autoria dos textos, compreensão e reflexão de informações, é um problema prático verificado no dia a dia, porém decorrente de processo teórico. Esta pesquisa caminha nessa direção.

Abalizada com pesquisas que demonstram a insuficiência (ou melhor) a limitação do processo de letramento, principalmente em escolas do campo, aspiro com esta dissertação narrar e analisar uma prática que se mostrou pontual e frutuosa neste processo. Trata-se da teorização de uma prática pedagógica (o jornal escolar) que, ao longo de dez anos, apresentou-se pertinente e capaz de oferecer bons resultados na questão de autoria, estímulo para a leitura e a escrita, informação, reflexão...

Este enlace entre teoria e prática, processo latente neste trabalho, origina-se da mútua relação entre educação e mundo (realidade sociocultural). A educação pensa a realidade; o pensar move o agir. Portanto, ela pode promover uma cisão entre o sujeito que conhece e a realidade conhecida. Ao contrário, o processo de aprendizagem deve favorecer essa unidade fundamental, possibilitando que a teoria ensinada na sala de aula se torne a prática na vida vivida. O aluno precisa encontrar elos que o ajudem a desenvolver e aplicar os saberes e o jornal é um precioso instrumento para a ligação entre “os dois mundos”, pois proporciona o tomar consciência do conhecimento adquirido no decurso do letramento, bem como sua aplicabilidade. Para Bonini (2011), fazer um jornal escolar é criar espaços para promover a divulgação de informações internas e externas e também a prática do pensar crítico, reflexivo mediante a problematização das informações transmitidas por meio da notícia, pesquisa, entrevistas, produção de texto bem como o contato social.

O jornal na escola deve ser pensado como um esquema que respeita diversos gêneros e a organização de um jornal convencional, mas, ao mesmo tempo, atualizado como uso local, servindo de mídia própria dos alunos e, portanto, como um instrumento de suas identidades e protagonismo. Sobre o conteúdo do jornal escolar, Freinet (1974) alerta que o ponto de partida não deve ser os desejos, o pensamento ou a ordem dos adultos, mas os verdadeiros interesses dos alunos. Ou seja, a realidade de cada aluno, suas histórias, suas vivências, suas experiências é que devem inspirar toda a produção escolar, em especial, a produção do jornal,

que valoriza, expande e fortalece o letramento na escola. Assim, justifica-se a valorização da incorporação dessa prática à escola do campo, bem como sua teorização acadêmica.

Assim, no ano de 2005, após um ano de docência na EMEB João André Figueira, Polo Educacional do Durasnal, escola localizada na BR 290, km 551, na cidade de Alegrete/ RS, e já com um diagnóstico claro sobre a escrita e a oralidade dos alunos e, motivados por um grupo de alunos que desejava um jornal impresso, decidimos, professoras de Língua Portuguesa e funcionário designado para a biblioteca, organizarmos um projeto envolvendo o jornal escolar. No início tudo parecia fácil, mas o tempo provou exatamente o contrário. Seguindo o modelo convencional de jornal, determinamos as seções com seus devidos responsáveis e em poucos dias já estávamos com a primeira edição sendo lançada, um momento histórico e especial para a escola, pois um projeto sério, criativo e com objetivos bem traçados estava sendo colocado em prática.

Era um jornal simples, com poucos recursos fotográficos (na época não dispúnhamos de câmera), os textos eram digitados, impressos, recortados, montados e colados para podermos fazer inúmeras cópias a fim de serem comercializadas. O jornal continha doze páginas bem preenchidas e tamanho de 15 x 21. A equipe gestora apoiou o projeto, colocando-se à disposição para auxiliar principalmente com recursos materiais e devido a grande colaboração optamos por oferecer a redação do editorial à diretora da escola.

Mas o jornal precisava de um nome, por isso lançamos um concurso para a comunidade escolar. Muitas sugestões chegaram até a redação e a equipe coordenadora decidiu que seria aceita a sugestão de um morador da região e também de uma professora dos anos iniciais: “O Maracanã”, já que as pessoas da localidade são assim denominadas por possuírem um alto tom de voz, semelhante a ave com mesmo nome. Logo, edições mensais eram lançadas e muitos exemplares vendidos, visto que havia notícias da comunidade, avisos da direção, entrevistas com pessoas da comunidade, divulgação de alguns trabalhos dos alunos, charges, horóscopo, esportes, passatempos, “fofocas”... Na terceira edição conseguimos inserir a primeira foto digitalizada, algo simples, porém motivo de vibração para a equipe coordenadora, pois era a tecnologia somando-se ao projeto do jornal. Nessa época, em torno de quarenta a cinquenta exemplares eram editados e comercializados².

O jornal, que se originou da soma de ideias, fazia sucesso na comunidade. Era um meio de comunicação destinado a transmitir conhecimentos, expressar sentimentos, fornecer

² O jornal sempre foi gratuito para os alunos responsáveis pela edição, mas para cobrir os custos de impressão os demais exemplares eram vendidos por um valor reduzido (nunca visou lucros) para os demais alunos, professores, pais e moradores da localidade.

informações interessantes, nunca esquecendo a valorização das personalidades que fizeram história na escola e na região. Assim, cada vez mais, o gênero entrevista se firmava como um dos pontos fortes do jornal, cada entrevistado era selecionado com cuidado, pois além de uma atividade escolar era uma forma de homenagear personalidades que colaboravam, apoiavam direta ou indiretamente a escola.

Na terceira edição, muitos comércios locais e pessoas físicas queriam ajudar o jornal a manter-se, por conseguinte inserimos na quarta edição a página “patrocinadores” e o lucro era destinado aos formandos da 8ª série, para que pudessem organizar e realizar a sonhada festa de conclusão de ensino fundamental. Ainda neste primeiro ano, o funcionário que estava na biblioteca saiu da escola, ficando apenas nós, professoras de Língua Portuguesa, como coordenadoras do jornal, mesmo assim, encerramos o ano letivo com a sensação de missão cumprida.

O jornal “O Maracanã” seguiu sua missão, somando interesses pela cultura, pelas notícias, pelas novidades, pelos novos desafios. E foi por meio da seção “entrevista”, que em junho de 2006, a escola ganhava o seu primeiro aparelho de DVD, devido a sensibilidade dos entrevistados da edição, que o doaram de forma espontânea. Os alunos festejaram o presente e o trabalho com filmes e documentários iniciava na escola.

No ano de 2008, na décima quinta edição, o jornal continuava crescendo em termos de qualidade e também de tamanho, passando a medir 30 x 21. Tratava-se de uma edição especial para a semana da escola, mas que foi bem aceita e o público-leitor preferiu o novo tamanho. Nesse novo formato o número de páginas diminuiu, agora eram dez, mas no final do mesmo ano precisamos aumentar para doze, já que o número de matérias estava superando o espaço disponível.

Em junho de 2008, dois anos e meio após o lançamento da primeira edição, a outra professora/coordenadora se exonerou da rede, permanecendo eu, professora de Língua Portuguesa, como coordenadora do jornal. Uma nova caminhada começava a ser construída! A partir desse momento muitos pontos de interrogação foram surgindo: eu posso realmente coordenar e fazer um jornal escolar sozinha? Se o objetivo era intervir na escrita e na oralidade dos meus alunos, como isso pode acontecer se eles não são autores do jornal? Até quando meus alunos estarão interessados no projeto se eles não possuem o direito de sugerir, decidir...? Inúmeras inquietações acabaram forçando uma mudança, que gradativamente foi acontecendo motivada pela intuição. O jornal escolar, que no percurso inicial ignorava a participação do aluno como autor, foi aos poucos se tornando um projeto de letramento, capaz

de transformar a realidade de seus leitores, redatores e coordenadora, tendo-os como protagonistas motivados e capazes de produzir conhecimento.

Com o tempo, as respostas foram surgindo e mudanças ocorrendo na metodologia de trabalho com o jornal. As edições passaram a ser bimestrais e posteriormente, trimestrais. Formamos turmas mistas para o trabalho de redação, depois cada série/ano dos anos finais era responsável por uma edição anual. Os desafios foram aumentando porque o nível de exigência dos redatores e dos leitores também cresceu. Os alunos-redatores queriam mais e desafiavam-me a todo o momento. Eu, motivada pela dedicação dos alunos, buscava contemplar os desejos à medida do possível.

Na vigésima sétima edição, em outubro de 2012, eu recebia a premiação pela ousadia, dedicação e comprometimento com a educação: Prêmio Paulo Freire para a experiência pedagógica do ano da Rede Municipal de Educação de Alegrete/RS³. A emoção invadiu a escola, porque o jornal “O Maracanã” se mostrou de todos: dos alunos, dos professores, dos funcionários, das famílias, do Durasnal e, naquele momento, de Alegrete também. Todos mereciam este reconhecimento por terem acolhido a leitura e a escrita de forma tão dinâmica.

No momento, estamos na trigésima quinta edição, envolvendo aproximadamente cinquenta alunos anualmente e com a certeza de que o jornal já contribuiu muito e contribuirá ainda mais para a formação de um ambiente letrado no campo, mas também, que precisa ir se aperfeiçoando, afinal, como afirma Freinet, o jornal escolar é uma “ferramenta de trabalho” e por isso, a necessidade de se aproveitar este recurso como meio efetivo para se viabilizar o contato com a leitura e escrita, de forma que haja intervenções significativas na realidade linguística do aluno. Para isso, cada vez mais, o projeto do jornal escolar deve proporcionar situações ricas de interação que sejam capazes de sair do espaço escolar para que a linguagem seja parte de seu cotidiano, pois é um instrumento, um apoio pedagógico que vivifica o processo de letramento. Ele encarna a teoria, dinamiza o ensino e desperta talentos.

Assim, o presente trabalho trata de analisar por meio da narrativa de experiência do jornal escolar “O Maracanã” toda a sua constituição, inserida na realidade do campo e motivada apenas pela intuição de sua coordenadora. Será um processo minucioso de narração dos acontecimentos, para que se compreenda que o jornal “O Maracanã” é uma prática também cultural, e que se bem apresentada poderá ser aceita pelos professores-leitores como uma necessidade na prática pedagógica de escolas do campo.

³ Eu recebi o prêmio por ser a coordenadora do jornal (experiência pedagógica), mas sempre entendi o jornal como de todos: alunos, funcionários, professores, pais e comunidade em geral.

QUESTÃO DE PESQUISA

Diante da breve descrição sobre o objeto da análise deste trabalho, buscarei responder as questões que o orientam:

Qual o processo de constituição do jornal escolar “O Maracanã” em uma escola do campo? Como essa história se desenha a partir da narrativa de experiência?

OBJETIVO GERAL

Perquirir e narrar a prática de letramento “jornal escolar” em uma escola do campo, discutindo o processo de constituição desse instrumento mediante os sentidos produzidos desde sua criação e implantação até o presente momento, bem como sua importância enquanto instrumento possibilitador de autoria e de novas reflexões.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Compreender as práticas de letramento como práticas culturais, presentes no dia a dia, histórica e socialmente contextualizadas, vinculadas às diversas esferas da vida social de sujeitos da escola do campo e de seu entorno;
- Analisar, através da narrativa, a constituição do jornal escolar por meio do paradigma indiciário;
- Contar a história da constituição da professora/pesquisadora, narrando uma experiência de prática de letramento envolvendo o jornal escolar de uma escola do campo, em Alegrete, RS.
- Proporcionar, aos professores-leitores, a reflexão sobre a necessidade da incorporação de práticas de (multi) letramentos à escola do campo, oferecendo-lhes os produtos da experiência.

Para que os objetivos sejam atingidos, organizarei o trabalho em três etapas: a primeira abordará aspectos teóricos, percorrendo desde a explicação sobre a narrativa de experiência, conceituação de letramento, projeto, evento e agente, perpassando pelas inspirações pedagógicas de Freinet e Bonini, até a questão de gênero de Bakhtin; a segunda é dedicada aos aspectos metodológicos, na qual optei pelo paradigma indiciário; e a terceira tem como foco o projeto de letramento jornal na escola “O Maracanã”, abordando exclusivamente a constituição do jornal em seus dez anos de existência e nos seus trinta e cinco exemplares.

Narrarei, portanto, a atividade do jornal escolar, que desde 2005 está incorporada à realidade escolar do campo e vem se constituindo numa experiência prazerosa e repleta de sentidos, oferecendo aos alunos possibilidades de autoria e ganhos cognitivos, porém agora com um novo olhar sobre o feito, já que estou repensando minhas ações à luz de reflexões teóricas, o que irá gerar, na recuperação dos acontecimentos, um intenso diálogo entre teoria e prática. A história está timidamente começando, mas muitos ensinamentos poderão ser extraídas de seu enredo...

2 MATERIAL TÊXTIL (caminhos para a escrita)

2.1 Narrativa de experiência

“A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.” Jorge Larrosa

Tornou-se um desafio narrar uma experiência devido ao desprestígio que há no meio acadêmico com narrativas, já que estão fortemente ligadas às tradições orais, aos relatos espontâneos. Nos espaços de produção do conhecimento científico, o narrar é visto como algo insignificante, desprovido de dados detalhados para validar sua racionalidade. Então, por que não seguir outro caminho e abandonar a difícil tarefa de provar a importância da narrativa de experiência como pesquisa acadêmica?

Todo o sujeito é autor de sua própria história e a constrói a partir de experiências. O ser humano é um ser histórico que se faz no tempo e no espaço. Larrosa (2004) define *experiência* como o que nos passa, o que nos acontece, ou o que nos toca. Percebe-se a importância do pronome *nos* em sua definição, pois é experiência tudo o que está relacionado ao sujeito, não como algo informativo, superficial, mas sim como uma vivência intensa estando, assim, a experiência cada vez mais escassa. Trata-se de compreender a experiência como um encontro existencial com algo ou alguém. Tudo isso em função da efemeridade das coisas, que passam sem que as percebamos. O autor utiliza-se da seguinte argumentação para justificar a raridade de experiências.

Em primeiro lugar pelo excesso de informação. A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, é quase o contrário da experiência, é uma antiexperiência. Por isso, a ênfase contemporânea na informação, em estar informados e toda a retórica destinada a constituirmos como sujeitos informantes e informados, não faz outra coisa que cancelar nossas possibilidades de experiência (LARROSA, 2004, p. 154).

É como se o homem só se preocupasse com as novidades, em estar sempre atualizado, em apropriar-se de muitos saberes, mas se esquecendo de deixar-se ser tocado, talvez até transformado pelo que lhe aconteceu. A informação coisifica o ser humano, enquanto a experiência, nessa perspectiva, o humaniza. A informação o torna passivo, a experiência um sujeito relacional, porque a experiência exige reciprocidade, presença, imediaticidade e responsabilidade. O autor, ainda sobre a escassez da experiência:

Em segundo lugar a experiência é cada vez mais rara por excesso de opinião. O sujeito moderno é um sujeito informado que além disso opina. É alguém que tem uma opinião supostamente pessoal e supostamente própria e às vezes supostamente crítica sobre tudo o que passa, sobre tudo aquilo do qual tem informação (LARROSA, 2004, p. 155).

Segundo ao autor, todo o ser humano opina a partir de informações adquiridas e faz parte de sua arrogância passar a vida opinando sobre qualquer coisa, só que toda essa obstinação faz com que seja anulada qualquer possibilidade de experiência, ou seja, que aconteça na vida do sujeito. A opinião é, nesse sentido, uma verdade provisória; a experiência torna definitivo o acontecimento. Outro fator que prejudica a existência da experiência é a falta de tempo, gerada pela rapidez moderna, pois o que passa em nossa vida passa de maneira efêmera, de acordo com o autor.

O acontecimento nos é dado de forma de choque, de estímulo, de sensação pura, na forma de vivência instantânea, pontual e desconectada. A velocidade com que nos são dados os acontecimentos e a obsessão pela novidade, pelo novo que caracteriza o mundo moderno, impede sua conexão significativa. Impede também a memória, já que cada acontecimento é imediatamente substituído por outro acontecimento que igualmente nos excita por um momento, mas sem deixar nenhuma marca (LARROSA, 2004, p. 157).

O sujeito moderno está sempre insatisfeito, cada vez necessita estar mais conectado com o mundo e seus acontecimentos e toda essa ansiedade faz com que nada lhe passe. Por isso que, toda essa velocidade com que vive o homem, a escassez de silêncio e de memória faz com que este mesmo sujeito não tenha experiências.

Somado a isso, o autor destaca ainda uma quarta justificativa para a dificuldade de se encontrar experiências, trata-se do excesso de trabalho. Ao mesmo tempo esclarece a diferença da experiência em discussão com a experiência do trabalho.

Existe um clichê segundo o qual nos livros e nos centros de ensino se aprende a teoria, o saber que vem dos livros e das palavras, e no trabalho se adquire a experiência, o saber que vem do fazer ou da prática, como se diz atualmente. Quando se redige um currículo, distingue-se formação acadêmica e experiência de trabalho. Tenho ouvido falar de certa tendência aparentemente progressista no campo educacional que, depois de criticar o modo como nossa sociedade privilegia as aprendizagens acadêmicas, pretende implantar e homologar formas de contagem de créditos para a experiência e para o saber da experiência adquirida do trabalho (LARROSA, 2004, p. 158).

Assim, para realmente a experiência ser de fato experiência é necessário que algo nos passe, nos toque. O excesso de trabalho desumaniza o ser humano e o impede de fazer experiências. O ato de trabalhar é inerente ao homem, mas o excesso robotiza o ser e torna raro o encontro com o outro.

Aceitando que a falta de tempo, o excesso de informação, o excesso de opinião e o excesso de trabalho são as causas maiores dessa raridade de experiências, o autor esclarece o que realmente deve acontecer para que ela se efetive.

(...) requer parar para pensar, para olhar, para, pensar mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender na lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA, 2004, p. 160).

Sobre o sujeito da experiência pode-se afirmar que deve ser aberto ao mundo, ou seja, é aquele que se deixa ser afetado, marcado pelo que passa nele. O ser é um lugar repleto de sensibilidade e receptivo. Primeiro porque acolhe o que lhe passa, segundo porque é disponível para receber os acontecimentos, mas não de qualquer maneira, e sim com prazer, paciência e zelo. Logo, é inimigo da experiência quem não se deixa ser tocado, quem nada acolhe, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe incita. A respeito da experiência no sujeito:

É experiência aquilo que nos passa, ou nos toca, ou nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto a sua própria transformação. Se a experiência é o que nos acontece e se o sujeito da experiência é um território de passagem, então a experiência é paixão (LARROSA, 2004, p. 163).

A experiência tira o homem da indiferença e do isolamento e lhe possibilita impactar e ser impactado. São as experiências que dão um colorido singular à pessoa, a diversidade que

enriquece e dinamiza a vida. Narrar uma experiência seria não narrar o que aconteceu, mas aquilo que **me aconteceu** e essa experiência faz parte da constituição do sujeito. Ao passo que nem todo o acontecimento tem como consequência uma experiência, a narrativa contrapõe-se a espontaneidade da tradição oral e é capaz de conceber novos sentidos para além da restauração de vivências, até porque é impossível voltar ao ponto de partida já que as experiências nos transformam.

A narrativa é um gênero que faz parte da história da humanidade (Lima, 2003) porque todo ser humano ao nascer começa a construir sua própria história e naturalmente a narra, concebendo a narração própria de sua existência e essencial para a sua relação com o mundo. O que valida o autor a narrar são as suas experiências colecionadas e selecionadas, as vivências com o seu meio social, familiares amigos, bem como os lugares a que frequenta e as circunstâncias que lhe são oferecidas. Todas essas situações cotidianas formam um emaranhado de elementos capazes de constituir o material têxtil, isto é, o enredo de nossas histórias, que são contadas e não acabadas, pois a partir do contexto que estão inseridas, do lugar que ocupam nas relações, outros elementos vão sendo acrescentados e a textura fica ainda mais diversificada.

A história narrada assume, então, outros sentidos, já que após ser concebida deixa de ser pessoal e passa a assumir um papel que é também do outro. Sobre essa relação com o outro que também gera experiência nos afirma Hohemberger (2009, p. 112) que “o diálogo autêntico, no qual o outro é percebível e aceito na sua totalidade, na sua unidade e na sua unicidade, sela o encontro dos homens, permitindo que cada um leve para o outro o testemunho não somente de si, mas também os valores comuns.”

O papel essencial desta pesquisa é narrar uma experiência longa, para que não se perca e para que com ela se possa aprender. Trata-se da reconstituição de um passado e da tentativa de resguardar o que nos passou, o que nos aconteceu, o que nos tocou.

Os sentidos não residem nas palavras, mas na interpretação dos fatos e ressignificação do acontecimento na vida. São construídos na interação, produzidos na confluência das histórias de quem narra e de quem as escuta (Lima, 2003). Esses sentidos são resultados que provém da ação da professora que possui a experiência e que ao tornar-se pesquisadora acaba se distanciando dela para narrar os fatos, assim como afirma o professor Wanderley Geraldi em (Lima, 2003): “o que torna algo narrável é o presente; sem ele ninguém narra nada. O momento da narrativa é o momento presente da enunciação, marcado por este e não pelo tempo do acontecimento”.

2.2 Letramento: projeto, evento e agente

É interessante resgatar o desenvolvimento da escolarização no Brasil para que se compreenda o conceito de letramento. Até 1960, os poucos alunos que frequentavam as escolas brasileiras eram oriundos de famílias consideradas “elite”, e o ensino de língua portuguesa seguia a tradição normativa-prescritiva (português padrão idealizado, fundado no português europeu). Uma década depois, com a democratização do ensino, a escola deixou de ser um espaço para poucos e começou a acolher as diferentes vivências linguísticas. Repentinamente, muda-se o cenário educacional brasileiro: a escrita passou do domínio de uns poucos para o saber universal, considerando direito de todos – e com isso a relação das pessoas com a língua escrita mudou radicalmente (cf. Kleiman, 2005).

Devido às mudanças quanto ao uso da língua escrita, a concepção do que seria já ser alfabetizado também foi mudando. Não bastava saber um código alfabético, era preciso que todo o ser humano conseguisse se comunicar com as esferas cotidianas. Eis que em 1980, necessitando de um termo que abrangesse toda essa nova situação do uso social da língua, surge na literatura especializada o termo *letramento*.

A relação entre o ensino da língua escrita com a perspectiva sociocultural do letramento parte justamente do “chão da sala de aula”, ou seja, dos interesses do grupo, formado pela professora que conhece a realidade de seus alunos e principalmente dos próprios alunos.

[...] não se trata de aprender o alfabeto, mas o funcionamento da língua escrita, levando em conta a situação sócio-histórica e cultural do aluno, sua época, suas necessidades, as exigências da sociedade, os papéis que se espera possa desempenhar, os novos instrumentos e tecnologias que se deseja que saiba usar (KLEIMAN, 2010, p.382).

Some-se a isso o ponto de vista de Rojo (2009, p.107) sobre o papel da escola: “[...] possibilitar que seus alunos possam participar das várias práticas sociais que se utilizam da leitura e da escrita (letramentos) na vida da cidade, de maneira ética, crítica e democrática.” Compreende-se, portanto, que a vocação da escola é ser espaço vital do letramento, proporcionando a todos, na diversidade própria de cada ambiente e na singularidade de cada pessoa, instrumentos eficazes de fomento e aperfeiçoamento da escrita e da leitura.

Kleimam (1995) define a escola como espaço de letramento privilegiada, por isso tem o dever de proporcionar aos seus sujeitos efetiva participação nas mais variadas práticas de

letramento. A autora ainda defende que todas essas práticas sociais do uso da língua deveriam ser parte estruturante do currículo escolar em todos os níveis, por meio de projetos de letramento que define como:

Um conjunto de atividades que se origina de um interesse real na vida dos alunos e cuja realização envolve o uso da escrita, isto é, a leitura de textos que, de fato, circulam na sociedade e a produção de textos que serão lidos, em um trabalho coletivo de alunos e professor, cada um segundo sua capacidade. O projeto de letramento é uma prática social em que a escrita é utilizada para atingir algum fim, que vai além da mera aprendizagem da escrita (a aprendizagem dos aspectos formais apenas), transformando objetivos circulares como “escrever para aprender a escrever” e “ler para aprender a ler” em ler e escrever para compreender e aprender aquilo que for relevante para o desenvolvimento e a realização do projeto (KLEIMAN, 2000, p. 28).

Portanto, não é um gênero determinado (muitas vezes destoante da realidade sociocultural da escola) o elemento estruturador do currículo, mas sim gêneros que são consequência de práticas sociais que circulam na escola e fora dela. Kleiman (2010) ainda argumenta sobre projetos de letramento: ele é um eixo estruturador das atividades em sala de aula, que permite ressignificar temas e conteúdos no contexto, em consequência de sua valorização pela turma. Em outras palavras é importante conceber a realidade social, como aborda a autora: como uma construção pelos participantes das ações sociais nas e pelas interações cotidianas nas instituições da vida social. De fato, a dinâmica do projeto de letramento demanda uma relação intensa entre as pessoas envolvidas e o conhecimento.

Ao analisar dados de uma experiência, Tinoco (2010) alega que ao vincular o conhecimento à experiência humana, as pessoas da comunidade do entorno passaram a ser vistas como sujeitos produtores de história; conseqüentemente, professores em formação e seus estudantes também assim se viam.

Certamente, o projeto de letramento oferece à comunidade escolar experiências envolvendo os processos de leitura e escrita, já que faz com que o texto circule de forma dinâmica, valorizando os aspectos locais, valorizados e legitimados pela escola (Kleiman, 2010). Por sua vez, na realização de um projeto de letramento surge o evento de letramento, prática de escrita colaborativa. Nesse caso, o individual é deixado de lado no momento da produção e a cooperação, mediada pelo professor, entra em ação.

O trabalho em grupo requer formas de participação diferenciadas e, dada a cooperação mútua entre os membros na realização das tarefas, o que determinado componente não faria sozinho passa a ser viabilizado pela soma de competências da equipe. Essa condução metodológica, que pauta o trabalho cooperativo, favorece a

distribuição do poder: o planejamento das atividades é coletivo, as atribuições são distribuídas, os resultados são compartilhados, o replanejamento das ações é negociado (TINOCO, 2010, p. 299).

O projeto de letramento já possui a característica de envolver o aluno e o evento de letramento é a reafirmação disso, é o momento em que professor e aluno se apropriam dos saberes, consolidando-os em conhecimento. Isso faz com que o aluno esteja constantemente motivado, estimulado a participar da proposta, pois ele sente-se protagonista, um descobridor, um verdadeiro tecelão, aonde cada fio das vivências vai compondo um emaranhado de fios, resultando uma textura de qualidade, significativa.

O professor exerce um papel importante como o agente de letramento na esfera escolar. Ele precisa assumir a postura de um pesquisador, ou seja, aquele que toma a prática profissional – na pluralidade que a constitui – como um de seus objetos de reflexão (Tinoco, 2010). Não quer dizer que o professor deva excluir de sua linha de ação a análise da língua, por exemplo, muito pelo contrário, pode-se trabalhar essa questão relacionando-a as diversas esferas de atividade na vida social do aluno. Cabe ao professor, portanto, a reflexão sobre as práticas significativas que deve desenvolver com seus alunos.

[...] o professor que adotar a prática social como princípio organizador do ensino enfrentará a complexa tarefa de determinar quais são essas práticas significativas e, conseqüentemente, o que é um texto significativo para a comunidade. A atividade é complexa porque ela envolve a partir da bagagem cultural diversificada dos alunos que, antes de entrarem na escola, já são participantes de atividades corriqueiras de grupos que, central ou periféricamente, com diferentes graus e modos de participação (...) já pertencem a uma sociedade tecnologicizada e letrada (KLEIMAN, 2007b, p. 1).

A propósito, o professor também ganha com a concepção do letramento, pois passa a ter mais autonomia para eleger o que é essencial para suas unidades de ensino, ele decide o rumo a tomar a partir da observação e diagnóstico em relação aos seus alunos e as suas vivências. Às vezes, é preciso ter “jogo de cintura” com os alunos, pois há questões em que o professor percebe a necessidade de algumas questões serem trabalhadas e que não atendem aos interesses do grupo, mais uma vez cabe ao professor à negociação para haja entendimento, entram aí mais algumas características do professor: percepção, capacidade de lidar com situações inesperadas e adequação vocabular.

De acordo com Kleiman (2007b), as práticas de letramento automaticamente modificam a tradição curricular dos conhecimentos. As atividades realizadas na sala de aula

tomam forma pela interação social e pessoas entre seus componentes, tudo isso a partir dos princípios das práticas sociais da linguagem. Nesse sentido, afirma a autora:

Se, na prática social, o aluno se depara com textos não simplificados, numa sala de aula em que a prática social é estruturante, o aluno deveria também se deparar com os textos que circulam na vida social: a facilitação, para que ele consiga vencer os obstáculos que a leitura de tais textos pode apresentar, é o trabalho coletivo: no trabalho com seus colegas, com diferentes saberes, pontos fracos e fortes, sob a orientação do docente. (KLEIMAN, 2007b, p. 11-12).

Destarte, o professor é convocado a repensar seu planejamento e considerar que seus alunos e os grupos sociais a que pertencem são heterogêneos, lembrando-se sempre sobre a importância de sua mediação para que os alunos vençam suas dificuldades, alicerçada no trabalho coletivo.

Logo, compreendemos que projeto e evento de letramento são momentos integradores de uma dinâmica revolucionária, porque não impõe um modelo único, fechado, ao contrário, se abstém de meros objetivos curriculares como “escrevemos para aprender a escrever”, que consideramos o “mínimo indispensável” no processo. Para buscar “o máximo possível”, e ser de fato transformativo, projeto de letramento parte da realidade escolar, promovendo uma relação intensa entre as pessoas envolvidas com a meta de apropriação de saberes e consolidação de conhecimentos. Assim, não haverá somente transmissão de conhecimento, mas acima de tudo, aprendizagem significativa que capacita os protagonistas (professor-aluno) a encarar outras práticas sociais da linguagem.

2.3 O jornal escolar como proposta pedagógica para Freinet e Bonini

Pensar sobre jornal escolar é simultaneamente pensar em Celestin Freinet (1974), criador de uma proposta pedagógica que vem se mantendo por décadas: trata-se de jornal escolar impresso, um aliado essencial em todo o processo educacional. A ideia surgiu a partir da insatisfação do educador com o sistema de ensino de sua época, arcaico e deplorável. Para ele, a escola deveria valorizar o contexto em que estava inserida, participando também das atividades externas, integrando os alunos ainda mais em sua realidade social e não manter-se isolada, com um ensino fragmentado. Então Freinet observou seus alunos e percebeu que necessitavam de um espaço para exporem suas ideias. Assim, baseado nas experiências,

desejos e interesses dos alunos (Tinoco, 2010), era colocado em prática o método do jornal impresso, possuindo uma perspectiva que vem ao encontro dos projetos de letramento, conceituado por Ângela Kleiman, linguista brasileira.

Um dos critérios essenciais na elaboração de um jornal escolar, segundo Freinet, é que ele deveria ser produzido inteiramente pelas crianças e/ou adolescentes, desde a produção dos textos até a organização das páginas e a impressão. Os jornais produzidos não tinham a intenção de serem fieis aos modelos convencionais, muito pelo contrário, o educador sempre afirmava:

São uma produção original que tem a partir de agora suas normas e as suas leis, que tem, é certo, as suas imperfeições, mas que apresenta também a vantagem histórica de abrir uma nova via de conhecimento da criança e de prática pedagógica de que o futuro mostrará a fecundidade (FREINET, 1974, p. 37).

Além disso, preocupava-se com os detalhes no processo de impressão, que também deveria ser comandado pelas crianças, para que houvesse um resultado final satisfatório. Freinet defendia o trabalho com jornal como uma ferramenta importante de trabalhos, eficaz para assegurar a motivação do grupo e entendia que a participação dos alunos no jornal escolar era garantida pelo espaço em que tinham para o diálogo, para escolhas e principalmente pelo estímulo à criatividade. A partir desses estímulos era gerada a experiência (algo que passava, acontecia e tocava os alunos), que resultava na produção do conhecimento.

Ao citar o termo *ferramenta de trabalho*, Freinet faz uma crítica ao desenvolvimento das atividades rotineiras de redação nas salas de aula e diz:

Se numa aula a redação não serve senão para ser corrigida e classificada pelo professor, se este está persuadido de que a criança não sabe pensar pela sua cabeça nem é capaz de criar e que precisa de se alimentar das riquezas do professor, este receberá sempre “os deveres”, mas nunca terá “obras” susceptíveis de serem o testemunho de uma personalidade (FREINET, 1974, p. 21).

Segundo o autor, o jornal escolar oferece além das vantagens já exemplificadas, outras de suma importância, como o auxílio na formação humana e cidadão do ser, por meio de virtudes que são trabalhadas no processo de elaboração do jornal. Outra vantagem que Freinet exalta é a nova relação que é construída entre os alunos e os meios escritos de comunicação, pois o trabalho direto com jornal escolar possibilita o despertar do senso crítico, levando o aluno a pensar sobre o que lê.

Utilizando o texto livre e o jornal, habituamos os nossos alunos a uma crítica da imprensa, à aceitação e procura dessa crítica. Aprendem a detectar, com um bom senso recuperado, a presença incorrigível da verborreia e da 'leitura', escondida sob o clamor de certas páginas. Aprendem, por experiência, a julgar as obras que lhe são apresentadas, e rapidamente se tornam aptos a descobrir o que esconde de falso e contraditório nas imponentes rubricas dos jornais (FREINET, 1974, p. 111).

Em síntese, o trabalho com o jornal escolar é um meio de proporcionar ao aluno uma iniciação à formação cidadã, além de ser um meio de integrá-lo mais ainda no espaço sócio-cultural, unir as práticas de sala de aula com a realidade vivida, fomentar a autonomia e a reflexão crítica da imaginação, bem como ser um espaço de criação e respeito às ideias e visões dos alunos.

A experiência de autoria, democracia, aprendizagem e cidadania pela qual podem passar os alunos se o trabalho com o jornal for bem orientado tem a ver com o fato do jornal não estar, não pode estar, não deve estar "a serviço de uma pedagogia escolástica que lhe diminuiria seu alcance. Deve estar, sim, à medida de uma educação que, pela vida, prepara para a vida (FREINET, 1974, p.78).

Outro autor que marca os estudos sobre jornal escolar sob à luz teórica de Freinet é Adair Bonini, da Universidade Federal de Santa Catarina. Para ele, o ensino-aprendizagem da linguagem é favorecido na escola quando se desenvolve o método do jornal escolar, partindo dos conceitos de gênero e letramento. Há uma preocupação, do autor, sobre a implementação do jornal impresso nas escolas e acredita que dois aspectos (o que chama de duplo papel do jornal) seriam de fundamental importância nessa caminhada. Primeiro, privilegiar o papel interacional do jornal e segundo, considerar a sua função como instrumento pedagógico.

A questão é exatamente a de se conseguir refletir e tomar posições quanto a esse duplo papel do jornal (de ser meio de interação e, ao mesmo tempo, objeto de ensino-aprendizagem) de modo a tirar proveito dessa dupla face. O que ocorre, nas duas experiências aqui consideradas, é que, positivamente, o jornal foi pensado como um instrumento da aprendizagem de leitura e escrita (BONINI, 2011, p. 159).

Bonini também alerta sobre a composição do jornal, pois para que atenda os seus objetivos deve-se haver um equilíbrio em suas funções. É adequado pensar no jornal como um espaço que atenda várias demandas: seções que sejam coerentes com a identidade dos alunos; seções que possibilitem a enunciação dos professores, da esfera escolar; divulgação de texto

copiados como piadas, jogos, letras de músicas; equilibrando, como afirma o autor, o “ser mídia dos alunos e instrumento pedagógico”, sem desatender os aspectos convencionais da esfera jornalística. Numa proposta de trabalho com jornal escolar o autor relata que em sua metodologia o aluno não toma todas as decisões, já que houve uma intervenção anterior pelo professor no que diz respeito a apropriação do conceito de gênero, linguagem adequada para a atividade, bem como o trato crítico com a mídia.

Um pequeno conjunto de gêneros do jornal convencional que possibilita, aos alunos, conhecer essa mídia em termos de seus mecanismos textuais e discursivos e que, ao mesmo tempo, pode ser utilizado na montagem de um pequeno jornal escolar que possa funcionar como autêntica mídia dos alunos (BONINI, 2011, p. 162).

No modelo proposto, o autor selecionou as seções que comporiam o equilíbrio na dupla função do jornal, seriam: capa, opinião, notícias do (a)... [do colégio, do bairro, do movimento x, etc.], conhecer sobre... [temas específicos dentro de uma linha de abrangência] e ação cultural (atividades culturais e falas sobre elas), observando que todas as seções e seus gêneros podem conter gêneros auxiliares. Destaca, ainda, a necessidade da fotografia ser um dos primeiros gêneros a ser trabalhado previamente com os alunos, considerando sua importância como ferramenta jornalística. Por certo, Bonini não quer padronizar o trabalho com jornal escolar, mas oferecer reflexões que ajudem o professor a pensar modos alternativos para desenvolver esse projeto de letramento. Se bem planejado e conduzido, esse tipo de atividade contribuirá significativamente para a ressignificação do ensino de leitura e escrita nas escolas. Para isso, requer-se do professor uma atitude reflexiva, como argumenta o autor:

Certamente não é possível trabalhar a produção do jornal escolar sem passar pelo trabalho com vários gêneros do jornal convencional. Não parece produtivo que se considerem todos esses gêneros em um único momento. Decidir quais gêneros ensinar, como e em qual momento é uma questão que exige planejamento, prática e uma reflexão sobre essa prática que vá realimentar o planejamento e, portanto, renovar e aperfeiçoar a prática (BONINI, 2011, p. 170).

Por último, fica a sugestão do Bonini e que estou atendendo, de alguma forma, com esta pesquisa, de que os bons resultados oriundos de experiências com o jornal escolar “ainda possam ser melhorados em futuras pesquisas, caso se consiga chegar a um ponto em que haja

uma melhor calibragem da participação autoral do professor e dos alunos na organização da experiência”.

2.4 Gêneros do discurso para Bakhtin

Mikhail Bakhtin (1895 – 1975) é um dos autores mais citados no Brasil no que concerne aos estudos sobre gênero⁴. Para ele, as relações entre linguagem e sociedade são indissociáveis, pois há um diálogo que figura entre as diferentes esferas da atividade humana, produzindo formas relativamente estáveis de enunciados, denominados gêneros discursivos (Bakhtin, 2011). O gênero, mesmo que os falantes não se deem por conta disso, é o meio pelo qual se utiliza a língua e são tantos os gêneros discursivos que acabam abrangendo todas as situações de comunicação, sejam orais ou escritas.

Para existir a interação verbal são necessárias as formas da língua materna - gramática (regras) e léxico (vocabulário) - além disso, as formas do discurso - gêneros - formas flexíveis, ágeis, dinâmicas, que acompanham as mudanças sociais da língua(gem). Os gêneros estão sempre ligados a algum tema e a um estilo, com uma composição própria, e com eles executamos de modo inevitável, desde que usemos a língua. Segundo a visão bakhtiniana, os gêneros possuem três dimensões que os constituem: o conteúdo temático (conteúdos gerados numa esfera discursiva com suas realidades socioculturais); o estilo (seleção lexical, frasal, gramatical, formas de dizer que têm sua compreensão determinada pelo gênero); construção composicional (ações que se referem à estruturação e acabamento do texto).

Sobre os gêneros discursivos, explica-nos Bakhtin:

Esses gêneros do discurso nos são dados quase como nos é dada a língua materna, que dominamos com facilidade antes mesmo que lhe estudemos a gramática [...] Aprender a falar é aprender a estruturar enunciados [...] Os gêneros do discurso organizam nossa fala da mesma maneira que a organizam as formas gramaticais. [...] Se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível (BAKHTIN, 2000, p. 301-302).

⁴ Segundo Roxane Rojo (2000) há duas vertentes enraizadas em diferentes releituras da herança bakhtiniana, sendo que a primeira – teoria dos gêneros do discurso – centrava-se, sobretudo, no estudo das situações de produção dos enunciados ou textos e em seus aspectos sócio-históricos e a segunda – teoria dos gêneros do texto-, na descrição da materialidade textual. Quando nos baseamos em Bakhtin, pensamos em *gêneros do discurso*, termo amplo, mesmo que Bonini (2011) – referencial teórico desta pesquisa- use a terminologia *gênero textual*.

Para Bakhtin (2011) qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual. No entanto, cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo por isso denominado gêneros do discurso e sobre estes, o autor enfatiza, ainda, a existência de uma heterogeneidade, tantos nos orais quanto nos escritos, como as saudações, bilhetes até discursos em eventos oficiais e textos científicos. Entretanto, há algo que diferencia, essencialmente, os gêneros, não em relação a sua funcionalidade (enunciados verbais), mas sim em relação às condições de um convívio cultural mais ou menos intenso, mais ou menos desenvolvido ou mais ou menos organizado (nível de complexidade em que se apresentam), trata-se dos gêneros discursivos primários (bilhetes, avisos, cartas) e dos gêneros discursivos secundários (romances, palestras, pesquisas científicas). Estes acabam tomando por uso, e de certa forma reelaborando diversos gêneros primários simples. O gênero e o enunciado se relacionam de maneira inusitada, já que este não pode ser repetido e é individual e aquele é relativamente estável e coletivo.

A respeito das esferas comunicativas, Bakhtin (2011) as subdivide-se em: esferas do cotidiano (familiares, íntimas, comunitárias etc.), que dão origem aos gêneros primários; e esferas dos sistemas ideológicos constituídos (da moral social, da ciência, da arte, da religião, da política, da imprensa etc.) que por sua vez dão origem aos gêneros secundários. Cada membro do ato comunicativo adota gêneros específicos de acordo com suas finalidades ou intenções comunicativas a partir de uma das esferas comunicativas citadas acima. Dessa forma, os gêneros vão sofrendo modificações em função do contexto histórico em que seus autores estão inseridos.

Ainda sobre a compreensão da importância do contexto de produção do enunciado e do gênero:

[...] faz-se necessária uma noção precisa da natureza do enunciado em geral e das particularidades dos diversos tipos de enunciados (primários e secundários), isto é, dos diversos gêneros do discurso. O desconhecimento da natureza do enunciado e a relação diferente com as peculiaridades das diversidades de gênero do discurso em qualquer campo da investigação linguística redundam em formalismo e em uma abstração exagerada, deformam a historicidade da investigação, debilitam as relações da língua com a vida. (BAKHTIN, 2011, p. 264-265).

Assim, é por meio da fusão “língua que integra a vida por meio de enunciados concretos” e “enunciados concretos sendo meio para a vida entrar na língua” que se garante a

interação entre os seres, pois todo o enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva (Bakhtin, 2011).

Logo, para o autor, só falamos, escrevemos e nos comunicamos por meio dos gêneros discursivos. Em qualquer estudo sobre a língua, é preciso que se envolva de maneira intensa as modalidades de gêneros, já que representam a língua viva, a linguagem em uso. As experiências oriundas das situações comunicativas e o contato com os diferentes gêneros discursivos é que irão apurar as competências linguísticas do produtor de enunciados.

Quanto melhor dominamos os gêneros tanto mais livremente os empregamos, tanto mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade (onde isso é possível e necessário), refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação; em suma, realizamos de modo mais acabado o nosso livre projeto de discurso (BAKHTIN, 2011, p. 285).

Assim, quanto mais experiente for o sujeito, mais se adequará as diversas situações de comunicação, diferenciando gêneros e reconhecendo os seus sentidos e estrutura. O que proporciona a ele possibilidades de autoria no que produz, seja oral ou escrito.

3 DO ALVEJAMENTO À ESTAMPAGEM (caminhos da metodologia)

*"Os pequenos detalhes são sempre os mais importantes."
Sherlock Holmes*

Tal pesquisa afirma-se metodologicamente enquanto qualitativa, pois como explica Cruz Neto (1994) esse modelo não se restringe à utilização de instrumentos apurados de coleta de informações para dar conta de seus objetivos. Para além dos dados acumulados, o processo de pesquisa deve levar à reformulação dos caminhos investigativos e, nessa dinâmica, podemos tornar agentes de mediação entre a análise e a produção de informações. Além disso, Cavalcanti e Moita Lopes (1991) apontam como características da pesquisa qualitativa elementos que se adéquam ao caráter deste trabalho, como ser uma pesquisa eminentemente exploratória; não exigir hipóteses prévias nem categorias rígidas de análise; possibilitar uma teorização calcada nos dados e preocupar-se com o particular. Assegura Duarte (1998) que o rigor de uma pesquisa dessa natureza não se mede apenas por comprovações, de estatísticas, mas justamente pela amplitude e pertinência das explicações e teorias, ainda que estas não sejam definitivas e não sejam generalizáveis os resultados alcançados.

Diante do exposto, demonstra-se a coerência da qualidade da pesquisa com o paradigma indiciário, já que se busca compreender realidades não percebidas diretamente. Portanto, é por meio do paradigma indiciário que buscarei refletir sobre a constituição do jornal escolar “O Maracanã” em uma escola do campo, considerando quatro aspectos: o trabalho realizado pela professora-coordenadora, as possibilidades de autoria dos alunos, os conteúdos (gêneros) explorados e, ainda, o papel social que o jornal desempenha na comunidade.

Assim, após dissertar sobre narrativa de experiência, letramento e suas composições, além da importância do jornal escolar e os gêneros discursivos, faz-se necessário adentrar no elemento essencial de nosso tecido, o modo como os fios se unem, ou seja, a metodologia. Nesse capítulo descreverei, inicialmente, a constituição da escola e seus dados atuais, bem como a descrição da comunidade, posteriormente relatarei o objeto da análise e a perspectiva metodológica utilizada na análise de dados, que está pautada, sobretudo, pelo paradigma indiciário de investigação explicitado pelo italiano Ginzburg.

3.1 A escola e a comunidade

A descrição a seguir tem como fonte o livro “Uma escola passada a limpo”, *Um resgate histórico* (Silva, 2007), além das vivências no espaço educacional e na comunidade, bem como dados oferecidos pela secretaria da escola.

Durasnal, local onde está localizada a EMEB João André Figueira, é o 3º subdistrito de Alegrete, denominado Passo do Fermino (numa aprazível coxilha) e acha-se localizado a 35 Km da cidade de Alegrete. A origem do nome, segundo informações de pessoas do lugar, se deriva de “durazno” (pêssego em espanhol), devido ao grande “durasnal” (pessegueiral) que havia nas taperas de uma tribo indígena a mais de 200 anos, localizada ao norte a mais de 2.000 metros do local da Escola Rural. Segundo historiadores, aquela tribo era de “Charruas”.

O terreno para a construção da escola foi doado pelo Sr. Pedro Rodrigues Dorneles, medindo 4ha, o mínimo exigido pelo plano de escolas rurais. Foi passada uma procuração especial próprio ao Sr. Octalívio José da Silva e este passou a escritura ao município, em 1949. A construção foi iniciada em julho de 1949, com a extração de pedras para os alicerces, prosseguindo a construção do prédio, em outubro, ainda do mesmo ano e terminada em março do ano de 1951. Mandado construir pela Prefeitura “sob o convênio” com o Estado e a direção do Diretor-Chefe de Obras e Viação da Prefeitura de Alegrete, Sr. Danilo Pinto. Foi construído o edifício, onde eram ministradas as aulas, contendo um apartamento para a família do professor, uma caixa de água e o poço para captação de água. Ao redor do terreno foi colocado cerca.

As aulas tiveram início em 21 de maio de 1951 sob o decreto de criação 1.119 de 27 de fevereiro de 1950. Foram influentes na localização da Escola Rural de Durasnal os senhores Artur Bento Hormain (prefeito) e Antônio Dorneles Antunes (sub-prefeito) do Distrito do Passo do Fermino. Houve a denominação de Escola Rural Prof. “João André Figueira” pelo Decreto 1.190 de 27 de março de 1950 e em 11 de julho de 1963, Dec. Nº 15.285, passou a chamar Escola Rural de Durasnal. Entretanto, em 13 de agosto de 1965, a escola foi destruída por uma tormenta, ficando somente as paredes, não houve vítimas, as aulas foram suspensas até o fim do ano por não haver lugar, reiniciando em fevereiro de 1966.

Transformou-se em Escola Rural Reunida pelo decreto nº 19.067 de 04 de maio de 1968 e em 1989 houve a implantação na Escola de 1º Grau Prof. João André Figueira do Polo Educacional do Durasnal pelo Parecer 108/89. A municipalização da escola ocorreu a partir de 1999, sendo designada E.M.E.F. Prof. João André Figueira pelo Parecer nº 1162/98 do

CEE. A escola cognominada Polo Educacional do Durasnal desde 1989, reuniu alunos de várias Escolas Rurais Unidoscentes existentes na localidade de: Querumana , Parové, Várzea Verde, Lajeado Grande e Itapevi. Sendo elas: Crescêncio Ferreira Lima, Daciano Machado, Napoleão Fernandes, Sepé Tiarajú, David Canabarro, Israel Pires de Almeida, Miguel Marzulo, Delfino Antunes da Silva, Jacinto Antônio Aurélio, João Dorval de Almeida, Olavo Bilac e Brandinarte Antunes.

A entidade mantenedora é a Prefeitura do Alegrete – RS, por meio da Secretaria Municipal de Educação e Cultura. A alimentação é oferecida pela SEC, através do Setor de Merenda. Durante o ano letivo são servidas em média 2.205 refeições semanais entre o café da manhã, almoço e lanche da tarde, 8.820 refeições mensais.

A EMEB João André Figueira conta com a matrícula de 147 alunos, sendo que a maioria são filhos de pequenos produtores rurais; 19 professores (cinco residem no campo e os demais na cidade), 8 funcionários e 5 motoristas. Mantém as seguintes modalidades de ensino: Educação Infantil níveis A e B, Ensino Fundamental de 8 e 9 anos e Ensino Médio.

Sua filosofia é: “ao vivenciar o presente com suas diversidades, traçar metas para o futuro e promover a construção do conhecimento, busca-se a autonomia da consciência crítica e a valorização do ser humano”. A equipe gestora é composta por diretora, vice-diretora, coordenadora pedagógica e orientadora educacional.

A escola conta com o apoio e a participação do Conselho Escolar e do CPM. Acolhe o Programa Mais Educação, com as seguintes oficinas: Canteiros Sustentáveis, Arte Corporal e Jogos, Esporte e Acompanhamento Pedagógico desenvolvidas por cinco monitores, além do Programa Mais Cultura, que oferece visitas guiadas a locais históricos, aulas de canto, declamação, dança de salão e dança tradicional gaúcha. De acordo com o tema “A Escola como Espaço de Mediação na Construção de Novos Sujeitos”, trabalha com os seguintes projetos: Feira do Livro “Um Mundo Imaginário”, Preservando e Harmonizando o Ambiente Escolar, Projeto Incentivando a Leitura, Mostra de Iniciação Científica, Projeto Escovação, Projeto Amigos da Escola e, claro, o projeto Jornal na Escola “O Maracanã”.

A escola está inserida num subdistrito significativamente povoado. Além da instituição educacional, a localidade conta com um espaço econômico importante, a Casa do Produtor do Durasnal, onde os moradores, entre eles muitos pais de alunos e até mesmo ex-alunos, comercializam seus produtos, que variam entre queijo, salame, pães, bolachinhas, rapadurinhas, geleias, vinhos, carnes, sabões, artesanatos e muitos outros. Essa casa foi fundada em 25 de junho de 2004, projeto executado pela Prefeitura Municipal de Alegrete,

com apoio da Secretaria de Educação, Secretaria de Agricultura, Secretaria de Ind. e Comércio, Centro Empresarial e SEBRAE.

Quanto ao aspecto religioso, há na localidade um templo da Igreja Adventista e, também, missas mensais realizadas nas dependências da escola fora do horário escolar. O padroeiro da comunidade Católica é São Pedro. Mas é o tradicionalismo o ponto forte do local, pois na região há o Centro de Tradições Gaúchas “Oswaldo Aranha”, fundado em 1968, uma entidade voltada à cultura e aos valores do Rio Grande do Sul. São realizados no CTG formaturas, palestras e muitos alunos, pais e professores são sócios da entidade, participando de eventos na Semana Farroupilha, Baile da Prenda Jovem, Rodeio Crioulo, desfile e bailes. Também destacamos o Grupo Namir Giovane Antunes e o Piquete Tradição do Parové, que são filiados ao CTG e contêm expressiva participação de alunos da escola.

A partir desses dados é possível traçar o perfil dos sujeitos da pesquisa e da comunidade na qual a escola está inserida.

3.2 O objeto da análise

Para atender ao objetivo geral da pesquisa que é perquirir e narrar a experiência com o jornal escolar “O Maracanã”, optei por selecionar os trinta e cinco exemplares existentes até o momento. O principal motivo da escolha se deve pela história construída pelo jornal ao longo de dez anos. A transição do que era para o que atualmente é sugere interpretações e questionamentos acerca da constituição do projeto de letramento “jornal escolar”.

O jornal “O Maracanã”, criado em 2005, é um projeto que sempre objetivou intervir na leitura e na escrita de alunos da escola do campo João André Figueira. É comercializado não para visar lucros, mas sim para ajudar a pagar os custos, já que o valor fornecido pelo grupo de patrocinadores não cobre o total das despesas. O jornal é impresso em folha A4, em impressora a *laser*, possui quatorze páginas e hoje o custo de cada unidade é de R\$ 2,10 e ele é vendido a R\$ 2,00. Cabe destacar que cada aluno-redator, responsável pela edição, recebe gratuitamente um exemplar.

Quanto à dinâmica do jornal, cabe dizer que é simples, mas de forma colaborativa. Reunimos-nos (professora e alunos da turma x) para discutirmos os conteúdos da edição, sempre há a necessidade da mediação para que não haja nenhum embate no momento das definições. Depois cada aluno e/ou grupo parte para a execução das tarefas, acompanhados por mim, na medida do possível. Quando a coleta e/ou produção das matérias estão prontas, é

o momento da revisão. Partimos, então, para a digitação e formatação. Uma última revisão é feita e o jornal é encaminhado para a empresa que o reproduz. Cabe dizer que os conteúdos do jornal são voltados para os alunos da escola, seus pais e também aos moradores da localidade.

3.3 O paradigma indiciário

O paradigma indiciário, surgido no começo do século XIX, age por meio de indícios, pistas, que podem conduzir a caminhos/fatos que revelam a singularidade e a uma compreensão mais completa dos acontecimentos. Indo mais além, tal metodologia contempla as especificidades do objeto em estudo e trabalha com a imaginação criativa no percurso da análise e da pesquisa, fazendo uma busca minuciosa por achados.

O italiano Carlo Ginzburg apresenta em seus estudos a origem do modelo indiciário, voltado para as análises qualitativas e que os embriões desse método são práticas humanas como as da caça e da adivinhação, atividades desenvolvidas pelo ser humano por muito tempo, já que necessitava fazer algo para sobreviver.

Essas competências foram deixadas como herança para muitas descendências por meio de fábulas, visto que os caçadores para relatarem os fatos os ordenavam em uma sequência, formando, assim, uma narrativa. “O caçador teria sido o primeiro ‘a narrar uma história’ porque era o único capaz de ler, nas pistas mudas, uma série coerente de eventos. ‘Decifrar’ ou ‘ler’ as pistas dos animais são metáforas” (GINZBURG, 1989, p.152).

A realidade era transmitida pelo saber venatório que consiste em passar de fatos insignificantes (aparentemente), para a realidade complexa, através de pistas, indícios, muitas vezes deixados de lado.

Com o objetivo de iluminar a compreensão sobre o método utilizado no paradigma indiciário, Ginzburg (1989) relacionou técnicas usadas em diferentes áreas da investigação, como “a autenticidade de obras de arte, o método empregado por Giovanni Morelli, o método da investigação detetivesca de Conan Doyle, através de Sherlock Holmes, e o método psicanalítico de Freud” (...).

Ginzburg relata que o médico Giovanni Morelli para desvendar mistérios acerca de falsificações de obras de arte, utilizou uma técnica que permitia identificar as obras originais das obras que eram copiadas. Para solucionar o caso, Morelli indicava a necessidade de não se basear detalhes mais comuns e sim em apreciar os pormenores da obra, destacando e

identificando as verdadeiras marcas de autoria, oriundas de seus artistas. Por isso, Ginzburg associou as atitudes do médico às do detetive Sherlock Holmes, pois os métodos utilizados são semelhantes, já que a investigação é pautada na seleção de pistas, na busca de minuciosos detalhes.

O paradigma indiciário também se ocupa da investigação de fatos que possam levar à elaboração de hipóteses testáveis. Nesse ponto, o método de Sherlock Holmes torna cada vez mais evidente o caráter científico no qual se estrutura a investigação indiciária. O processo de aceitação de uma hipótese explicativa que determine as causas de um “fato surpreendente” exige constante trabalho lógico, implicando a observação criteriosa de qualquer fenômeno passível de constituir uma hipótese. Nesse caso teríamos a abdução como a elaboração de hipóteses provisórias de possíveis explicações para a solução de problemas científicos, enquanto a dedução se enquadraria numa hipótese em um referencial teórico. Assim, nada seria aceito como verdade sem passar pelo funil da rigorosa validação alicerçada em profunda reflexão.

Outro fato relevante colocado por Ginzburg (1989) é o surgimento de novas disciplinas que excluam a ideia de textos divinatórios mesopotâmicos, escritos a partir do terceiro milênio a.C.. Seria “o corpo, a linguagem e a história dos homens submetidos pela primeira vez, a uma investigação sem preconceitos” (p.155).

O paradigma indiciário desempenhou um papel de extrema importância nesse contexto, visto que inseriu na medicina a noção de sintoma.

Ora, é claro que o grupo de disciplinas que chamamos de indiciárias (incluída a medicina) não entra absolutamente nos critérios de cientificidade deduzíveis do paradigma galileano. Trata-se, de fato, de disciplinas eminentemente qualitativas, que têm por objetos casos, situações e documentos individuais, enquanto individuais, e justamente por isso alcançam resultados que têm uma margem ineliminável de casualidade: basta pensar no peso das conjeturas (o próprio termo é de origem divinatória) na medicina ou na filologia, além da arte mântica (GINZBURG, 1989, p.156).

A ciência galileana distanciava-se do paradigma indiciário porque não utilizava o individual como parâmetro para suas análises. Assim, nesse modelo, quanto mais eram apontadas e consideradas questões individuais, mais se esgotavam as chances de um resultado rigoroso.

Com relação ao rigor científico das disciplinas indiciárias, o autor explica:

[...] o rigor flexível (se nos for permitido o oxímoro) do paradigma indiciário mostra-se ineliminável. Trata-se de formas de saber tendencialmente *mudas* – no sentido de já dissemos, suas regras não prestam a ser formalizadas nem ditas. Ninguém aprende o ofício do conhecedor ou de diagnosticador limitando-se a pôr em prática regras preexistentes. Nesse tipo de conhecimento entram em jogo (diz-se normalmente) elementos imponderáveis: faro, golpe de vista, intuição (Ginzburg, 1989, p. 179).

A intuição demonstrada pelo autor nada tem a ver com mística e deve ser entendida como uma capacidade humana, em que todo o sujeito é capaz de compreendê-lo a partir de suas histórias de relação com o mundo. Ainda sobre o rigor flexível:

Quando deparamos com o desequilíbrio causado pela perda das certezas, procuramos algo que nos leve ao reequilíbrio. Desiste-se do rigor absoluto antes procurado, aceitando o limite, a possibilidade de um rigor flexível. Um rigor flexível que nos permita “garimpar” as pistas que emergem do cotidiano (GINZBURG, 1989).

No entanto, nem todas as formas de conhecimento indiciário se beneficiavam ou se beneficiam do prestígio que há no caso da medicina.

Esse tipo de conhecimento qualitativo tem forte relação com o conhecimento do dia a dia, pois nasce da experiência, da concretude da experiência e nesta concretude está toda a força e o limite desse tipo de saber que é incapacidade de servir-se do forte instrumento da abstração (GIOVANI, 2006, p. 61).

É notável o encanto de Ginzburg pela investigação, já que em alguns momentos se descreve como um detetive que examina indícios imperceptíveis para a maioria das pessoas. Ginzburg alerta sobre a necessidade de se deter no que está menos visível, seu método leva a apreciar os detalhes, os pormenores de um objeto de análise.

Aburre et al. (1997) destacam a importância do paradigma indiciário nas questões relacionadas a sujeito/linguagem. Alguns aspectos individuais, sem bem observados, são indícios importantes do processo, por meio dos quais se vai constituindo e modificando a complexa relação entre sujeito e linguagem. A análise do singular pode criar caminhos para uma discussão significativa sobre o processo de aprendizagem. Como afirmam as autoras:

Uma reflexão fundada na adoção de um paradigma indiciário e voltada para a discussão do estatuto teórico dos comportamentos singulares, pode vir a contribuir para uma melhor compreensão da relação que se instaura, a cada momento, do processo de aprendizagem, entre as características eventualmente universais dos sujeitos e as diversas manifestações de sua singularidade (ABURRE et al., 1997, p. 17).

Assim, é notável a importância do paradigma indiciário para a ressignificação das práticas com a leitura e a escrita nas salas de aula, pois a partir dos pormenores podemos vislumbrar a realidade e penetrá-la, para compreendê-la e, posteriormente, intervir de modo mais eficaz possível.

3.4 Relações do paradigma indiciário com a pesquisa

Posto que o paradigma indiciário concede rigor metodológico para análises do tipo qualitativas, buscando compreender realidades quase imperceptíveis, esse método tornou-se fundamental para buscar respostas à questão de pesquisa deste trabalho.

Definido o objeto de estudo, o jornal escolar “O Maracanã”, haverá uma busca incessante por indícios, partindo dos mínimos detalhes, por meio de minha sensibilidade como pesquisadora para que se interprete e compreenda a constituição do jornal em uma escola do campo, no município de Alegrete / RS. Decidi por fazer um trajeto lento, movido pelo duvidar do que se parece óbvio, pois aquilo que representa algo descartável contém indícios possíveis para decifrá-lo.

Para tanto, assim como Morelli descobre o verdadeiro autor da obra baseado em indícios imperceptíveis pela maioria, a intenção é a de buscar nos dez anos de existência do jornal/trinta e cinco exemplares, indícios de sua trajetória, desvendando alguns pontos invisíveis para se construir um processo interpretativo de constituição do projeto de letramento. Tomando como base o paradigma indiciário, lembremos que, para o detetive Sherlock, investigação exige conhecimento, poder de observação, bem como poder de dedução, buscando elementos que indiciem e reconstituam um fato acontecido (Duarte, 1997). Um detetive só consegue observar algum fato relevante, quando já possui algum conhecimento sobre o objeto a ser investigado para que consiga fazer relações e decifrações.

Como a dedução fica na dependência de premissas e não é capaz de ir além daquilo que é determinável como direta consequência destas, e distintamente da indução que não consegue ir além daquilo que se pode inferir a partir de um acúmulo de dados e que permite, portanto, só uma ampliação quantitativa do conhecimento, a abdução possibilita a ampliação cognoscitiva, não só quantitativa, mas também qualitativa (GIOVANI, 2010, p. 114).

Logo, para o processo interpretativo do *corpus* deste trabalho é a abdução que irá gerar a interpretação racional de pistas, de sinais, de indícios.

No caso da pesquisa sobre o jornal escolar, já existe esse conhecimento prévio, porque desde o início das atividades eu já compunha o grupo de coordenadores do projeto, sem pretensão de transformá-lo em objeto de pesquisa. A partir das vivências, que não são poucas, meu olhar passa a ficar apurado, como um médico que ao examinar seu paciente identifica também pelo relato dos sintomas determinado problema patológico. Assim, como professora-coordenadora do jornal, ao olhar com certo distanciamento o objeto de estudo, identifico sinais e pistas importantes para a busca de uma realidade mais profunda, considerando o conhecimento e o poder de observação. Logo, frente ao meu próprio fazer, buscarei partilhar uma experiência (Larrosa, 2004) movida a falhas e sucessos e, motivar, significar outras ações educativas em meio a tantas escolas de educação básica.

4 O TECIDO EM EXPOSIÇÃO (Jornal escolar “O Maracanã”)

*“Eu quase que nada não sei. Mas desconfo de muita coisa.”
Guimarães Rosa*

Neste capítulo, narrarei aquilo que se passou comigo nos dez anos do projeto de letramento com jornal escolar. A seleção dos acontecimentos originar-se-á de um processo de reflexão sobre os fatos que marcaram minha experiência como agente de letramento, muitos deles já esquecidos, quietos, entretanto será no exercício da rememoração, já que terei a minha frente todos os exemplares do jornal, que interpretarei e representarei as experiências. Portanto, a partir da análise e de um olhar apurado irei recuperar essas memórias. Ao narrá-las, estarei indiciando-as, já que a abdução é o modo de fazer a ciência que se origina da *experiência e do olhar atento* (Ferrara, 1999). Relembrar as experiências passadas e, por meio de seus sentidos, desconstruí-las, produzindo um outro olhar, é uma das tarefas desta análise.

No entanto, este trabalho não se trata apenas de uma narrativa de experiência, mas a construção de uma reflexão científica (teórica) sobre a importância do uso de instrumento (ou ferramenta pedagógica) no processo de letramento. A narrativa só é importante porque o processo exige instrumentos eficazes, que realmente dinamizem o ensino e torne o aluno um sujeito de sua produção textual, capaz de escrever na realidade e compreender/interpretar sua existência.

Sobre a seleção dos acontecimentos, advindos do olhar para tantos exemplares de jornais gerados no processo, narrarei os episódios mais importantes por suas singularidades e expressividades no contexto escolar. Vasculharei as minhas atitudes enquanto professora, mas também minhas muitas aprendizagens⁵ no caminho percorrido e as muitas experiências eternizadas. Buscarei, pelos indícios, relatar as motivações dos alunos para se engajarem no projeto, os diversos meios de participações e as inúmeras possibilidades de autoria, ou melhor, descrever como se constituiu esse processo de autoria envolvendo a escrita colaborativa. Logo, tratarei sobre os conteúdos do jornal: a escolha, o pensar no leitor, a organização dos gêneros e principalmente a constituição do gênero entrevista, auge do envolvimento dos alunos e comunidade.

Toda essa história existiu e chegou a hora de contá-la e avaliá-la à luz de uma reflexão crítica, a partir de uma bibliografia especializada no tema, para propor novos caminhos que elucidarão a eficácia deste instrumento pedagógico, o jornal escolar.

5. Aprendizagem é um estado permanente de “estar-em-processo-de-aprender” (ASSMANN, 1998)

Serão itens deste capítulo, rememorados a partir da análise de todos os exemplares do jornal nos 10 anos de sua existência:

4.1 – Afinal, quem é a professora?

Recuando no tempo, tento encontrar meus começos que são muitos. Trata-se de uma história que, assim como as demais possui personagens importantes. E graças a essa história é que essa pesquisa se constituiu.

Lembro-me com precisão de meus avós maternos Irena e Jacob, moradores do interior do pequeno município de Mata-RS, descendentes de italianos e que, apesar do pouco estudo, liam com frequência a Bíblia e participavam da missa como eloquentes cantores. Matricularam os cinco filhos na escola, mas o intenso serviço na roça os fez abandonar os bancos escolares. Minha mãe conclui a 4ª série (hoje 5º ano), mesmo assim escrevia a meu pai lindos poemas e versos românticos no seu caderno de folhas amareladas. Meus avós paternos, descendentes de alemães, moravam numa localidade vizinha. Estudaram pouco, o que os motivou a oferecer aos oito filhos a frequência na escola. Minha vó Joana sempre enaltecia a didática do seu primeiro professor que ministrava aulas em alemão e lamenta, profundamente, o fato de terem o proibido de ensinar esse idioma durante a Campanha de Nacionalização do Governo Vargas⁶. Conta que seu livro em alemão está guardado com amor. Meu pai não concluiu a 5ª série (hoje 6º ano) por motivos de saúde, hoje faz cálculos com maestria. A vida também lhe ensinou.

Eu e meus irmãos vivemos pouco tempo na roça, lá nosso contato com textos impressos era raro, apenas a Bíblia. Já com a oralidade, ah, isso era fascinante, pois naquele lugar existiam pessoas apaixonados por histórias, mesmo no trabalho árduo contavam causos sem parar. Nós, crianças, brincávamos sob a sombra das árvores, ríamos dos causos do Pedro Malazarte⁷ e tínhamos medo das histórias de lobisomens... aquilo realmente nos encantava.

Em 1989, quando eu tinha seis anos, houve uma seca muito grande na região e tivemos que mudar da cidade de Mata para Alegrete (ambas situadas no Rio Grande do Sul). No dia da mudança, um dos mais tristes de minha infância, ganhei meu primeiro livro, uma Bíblia Sagrada. Minha vó Joana, chorando, disse que aquele livro deveria nos acompanhar na

⁶ Campanha de nacionalização foi o conjunto de medidas tomadas durante o Estado Novo de Getúlio Vargas para diminuir a influência das comunidades de imigrantes estrangeiros no Brasil e forçar sua integração junto à população brasileira.

⁷ Personagem central da cultura ibérica desde os tempos da colonização, bastante popular e que foi uma figura de referência para a criação da mitologia em torno da malandragem no Brasil.

nova cidade. Os primeiros dias, meses e anos foram difíceis, porque a saudade dos parentes era imensa. Eu não sabia ler, mas folheava cada página da Bíblia com a certeza de que ali havia o consolo.

Fomos, então, para a escola. Meu irmão, onze meses mais novo do eu, foi matriculado na mesma série, para que fossemos companheiros de jornada escolar. Em pouco tempo fomos alfabetizados. Lá não havia biblioteca, muito menos livro didático. Era o quadro, o giz e o caderno. Depois que aprendi a ler, já estando na 3ª série, li todo o Novo Testamento. Nas missas, conseguia acompanhar todo o ritual, lendo o folheto. Com 10 anos, fui para uma escola com biblioteca e, mesmo sem o professor incentivar e a pessoa responsável pelo espaço onde guardavam os livros dizer que não era para bagunçar as estantes, visitava-a semanalmente e lia, só que pouco. Mas eu tinha um sonho, poder comprar um livro e tê-lo só para mim! Dizer para os meus amigos “este livro é meu, quero ter um monte deles, adoro ler, posso ler.”

Seis anos depois, já no 2º ano do Ensino Médio, morando na zona urbana, realizei o meu sonho graças à chegada das Lojas de Um Real no município. “Triste Fim de Policarpo Quaresma” (Lima Barreto) foi o primeiro livro que adquiri, por R\$ 2,99 (dois reais e noventa e nove centavos). Guardo-o até hoje comigo, leio-o sempre que posso. Os outros que adquiri? Já tomaram novos rumos...

Meu irmão tomou outros rumos, foi estudar em outra cidade e tornou-se seminarista. Meu outro irmão, o mais novo, anos depois também ingressou no seminário. Nas férias, quando nos reuníamos todos em casa, os guri⁸ só falavam em livros, em leituras, em filósofos. Eu tinha certeza de que estavam se constituindo estudiosos, inserindo-se no mundo culto das letras e das ciências. E assim foi.

Do ensino médio pus-me a caminho da graduação. Inspirada na minha tia Cecília, que cursava Letras em outra cidade, e por admirar meus irmãos que liam e escreviam com excelência, optei por cursar Letras/Espanhol, na Urcamp, Campus Alegrete. Confesso que esperava mais aulas práticas no curso, que esperava ser envolvida plenamente pela arte de ler e escrever, mas isso não destruiu a vontade que havia dentro de mim de fazer a diferença como professora. Um ano antes da conclusão do curso, comecei a atuar como docente contratada na escola do campo, EMEB João André Figueira. Logo, saí da Universidade, ao contrário do que esperava, com significativas lacunas de teoria e prática, o que me fez sofrer no início da jornada como professora.

⁸ Guri é um termo adotado no estado brasileiro do Rio Grande do Sul como sinônimo de "menino", "moleque", "criança" ou "rapaz".

Três anos depois, tornei-me professora efetiva 20h/a e com mais 20h/a de contrato. Em seguida, passei em outro concurso para a mesma escola, mas desisti pela oportunidade de trabalhar alguns turnos no Colégio Raymundo Carvalho, escola privada, pertencente à Urcamp. Muitos me questionaram sobre a decisão, porém eu tinha certeza de que precisava enfrentar novos desafios, conhecer outras realidades, para melhorar minha prática. Assim, até o presente momento, trabalho nas duas escolas, a do campo e a privada, com realidades bem diferentes, mas que me satisfazem enquanto educadora, porque, de certa forma, desacomoda-me e isso me faz bem.

Retomando e rememorando o meu ingresso na escola do campo, em 2004, cabe destacar que coloquei em prática um ensino rigoroso de regras gramáticas e cobranças abusivas quanto ao certo e ao errado. Ignorava totalmente a cultura local (meio rural), por mais que cuidasse para não magoar os alunos com minhas declarações. Só que já no final do primeiro ano de docência algo me frustrava enquanto professora de língua portuguesa. Sentia que eu não estava valorizando o conhecimento que meu aluno trazia consigo e que a metodologia que aplicava em minhas aulas não era minha e sim de uma formação baseada na gramática normativa.

Nisso, a partir de sugestões dos próprios alunos, e da soma de ideias entre as professoras de língua portuguesa e o funcionário da escola, designado para a biblioteca, surge o projeto de letramento “Jornal na Escola”. Naquela época, pensávamos em algo imediato para a promoção da leitura e da escrita, porém bem mais para a divulgação das atividades da escola. E de lá para cá, uma imensa costura foi sendo construída.

4.2 A atuação da professora: atitudes, aprendizagens e experiências

Ao rever, só que agora com um olhar mais apurado, os trinta e cinco exemplares do jornal “O Maracanã”, deparo-me com um emaranhado de fios: sensibilidade, afetividade, frustração, falha, técnica, crescimento, constituição. Sei que preciso desvencilhar-me e, aos poucos, irei desembaraçando esses fios.

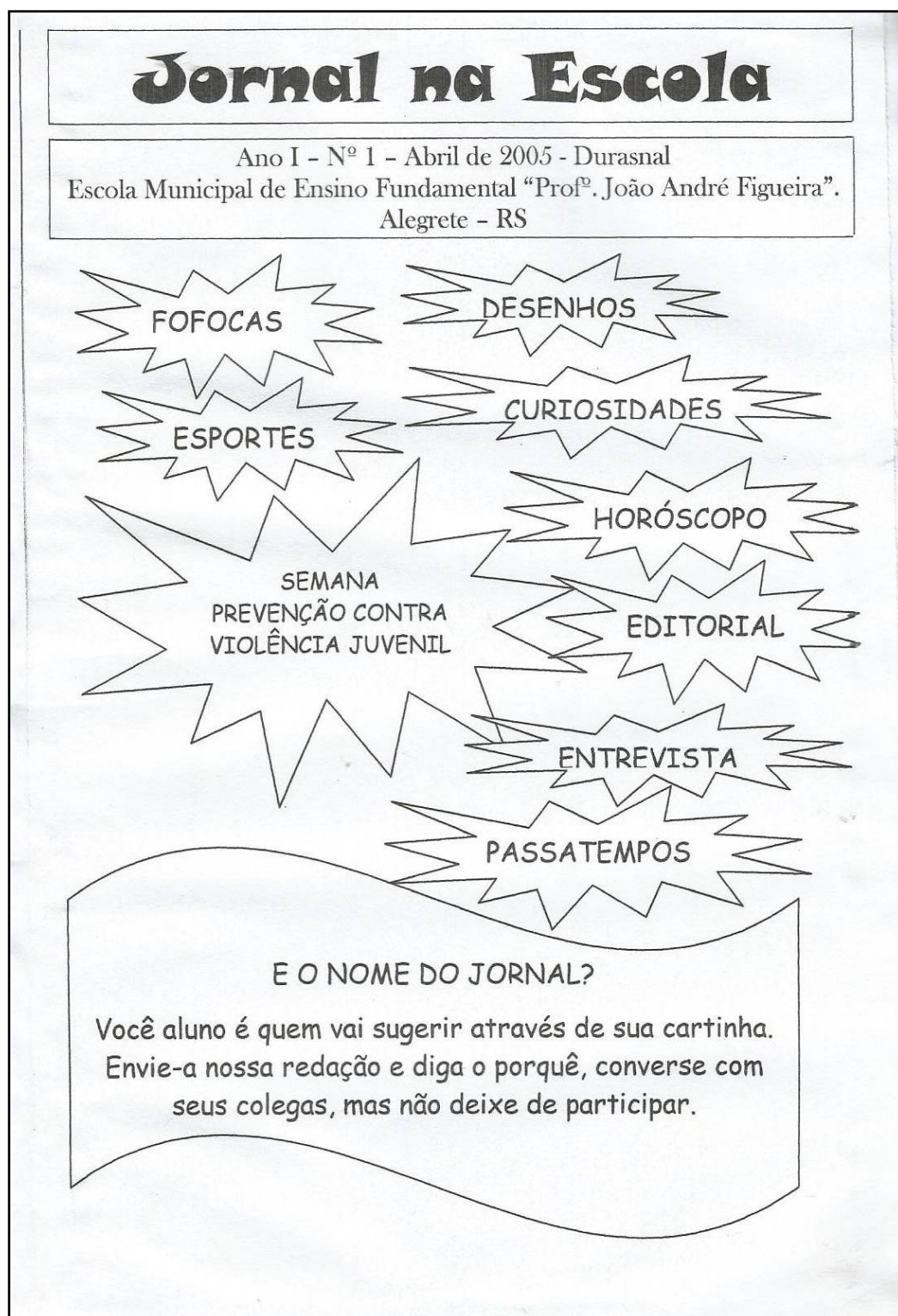
À medida que, por meio de indícios, vasculho os exemplares encontro-me comigo mesma. Percebo que fui me encontrando na constituição do jornal. A cada edição eu já não era a mesma, eu já não me reconhecia, pois a experiência estava me invadindo. Eu também desejava mudar a realidade dos sujeitos da escola, inserindo-os no mundo da leitura e da escrita, por meio de algo concreto, o jornal impresso. Eu estava feliz vendo o projeto do jornal

se concretizar e sabia que, de certa forma, ele seria um instrumento propício para a sonhada intervenção, ainda mais que a ideia também partiu de um grupo de alunos da escola.

Minhas intenções sempre foram as melhores, mesmo que, às vezes, tentasse costurar sem linha na agulha. Logo na primeira edição, enxergo uma professora autoritária que, sem consultar ninguém, elabora a arte da capa e determina como será o tamanho do jornal e quantidade de páginas. Bakhtinianamente falando, não conseguia compreender que a interação, o diálogo são partes inerentes da atividade humana e que a minha completude - ainda que provisória – só poderia vir pelos olhos do outro.

Ainda focada no ‘eu’ muito mais do que no ‘outro’, preencho muitos dos espaços do jornal com textos meus, retirando do aluno a oportunidade de divulgar suas produções. Isso se dava pelo fato de eu desconsiderar alguns textos ou desenhos por avaliá-los inferiores e também porque desejava me firmar enquanto construtora do instrumento.

Figura 1 - Capa da primeira edição do jornal

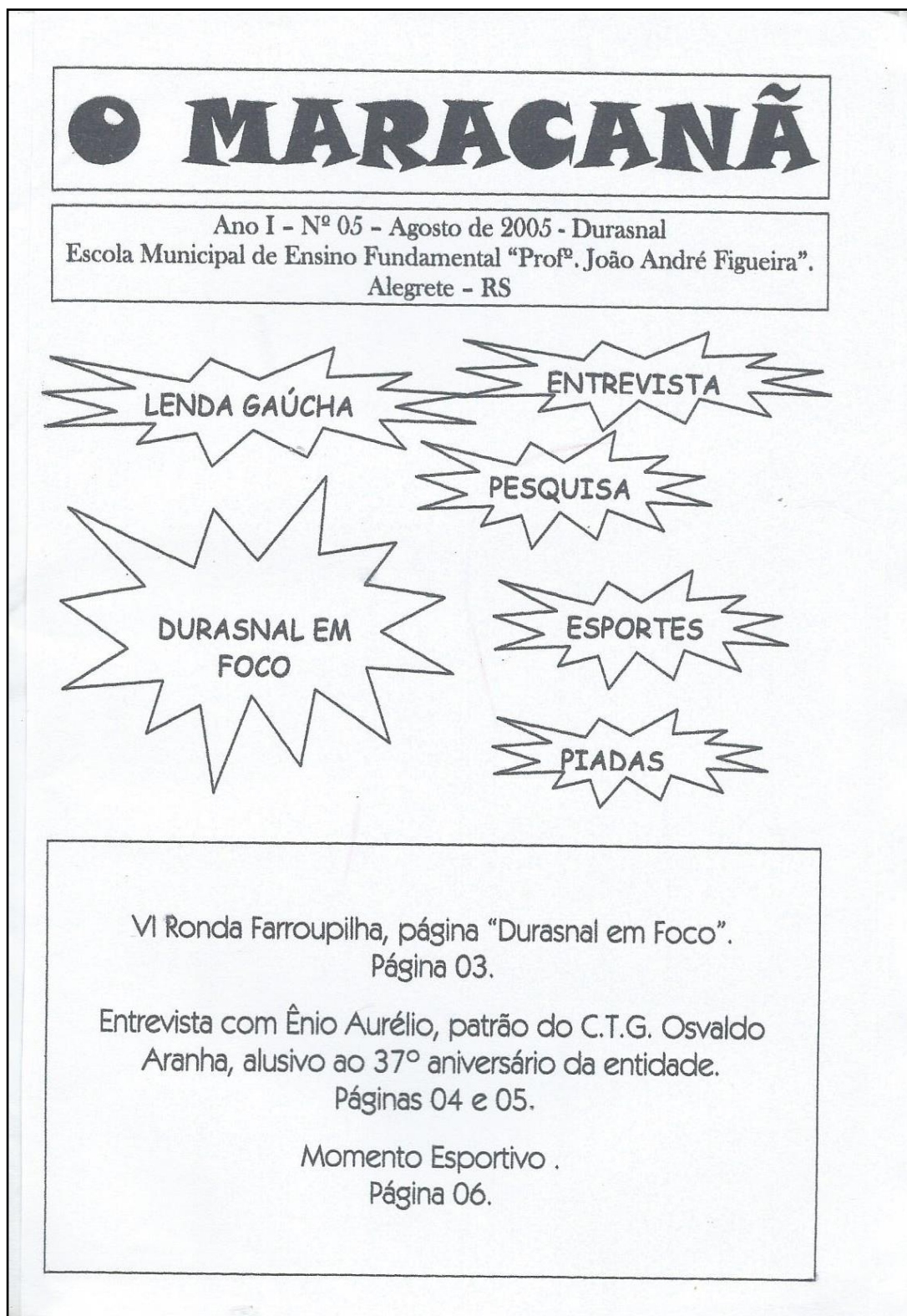


Fonte: Jornal "O Maracanã", 1ª edição, abril de 2005, p. 1.

Mas há pistas de que a linha, aos poucos, foi sendo colocada na agulha. Na quinta edição (agosto de 2005), as estratégias de construção do jornal são parcialmente alteradas por nós, coordenadoras. Assumimos, então, o papel de agentes de letramento, que seria o professor “promotor[a] das capacidades e recursos de seus alunos e suas redes comunicativas para que participem das práticas sociais de letramento, as práticas de uso da escrita situadas, das diversas instituições” (Kleiman 2006b, p.82). Agindo desse modo, buscamos construir o jornal de maneira coletiva, motivando o aluno a participar, mesmo que ainda timidamente, da elaboração do instrumento. Quebramos uma barreira importante, pois saímos do pedestal, que nos tronava superiores e seres únicos e capazes de realizar uma prática para nos colocarmos em linha horizontal, o que causou efeito porque desde então os alunos começaram a produzir mais e o melhor, a publicar mais seus textos verbais ou não verbais. Sem notar, estávamos provendo experiências que, conforme Larrosa (2004, p. 163), é tudo aquilo que nos passa, ou nos toca, ou nos acontece, gerando formas que nos transformam.

Assim, fomos desconstruindo, significativamente, a ideia de que o aluno escrevia para o professor (leitor e avaliador) e desenvolvendo com ele estratégias para que houvesse uma maneira de assegurar uma relação entre autor/leitor. Para tanto, na mesma edição, iniciamos um esforço para estimularmos o leitor a participar com sugestões, comentários críticos, elogios, etc. Dessa forma, o aluno/autor estaria conferindo às suas habilidades escritas a prática social.

Figura 2 – Capa e contracapa da quinta edição



PATROCINADORES:

➤ **VALDECI FOTOGRAFIAS**

Fone: 99891133 – Durasnal - Fotos em geral, consertos de jóias, relógios e aparelhos de som.

➤ **SANDRO BARÚA**

Professor e Vereador.

➤ **DR. GLÊNIO BOLSSON**

Médico e Vereador.

➤ **PROF. MARCOS RULFO**

Secretário Municipal de Agricultura.

➤ **PROFª. LUÍSA MARIA CRISPIM FABRES**

Diretora Geral da SEC.

➤ **BAIUQUINHA**

A cantina do tio Carlos, com lanches, sucos e doces.

➤ **CASA DO PRODUTOR DO DURASNAL**

Gestor Gideão Miranda

Produtos Coloniais, Artesanato e Variedades te esperam!

Br. 290 – KM 551 – Fone: 3422-1935

Resposta da charada:

Poderá fazer oito cigarros. Dos 49, ele fará os primeiros sete. E esses sete se transformarão em sete tocos, com os quais ele fará mais um cigarro.

Atenção, leitor!

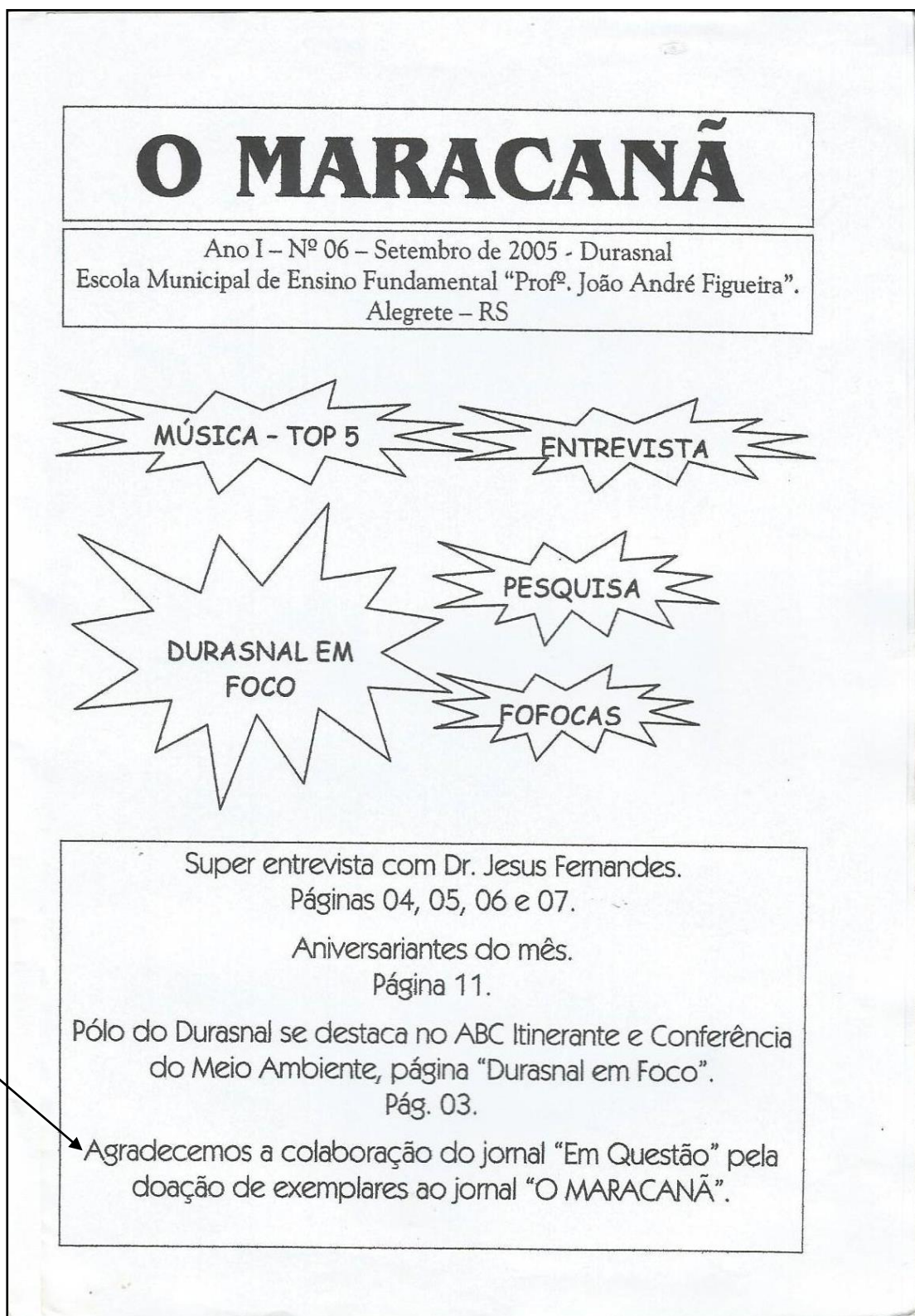
Aguardamos sua carta. Reportagem, sugestão, elogio ou crítica, o que importa é sua participação.

Redação.

No que tange à atitude do professor, Kleiman (2006b) defende alguém dinamizador de circunstâncias, que consegue mobilizar os diversos saberes, os recursos, sendo um verdadeiro estrategista. Refletindo sobre as palavras da autora, instauro-me como uma investigadora em meio a tantos exemplares do jornal e certifico-me de que não fui uma professora passiva pelo contrário, estive em constante mobilização para que o projeto permanecesse ávido. Ora, buscando parcerias com jornais da cidade, ora oferecendo aos alunos palestras com temas que atendiam as necessidades deles, ou promovendo gincanas culturais, ou ainda, proporcionado atividades fora da escola para motivar a permanência do jovem no campo⁹. Afinal, o jornal é uma prática social. Nesse processo, todos se fazem importantes, pois foi no entusiasmo de todos os setores da escola que os alunos se mantiveram estimulados a produzir.

⁹ O número de jovens no campo vem reduzindo alarmantemente nos últimos anos, devido a emigração de jovens do campo para a cidade, na maioria das vezes, em busca de melhores oportunidades de trabalho, educação, moradia, acesso à tecnologia e à cultura. Assim, o jovem não pode ficar no meio rural só para trabalhar, ele tem que ter direito à cultura, à educação rural (com cursos profissionalizantes voltadas ao campo) e ao lazer.

Figura 3 – Práticas do jornal (1)



PALESTRA DO MÊS

A 10ª edição de “O MARACANÃ” está orgulhosa. Neste mês, substituímos a tradicional entrevista por uma palestra interativa com os srs. **José Homero Almeida (TUTA)** e **Israel Almeida**, sócios da Veterinária Garupá, com propriedades aqui no Durasnal.

Esta conversa informal aconteceu no dia 30/05/06 no salão do refeitório com a presença de nossos convidados e a participação absoluta dos alunos de 5ª a 8ª séries, professores, funcionários e equipe diretiva.

Quando fomos fazê-los o convite para a palestra, ficamos encantadas pela recepção amigável e disponibilidade com as quais fomos recebidas. Neste dia tivemos a confirmação do Tuta, enquanto seu Israel resistia em vir, pois conforme seu relato uma das condições quando firmaram sociedade era que não trabalharia aos sábados porque era dia de vir ao Durasnal (Haras Água Viva) e não precisaria fazer palestras. “O MARACANÃ” o conquistou.

Tamanha foi nossa alegria ao vê-los chegando. A manhã foi produtiva, conhecimento passado de forma simples e abrangente. Recordações que ganharam vida, informações ligadas ao meio rural, estímulo para a realização de mudanças.

Como professoras temos a convicção de que a educação acontece quando também aprende-se e não apenas se ensina seguindo paradigmas estabelecidos. Unidos, somos todos mais fortes do que somados; esta é a razão de erguermos com orgulho a bandeira de “O MARACANÃ”, que busca incessantemente o melhor para o nosso aluno do pólo.

A comunidade escolar agradece os presentes recebidos de nossos palestrantes: 1 DVD, bolas de vôlei, bonés e materiais informativos.

Professoras: Fernanda e Giciéli

JOSÉ HOMERO (TUTA)

* **Profissões ligadas ao campo:**

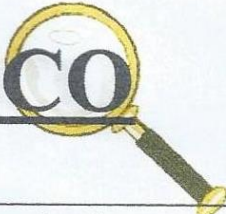
- Zootecnia = produzir mais e melhor;
- Veterinária = saúde animal;
- Agronomia = produção de grãos e solo;
- Eng. Agrícola = ramificação da agronomia (medições e cálculos);
- Eng. Florestal = madeira e topografia;

Todas as profissões são lindas, mas o que mais importa é gostar e ser melhor naquilo que se está fazendo.

A competição é grande, a única forma de vencê-la é tendo organização, competência e superação. Há espaço para todos que são bons.

* **A Sociedade:** Edificada há sete anos, a Veterinária Garupá é um destaque no ramo que atua. Proporciona 50 empregos diretos e indiretos,

Figura 4 – Práticas do jornal (2)

DURASNAL EM FOCO 

* O jornal "O MARACANÃ" realizará duas gincanas culturais na escola. A gincana das séries iniciais será dia 23/11/05 e a das séries finais dia 29/11/05. Haverá premiação para as equipes e o regulamento está no mural da escola. Participe!

* A turma da 7ª série do Pólo Educacional do Durasnal teve um dia de campo na residência do Sr. Wilson Puiatt. Atividade realizada: Confeção de Melado. Se quiseres saber mais fique atento ao Programa Campo e Lavoura na RBS – domingo às 6h30.
Parabéns Profª. Olívia.

* A turma da 2ª série estará fazendo o lançamento do livro da turma, que tem como título "Produções e Criações". Adquira o livro. Parabéns profª. Ana Luisa e turma 21.

*Notícias importantes:
- 30/11: Conclusão da Pré – Escola
- 02/12: Reunião de entrega de notas para as séries iniciais e finais.
- 16/12: Conclusão da 8ª série.

*No dia 19/10/05, o conselho escolar, através de sua integrante Flávia Monteiro, promoveu uma gincana cultural em homenagem ao dia da criança, saudando todas as crianças do currículo.

PESQUISA DO MÊS

* Os alunos da 5ª série, juntamente com a professora Giciéli, realizaram a pesquisa do mês com alunos de (5ª a 8ª), professores, funcionários e motoristas, perguntando: todo maracanã é gritão? Mito ou verdade?

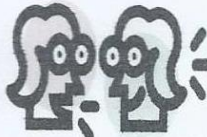
Vamos ao resultado:

Total de votos: **78**

Mito: **14 votos**

Verdade: **63 votos**

Nulo: **01 voto**



Agradecemos a participação de todos.

03

sempre os mesmos tipos de nutrientes. A alface, por exemplo, pode inverter, os nutrientes são diferentes.

P: Qual a média de frutos colhidos?

R: Tomate Empire : 120 caixas; 2.100 kg em 380 pés plantados. Pimentão: 1950 pés (não tenho resultado total de kg, pois ainda estou colhendo).

P: Para quem o senhor fornece seus produtos e como considera o retorno financeiro da produção?

R: Vendo especialmente para a CAAL. Os produtos de baixo padrão consumimos na família ou doamos. Tiramos uma produção e em seguida outra, assim sempre dá para ter um bom troquinho no bolso. O preço DE venda é com base no preço da CEASA.

P: Quantas pessoas estão envolvidas no trabalho? Quem são?

R: Somente eu, a minha esposa Marta e o Jonteli quando não tem aula. Nunca coloquei empregados, o nome de tudo isso que vocês estão conhecendo é TRABALHO.

P: A sua propriedade é um exemplo de diversificação na produção. O senhor aconselharia outros moradores da região a seguir seu modelo de agricultura? Por quê?

R: Aconselharia com muita convicção a todos. Convido a todos moradores da região para fazermos uma grande parceria e ofereço minha propriedade para visitas e trocas de idéias sobre a produção. Quero compartilhar meus conhecimentos e também aprender novas técnicas com todos. Qualquer esclarecimento, dúvida ou interesse pela produção em parceria de hortigranjeiros poderão ligar para meu telefone: (55) 99879455 ou (55) 99546558.




Área onde serão plantados uma hectare de cebola. Ao fundo: estufas e sistema de irrigação.

Por outro lado, demorei em conhecer os alunos, o perfil, a preferência de cada um. Pensava que, como eram moradores do campo, só devia oferecer-lhes temas daquele contexto. Com o tempo, fui observando que era fundamental valorizar a cultura local, mas que com ela, ou a partir dela os alunos poderiam explorar outros contextos. Foi quando comecei a investigar os gostos de cada um e convidá-los para participarem nos possíveis conteúdos de um jornal. Assim, surgiu o *Momento esportivo*, por exemplo, espaço destinado a divulgar notícias do esporte. Muitos alunos adoravam futebol, e não tinham oportunidade de escrever sobre isso. Outros criaram o espaço *A voz da comunidade*, porque queriam saber a opinião das pessoas da comunidade sobre assuntos variados, como: beleza, leis, política, Copa do Mundo, segurança, etc.

Figura 5 – Conteúdos do jornal (1)

MOMENTO ESPORTIVO


**Danner Oliveira Rodrigues – 8ª série
Repórter**



*** Truco no Sangue**
Em um torneio de truco realizado no Piquete Tradição do Parové, o aluno Rodrigo (Rodrighinho da 7ª), conquistou o 1º lugar no torneio e sua mãe dona Ester o 3º lugar. Levaram para casa troféu, medalha, carne e cerveja. Parabéns e os adversários que se cuidem!

*** Ronaldinho Gaúcho**
Ronaldinho Gaúcho é o jogador mais bem pago do mundo. Cerca de 760 mil reais por dia, é inacreditável mas é real.

*** Seleção Brasileira**



O Brasil é o super favorito para a conquista da copa, só que muito favoritismo preocupa. Esperamos que esse fato não seja um obstáculo nesta copa e sim um auxílio, amedrontando os adversários para chegarmos na fase final e conquistarmos o HEXA.

BRASIL RUMO AO HEXA!

Haja Fôlego!

Humberto, da 6ª série, correu na Rústica do Trabalhador no dia 1º de maio. Foi o mais corajoso da escola, pois encarar 7,5 Km não é para qualquer um não! Parabéns, Humberto! Valeu pelo esforço!

Profª. Flávia

Conselho Escolar

O conselho escolar lançou uma rifa para angariar fundos para a reconstrução da quadra de esportes da escola. Colabore!

Profª. Élia Laci - Presidente

07

DURASNAL EM FOCO

3

- Vem aí a 3ª Cavalgada da Integração. Será nos dias 11 e 12 de outubro de 2014.

- No dia 15 de novembro de 2014, às 20h30min, haverá, no CTG Oswaldo Aranha, jantar baile para a posse da nova patronagem. Prestígio!

- Seu Sigfrid Albrecht segue como posteiro do Piquete Tradição do Parové. No dia 16 de agosto ele e sua esposa, dona Beatriz, receberam os títulos de Cidadãos Alegretenses, pelos relevantes serviços prestados à comunidade do Parové.

- A X Festa da Casa do Produtor e a VI Olimpíada Rural do Produtor marcaram as festividades de julho no Durasnal. Mais uma vez o evento da Casa do Produtor se destacou pela organização, criatividade e presença expressiva do público.



A VOZ DA COMUNIDADE

Para você, o que significou a realização da Copa do Mundo no Brasil?

“Benefícios para os estádios, comércio, turismo, aeroportos com mais capacidade de embarque e desembarque, cultura para nossa tradição.”

Dênio Pereira Aurélio
Zelador



“Foi um evento ímpar, que só os grandes países participam. Também um grande passo para o desenvolvimento do Brasil a nível mundial.”

Eduardo Mazzuco
Agropecuaria

“Não gostei da copa no Brasil porque esse dinheiro deveria ser gasto com EDUCAÇÃO e SAÚDE.”

Luis André dos Santos Oleques
Aluno da 8ª série



“Representou intercâmbio cultural e benefícios para o turismo.”

Rosane Tolfo
Professora

Um projeto de letramento é um verdadeiro espaço para a aprendizagem, para a autoria. Rememorando os dez anos de jornal, visualizando os trinta e cinco exemplares, encarei-me como uma professora que esteve sempre no processo de aprendizagem: a ouvir mais o aluno; a integrar mais os setores da escola; a valorizar mais os textos dos alunos que eram publicados ou não; a integrar-me numa perspectiva voltada a realidade dos alunos e da comunidade sem deixar de explorar outros contextos; a entender de fato que o aluno deve estar inserido em uma prática social real; a de saber que não sou dona de um projeto de letramento, mas uma pessoa importante que mobiliza saberes. Assim como define Kleiman (2007): “o agente de letramento é capaz de articular interesses partilhados pelos aprendizes, organizar um grupo ou comunidade para a ação coletiva, auxiliar na tomada de decisões sobre determinados cursos de ação, interagir com outros agentes (outros professores, coordenadores, pais e mães da escola) de forma estratégica e modificar e transformar seus planos de ação segundo as necessidades em construção do grupo” (p.21).

Logo, também me encontro em outras afirmações de Kleiman (2007) quando diz que apesar de tudo “essencial é a atitude de um professor, que, sabendo-se em contínuo processo de letramento, aventura-se a experimentar e, com isso, a continuar aprendendo com seus alunos, através de práticas letradas que motivam o grupo todo e atendem, ao mesmo tempo, a interesses e objetivos individuais e, assim, formam leitores, despertam curiosidades, dão segurança a escritores iniciantes” (p. 21).

Por outras palavras, ser agente de letramento é então ser responsável pela organização e dinamização de um grupo. É bem mais que liderar ou mediar, é ser co-elaboradora, co-criadora, co-aprendiz. Ser agente de letramento é proporcionar ao aluno oportunidades de autoria, assim refiro-me à Kleiman (2006):

Ao mobilizar as capacidades dos membros do grupo, ao favorecer a participação de todos, segundo suas capacidades, o agente de letramento, ele próprio um ator social, cria as condições necessárias para a emergência de diversos atores, com diversos papéis, segundo as potencialidade e necessidades do grupo (p.6).

Ser agente de letramento é costurar um tecido às vezes firme, às vezes maleável, em que um ajeita a linha, outro pega a agulha, outro, ainda, fura o tecido e, aos poucos a forma vai se constituindo e as experiências trans(formando).

4.3 – Os alunos: motivação, participação e autoria (escrita colaborativa)

Examinando detalhadamente os fios do tecido, é possível ver algo a mais. Evidencia-se, em relação à constituição do jornal, uma trajetória de maturidade no tocante a participação dos alunos no projeto. Atento-me, neste momento, a algumas singularidades que julguei pertinentes para serem discorridas.

Logo na primeira edição do jornal, depreende-se o pouco envolvimento dos alunos nas decisões sobre estrutura, conteúdos, abrangência sobre ele. Como o grupo inicial de coordenadores do jornal não era composto apenas por professores de língua portuguesa, mas também pela equipe gestora da escola e funcionários, perdeu-se, consideravelmente, a questão de promover a leitura e a escrita de modo que os alunos fossem os protagonistas. Isso envolvia também a concepção da equipe gestora da escola e que era muito presente na elaboração do jornal.

Assim, nosso instrumento debutou como um projeto de comunicação, para informar e divertir. Além disso, foi estabelecido um pedestal, onde a equipe de coordenação e execução criava, organizava e decidia o que seria publicado e os demais apenas adquiriam o material impresso para leitura. São ilustrativos dessas constatações alguns trechos do jornal.

Figura 6 – Trechos sobre o próprio jornal

EDITORIAL

“Não devemos viver apenas de boas intenções, mas sim colocar em prática os Projetos de vida...”

UM VIVA... ao nosso “Projeto de Comunicação”, interagindo com nossa comunidade escolar de uma forma cultural divertida e informativa.

MAIS UM VIVA... aos coordenadores e executores que apostaram na criatividade, organização e competência de todos os seus colaboradores. Apostaram na prática dos projetos que evidenciam as melhores intenções e significativas atuações.

Outro VIVA...VIVA... a todos nós da E.M.E.F. João André Figueira que estamos fazendo brotar a semente do SABER, vamos continuar somando esforços para que os frutos deste fazer sejam saboreados com satisfação, aprendizado e valorização.

Profª Ester Gleide Bueno da Silva
Diretora

EXPEDIENTE:

Diretora: Ester Gleide Bueno da Silva
Vice Diretora: Leila Guterres Marchezan
Supervisora: Eva Ivone Pinto Néri
Secretário: Gideão Miranda Pereira

Equipe Responsável
David Nelson Bastos Trindade – Bibliotecário
Profª Fernanda Ten Caten Rosso – LP
Profª Giciéli Hohemberger Barúa – LP
Grupo Jovem da Escola
Formandos da 8ª Série

Endereço: Br. 290 – Pólo Durasnal – Alegrete
Fone: 3422.1935

EDITORIAL

A verdadeira educação não é feita somente entre as paredes de uma sala de aula, é mais abrangente, é mais desafiadora.

Os mestres por excelência não são apenas ensinadores e sim formadores de cidadãos, para isso é preciso inovar, acreditar na sua capacidade e investir na qualidade, apostando no talento e criatividade de seus alunos.

Uma mostra desse desafio está na seqüência de "O Maracanã", um jornal que cresce a cada edição, valendo-se dos firmes propósitos de mostrar um trabalho de equipe onde os setores da escola abraçam uma causa nobre que é editar conhecimentos e publicar uma parcela dessa "Verdadeira Educação", desafiadora e gratificante.

Aos coordenadores nossos parabéns, aos colaboradores nossa consideração e aos leitores nosso obrigado.

Profª Ester Gleide Bueno da Silva
Diretora

EXPEDIENTE:

Diretora: Ester Gleide Bueno da Silva
Vice - Diretora: Leila Guterres Marchezan
Supervisora: Eva Ivone Pinto Néri
Secretário: Gideão Miranda Pereira

Equipe Responsável:

Profª Fernanda Ten Caten Rosso – LP
Profª Giciéli Hohemberger Barúa – LP
Grupo Jovem da Escola

Diagramação: Profª Giciéli Hohemberger Barúa

Endereço: Br. 290 – Pólo Durasnal – Alegrete Fone: (55) 3422.1935

Mesmo assim, o jornal era bem aceito pela comunidade. Era uma novidade naquele meio um instrumento de comunicação impresso, já que apenas o rádio era presença constante na vida daquelas pessoas. Então o jornal foi se efetivando e firmando-se como um importante recurso comunicativo. Enquanto o jornal seguia circulando e proclamando informações, figurava-nos a ausência dos alunos como participantes ativos na produção do jornal, não os tínhamos como autores até então.

Até que na décima segunda edição, conseguimos, mesmo que gradativamente, não apenas divulgar o que os alunos copiavam de outros suportes, como piadas, charadinhas, curiosidades (retiradas de revistas, outros jornais impressos que chegavam à biblioteca da escola, entre outros meios), mas sim o que era construído coletivamente na sala de aula. Nessa edição, por exemplo, houve um sério debate na sala de aula, mediado pela professora, para que se escolhesse o entrevistado da edição. Depois dos muitos argumentos, os alunos decidiram entrevistar o proprietário do bar na escola, uma pessoa carismática. Fomos de imediato para a segunda parte. Questionei sobre quais perguntas gostaria de fazer e de fato, começaram a se sentir parte do projeto, sendo o letramento dele, a partir de então e instaurado paulatinamente, o objetivo da prática pedagógica, como bem nos alerta Kleiman (2007a).

Figura 7 – Entrevista

Queridos Leitores

Neste mês “O Maracanã” entrevistou o seu Carlos, da “Baiuquinha” (barzinho da escola). Ele é esposo da diretora, pai da Rafaela, vó da Mariana e “nosso amigo”. A idéia de escolhê-lo partiu de nós por ser ele uma pessoa que faz parte do nosso cotidiano, alguém que acompanha nossos alunos desde o pré até a 8ª.

Ele vende muitos quitutes na “Baiuquinha”, mas há coisas que não têm valor e que seu Carlos dá para a gente: seu companheirismo, sua alegria, sua presença amiga...Obrigado seu Carlos pela sua simplicidade, por fazer parte de nossas vidas e por ser nosso pai também.

Receba o nosso carinho: alunos da 7ª série, professoras Giciéli e Fernanda.

Não faço planos porque o amanhã não nos pertence.

12) Você nos passa uma imagem de pessoa batalhadora e com espírito jovem. Nos sentimos felizes por tê-lo junto de nós. Deixe uma mensagem para nós, alunos do pólo.
 Continuem sendo amigos dos colegas e nunca deixem de aprender.

Rapidinha:

Livro: O Alquimista	Autor: Paulo Coelho
Filme: Menina dos olhos	Música: A cavalgada -Roberto Carlos
Esporte: Futebol	Time: Grêmio
Hobby: Palavra Cruzada	Mestre: Meu pai e meu sogro
Data: 1º de janeiro	Valor: Meus filhos
Orgulho: Família	Repúdio: Inveja
Lugar: Casa de meus pais	Ídolo: Jesus Cristo
Vitória: Família	Sonho: Um dia montar uma lancheria

Religião: Toda aquela que prega o amor e a caridade.

Nome: Carlos Alberto Valles da Silva
Nascimento: 16/02/57
Idade: 49 anos



Seu Carlos (na Baiuquinha) e alunas da 7ª série.

Receba o nosso carinho: alunos da 7ª série, professoras Giciéli e Fernanda.

- 1) Qual sua lembrança de infância mais remota?**
1º dia de aula. Fui levado por uma prima na Escola Independência em São Gabriel.
- 2) Qual seu maior ídolo na adolescência?**
Revelino, copa de 70.
- 3) Onde passou suas férias inesquecíveis?**
Em 1985, primeira férias com a família na praia do Cassino, tínhamos somente a filha mais velha (Gabriela).
- 4) Qual sua idéia de domingo perfeito?**
Churrasco com a família, coxinha assada e cervejinha...Depois aquela sesta!
- 5) O que você faz para espantar a tristeza?**
Ouço música.
- 6) Qual a palavra mais bonita da Língua Portuguesa?**
Perdão.
- 7) O que é ser feliz?**
Estar trabalhando (ter emprego) e estar com a família.
- 8) Como se sente trabalhando na escola?**
Alegre, me sinto feliz no meio da gurizada (há 03 anos trabalho aqui).
- 9) Os alunos te ensinam alguma lição? Qual?**
Vitalidade e alegria, cada um do seu jeito.
- 10) Complete a frase: eu sou... o seu Carlos da “Baiuquinha”.**
- 11) Um plano para breve...**

05

Fonte: Jornal “O Maracanã”, 12ª edição, setembro de 2006, p. 4-5.

No momento da redação, entrava em cena a pergunta: o aluno deve escrever individual ou coletivamente? Parecia-me, intuitivamente, que como a parte oral da atividade havia sido

feita em grupo que a continuidade também assim deveria ser. E foi! Reuníamos-nos no tempo de dois ou três períodos e fazíamos a primeira escrita, de forma colaborativa, apurando as informações e discutindo o entendimento de algumas questões. Sobre isso, Kleiman (2007a) utiliza-se da seguinte afirmação:

Uma atividade que envolve o uso da língua escrita (um evento de letramento) não se diferencia de outras atividades da vida social: é uma atividade coletiva e cooperativa, porque envolve vários participantes, com diferentes saberes, que são mobilizados segundo interesses, intenções e objetivos individuais e metas comuns. Já a prática de uso da escrita dentro da escola envolve prioritariamente a demonstração da capacidade individual de realizar todos os aspectos de todas as atividades, seja: soletrar, ler em voz alta, responder a perguntas oralmente ou por escrito, escrever uma redação ou um ditado. (p. 02).

Num primeiro momento (depois sim), não me preocupava os erros gramaticais, mas sim a capacidade dos alunos de se expressarem por meio da escrita como verdadeiros autores de seu texto. Bem como afirma Führ (2012):

O papel do professor deveria ser o de um leitor legítimo, capaz de atuar como leitor interessado no texto do aluno e não como um *caçador de erros*, prática normalmente efetuada e que, muitas vezes, não proporciona crescimento do aluno nem melhoria efetiva de seu texto. (p. 02, grifos da autora).

Num segundo momento, eu atuava como leitora, fazendo perguntas que pudessem instigar os alunos para acrescentarem informações no texto; alertava sobre a repetição de termos e o fato de simplesmente transcreverem a fala do entrevistado; falava sobre a importância deles em reescreverem com o seu estilo próprio a voz do outro. Em Possenti, vamos encontrar o seguinte esclarecimento.

Por um lado, deve-se reconhecer que, tipicamente, quando se fala de autoria, pensa-se em alguma manifestação peculiar relacionada à escrita; em segundo lugar, não se pode imaginar que alguém seja autor, se seus textos não se inscreverem em discursos, ou seja, em domínios de “memória” que façam sentido; por fim, nem vale a pena tratar de autoria sem enfrentar o desafio de imaginar verdadeira a hipótese de uma certa personalidade, de alguma singularidade (POSSENTI, 2009, p.95).

Só que a estratégia não funcionava com todos os alunos e isso de certo modo me desanimava. Foi preciso muita perseverança para construir dia a dia a questão da escrita colaborativa e, principalmente da autoria com aos alunos. Logo, havia um embate: por um

lado alunos desinteressados, que não queriam saber de escrever e, por outro lado a necessidade de fazer com que vivenciassem as atividades, de modo a torná-las, de fato, experiências que os levassem a criar os próprios meios de expressão.

Segundo Führ (2012), a reescrita exerce um papel fundamental no contexto de produção de autoria, pois “o autor coloca-se no papel de leitor, distanciando-se do seu texto, para depois se aproximar dele novamente, com o intuito de fazer os devidos ajustes e não apenas corrigir os erros gramaticais”. Não rara às vezes os alunos, após o lançamento do jornal ficaram se cobrando sobre a redação de um determinado texto: “eu poderia ter feito diferente”, “mas não era bem isso que eu queria dizer”, “o sentido não ficou o mesmo do texto original”... e isso prova o quão essencial é o processo de reescrita e a colaboração do professor e dos colegas para que o texto se aperfeiçoe. Mesmo após a reescrita ainda pode permanecer o desejo de um texto mais polido, enfim, isso faz parte do processo.

Apreciando cada detalhe da constituição do jornal, verifico o quanto o olhar do outro também é importante, pois inúmeras vezes o aluno produziu textos, se fez autor e não foi reconhecido por isso. Uma falha perdoável porque estamos em um processo de construção, de constituição em que todos aprendemos juntos, mas um erro que precisava ser retificado e isso se deu justamente pela observação do outro, do leitor desassociado do nosso contexto escolar, que alertou sobre a falta de identificação do autor dos textos publicados no jornal, em alguns casos, como veremos nas ilustrações.

Figura 8 – Autoria do aluno

7

PÓLO DO DURASNAL DIVERSIFICA CULTURA

A EMEB João André Figueira, desenvolve o projeto “Cana-de-açúcar, uma Cultura Alternativa”, envolvendo todos sob orientação da professora de Ensino do Meio Rural, Olívia Lúcia Santos da Silva.

O processo de plantio, colheita e extração dos derivados: garapa, melado fino e melado, são realizados na própria escola. A máquina de extração do caldo-de-cana foi emprestado temporariamente para a escola, porém, futuramente o Pólo do Durasnal contará com o maquinário próprio, oferecido pela SEC, a fim de, aprimorar o trabalho e expandir para a comunidade escolar, oferecendo subsídios e alternativas de cultivo e incentivando a diversificação dessa cultura tão saudável e de renda garantida.

Processos:

Corte da Cana



Lavagem da cana



Extração do caldo



O caldo foi coado, servido aos alunos e depois colocado no tacho para o feitiço do melado.



DURASNAL EM FOCO

Responsável: Prof. Leila Marchezan e colaboradores.

* De 17 a 24/05> Semana da Escola 2007.

* 19 e 20/05> Festa do Milho no Piquete Tradição do Parové.

* No dia 03/05 foi eleito o novo presidente do CPM, sr. Ely Figueira Vieira. Parabéns!

* Também no dia 03/05 houve eleição para o Conselho Escolar. A professora Lenir da Silva Vales foi eleita presidente do Conselho.

* Pólo do Durasnal está inscrito para a 3ª Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas. Boa sorte aos alunos participantes!

* Bingo em benefício à Santa Casa de Caridade é um sucesso. A comunidade se sensibilizou e participou. O valor arrecadado já foi entregue ao hospital.

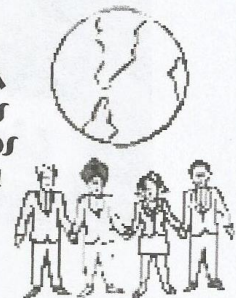
* O livro "Uma Escola Passada Limpo" da autora profª. Ester Bueno faz um resgate histórico da comunidade escolar. Aguardem!

* 150 anos de Alegrete – "Alegrete, um canteiro de histórias". Nesta edição você irá conferir como anda o projeto e se prepare para o mês de julho. Mega evento mobilizará o Durasnal!

*Rota Turística - Com a iniciativa do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e Secretaria Municipal de Turismo acontece a Rota Turística nas comunidades rurais. Durasnal e Parové são partes deste roteiro.

AGRADECIMENTOS

A TURMA DA 8ª SÉRIE, JUNTAMENTE COM A PROFESSORA CONSELHEIRA EVA IVONE, AGRADECEM AS TURMAS DOS BAIXINHOS E SEUS PROFESSORES QUE NOS AJUDARAM NA PROMOÇÃO DE PÁScoa. MUITO OBRIGADO! MAS A 8ª SÉRIE NÃO PÁRA POR AÍ, VEM MAIS SURPRESA PELA FRENTE, AGUARDEM!



Fonte: Jornal "O Maracanã", 18ª edição, outubro/novembro/dezembro de 2007, p.7; 15ª edição, abril/maio de 2007, p.3.

Nas duas imagens acima percebemos, claramente, que a matéria "Polo do Durasnal diversifica cultura" não apresenta autoria, deixando a entender que a equipe responsável pela

edição é quem redigiu de forma colaborativa, porém o real autor da matéria foi um aluno que participava da atividade de extração dos derivados da cana. Omitiu-se o nome desse aluno por descuido, por falta de atenção e, jamais, por ignorar seu trabalho. Na página “Durasnal em foco” apresenta-se como responsável a professora Leila Marchezan e colaboradores, mas quem são esses colaboradores? Alunos? Muitos sim, pois esses coletavam as informações nas suas localidades e traziam para serem divulgadas no jornal e, mais uma vez, por total negligência, os nomes dos co-autores foram suprimidos.

Eis que, depois de ouvir a voz do outro, a quem já fiz referência no texto anteriormente, uma nova postura é assumida e, em edições posteriores, os autores já são, justamente, identificados. Como podemos verificar nos exemplos.

Figura 9 – Aluno identificado com o autor

13

MOMENTO ESPORTIVO


Alunos responsáveis: Wellington Menezes Antunes, Renan Alendes de Moraes, Fernando Ribeiro de Paula, Raul Aurélio Ramos, Flávia Cavalheiro do Amaral

FUTEBOL

A primeira interséries deste ano começou muito tensa, pois logo de início os dois melhores times de futebol da escola se enfrentaram e fizeram uma grande partida, mas o que a deixou tão emocionante foi o fato de os jogadores “doarem seu sangue” para obterem a vitória, já que quem perdesse seria desclassificado na primeira rodada.

O que ninguém esperava é que o jogo fosse sair fora do controle com os atletas discutindo muito. Mas, depois de alguns sermões e expulsões o jogo voltou ao normal e a vitória na primeira partida foi da equipe do 2º ano do EM (5x1).

A equipe vencedora da primeira partida jogou com o time da 8ª série, sendo que os dois times eram bem parelhos. De lance em lance, de toque em toque, cada um conseguiu fazer os seus gols e, por último, foi meio puxado, porque os dois times estavam empatados e, para que acontecesse a vitória precisavam desempatar. Logo, o 2º ano venceu. E acabaram sendo os campeões da primeira interséries de 2015.





VÔLEI

O jogo começou com a equipe das alunas da 8ª série jogando contra as alunas do 7º ano. A partida começou bem, as duas equipes estavam tentando dar o melhor para vencer. Se perdesse estaria desclassificada, assim a equipe da 8ª série continuou no campeonato e, logo, jogou contra a equipe do 1º ano do EM, tendo como participação especial uma mãe de aluna, a Lidiane, a qual ajudou muito o time. A partida começou com a maioria dos pontos para a 8ª série, mas no finalo jogo ficou difícil e após a diferença estar de apenas um ponto, a equipe do 1º ano reagiu e conseguiu conquistar a vitória. Assim, o grupo do 1º ano do EM levou a melhor e foi o campeão no campeonato de vôlei.

Os alunos agradecem a todos os professores por terem colaborado para que o evento saísse bem organizado. Valeu, a primeira interséries de 2015 foi um SUCESSO!!!

Dupla Grenal



Internacional: Classificado para as semifinais da copa Libertadores da América, único time brasileiro que ainda resta nessa reta final da competição, conta também com desfalques importantes para os jogos do Brasileirão, como umas das principais estrelas do elenco D'Alessandro com a mão quebrada no jogo contra o Atlético Mineiro passou por cirurgia e desfalcará o time pelo menos por quinze dias. Eduardo Sasha, Váldivia e Nilmar aguardam liberação do departamento médico para jogar os próximos jogos da equipe no Brasileirão.

Grêmio: O Grêmio não vinha tendo bons resultados tanto no começo do campeonato Brasileiro e também perdeu o título do campeonato gaúcho para o seu principal rival o Internacional, empatando o primeiro jogo da decisão e perdendo o segundo pelo placar de 2x1. Logo, a diretoria acabou mandando Luis Felipe Scolari embora, o que resultou em uma busca por um novo técnico. Optaram pela contratação de Roger, um velho conhecido da torcida gremista, um ex-jogador do clube, um ídolo tricolor. Roger já foi auxiliar técnico do time do Grêmio do ano 2011 a 2013 e já chegou a ser técnico interino em algumas oportunidades. Com o novo treinador, o Grêmio procura por um ano melhor e também a possível briga pelo campeonato Brasileiro.

DURASNAL EM FOCO

Alunos responsáveis: Nidiane e Sirlei.

- No dia 19 de dezembro aconteceu a conclusão da 8ª série do Polo do Durasnal. A festa estava linda e foi realizada no CTG Oswaldo Aranha.

- No dia 26 de dezembro houve o encerramento das atividades do CTG Oswaldo Aranha com uma reunião festiva. Apresentações artísticas, brincadeiras e sorteio de brindes animaram a noite.

- Seu Sigfrid Albrecht segue como posteiro do Piquete Tradição do Parové. Ele e sua esposa, dona Beatriz, receberam os títulos de Cidadãos Alegretenses, pelos relevantes serviços prestados à comunidade do Parové.

- Vem aí mais uma edição da Festa do Milho, no Piquete Tradição do Parové, nos dias 11 e 12 de abril. Haverá baile no sábado com o Grupo Tranco Alegretense. No domingo haverá gincana e chimarrão dançante.

- No dia 04 de abril houve a troca de patronagem do Grupo Tradicionalista Namir Giovani Antunes, num animado baile de Páscoa. Assumiu como posteiro o senhor Vulmar Bonassa, recebendo o cargo do senhor Hermógenes Alves, que realizou um excelente trabalho em sua gestão.



A VOZ DA COMUNIDADE

Alunos responsáveis: Gudrian, Patrick e Anderson

O que você acha do Durasnal?

“O Durasnal é um bom lugar para se viver, desde que as pessoas se preocupem mais em trabalhar e invejar menos os que trabalham.”

Marcelo Machado
Empresário



“O Durasnal é um lugar de pessoas trabalhadoras, muito esforçadas no trabalho do dia a dia, tanto os homens quanto as mulheres. É um lugar muito bom para viver”.

Eva Ivone Pinto Neri
Professora



“Excelente.”

Carlos Augusto Barcellos Squizani
Técnica em Agropecuária



“Legal. Divertido. Lugar de muitas lendas.”

Christian Taferinaberrri Severo
Aluno dos Anos Iniciais

Fonte: Jornal “O Maracanã”, 35ª edição, abril/maio/junho de 2015, p.13; 34ª edição, outubro/novembro/dezembro de 2014, p.3.

Por isso, pode-se afirmar que a prática pedagógica é feita de alinhavos, de costuras, do descoser, do refazer, do retoque para que se tenha um produto não acabado, mas em fase de aprimoramento. Sobre as práticas educacionais, Zambala (1998, p.13) nos faz pensar sobre um dos objetivos de qualquer profissional que é “ser cada vez mais competente em seu ofício.

Geralmente se consegue esta melhoria profissional mediante o conhecimento e a experiência: o conhecimento das variáveis que intervêm na prática e a experiência para dominá-las”.

Inquestionavelmente, para isso, é preciso dedicação do professor, bem como a preocupação de sempre inovar, além, claro, do saber ouvir, pois há sempre a voz do outro, que é pertinente e coadjuvante. Ainda, para Zambala (1998, p. 14) “a melhoria de nossa atividade profissional, como todas as demais, passa pela análise do que fazemos, de nossa prática e do contraste com outras práticas”. Assim, devemos mudar nossa prática quando visamos atender as necessidades reais dos alunos, buscando fazer com que acreditem nos seus potenciais, nas suas capacidades de autoria.

O educador francês, Celestin Freinet, é referência sobre a prática do jornal escolar como foi tratado nessa pesquisa, mas se faz necessário destacar que ele criou tal recurso para atingir um objetivo maior, que é o despertar, nos alunos, de uma consciência de seu meio, incluindo os aspectos sociais, e de sua história. E, quando o aluno percebe-se protagonista desse meio, dessa história, automaticamente está motivado a querer aprender. Quanto mais o aluno foi reconhecido como importante para a existência do jornal, mais ficou interessando em escrever melhor e preocupado se estava atendendo a expectativa do leitor. O aluno, então, passou a ser um investigador de informações, um integrante confiante do seu trabalho junto à equipe do jornal. Acompanhemos dois casos distintos quanto ao conteúdo, porém semelhantes na questão de atores do processo.

Figura 10 – Aluno: ator do processo (1)

PATROCINADORES

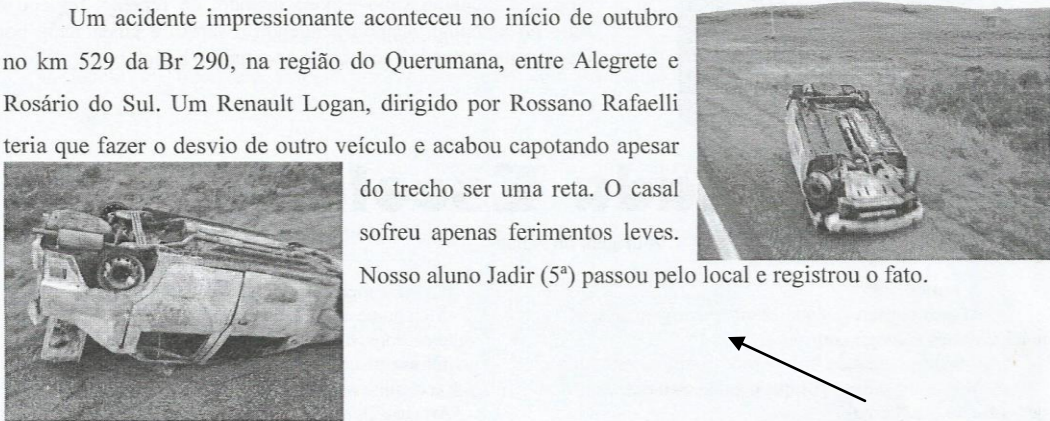
- **CTG OSWALDO ARANHA**
“Honrar a tradição do pago que foi paradigma na vida de Oswaldo Aranha”.
Fone: (55) 9988 8784
- **CASA DO PRODUTOR DO DURASNAL**
“Valorizando o produtor local”.
Gestor: Ênio Aurélio. Fone: (55) 9975 0930
- **ARMAZÉM PEREIRA**
Qualidade e confiança!
- **BAIUQUINHA**
A cantina do tio Carlos, com lanches, sucos e doces.
- **BELEZA EM ALTA**
Cortes de cabelo (unissex).

Notícia

Acidente na Br 290
Carro com casal incendeia na 290

Um acidente impressionante aconteceu no início de outubro no km 529 da Br 290, na região do Querumana, entre Alegrete e Rosário do Sul. Um Renault Logan, dirigido por Rossano Rafaelli teria que fazer o desvio de outro veículo e acabou capotando apesar do trecho ser uma reta. O casal sofreu apenas ferimentos leves.

Nosso aluno Jadir (5ª) passou pelo local e registrou o fato.



↙

Fonte: Jornal “O Maracanã”, 23ª, agosto/setembro/outubro de 2011, p. 14.

Nesse caso, durante o trajeto entre casa e escola, na BR 290 (rodovia com intenso fluxo de carros, que liga Alegrete a Rosário do Sul), o aluno presencia um acidente de carro que gerou um incêndio. Imediatamente, ele registra o fato por meio da câmera de seu telefone celular com a finalidade de publicar no jornal. Sobre isso, Kleiman (2005) explica que

“quando o foco está na prática de letramento, corre-se menos risco de engajar o aluno em atividades de ‘faz-de-conta’ (p. 40)”.

Figura 11 – Aluno: ator do processo (2)

4

“PROSA BUENA”.

“Mais faceiro que ganso novo em taipa de açude”, foi neste clima que os alunos do Pólo do Durasnal receberam o “mais conhecido que parteira de campanha”, Cabo João, locutor da Rádio Nativa FM que apresenta o programa “Galpão do Cabo João”, de segunda a sexta-feira às 12h30 min.

Com um mate gordo e um verso gaudério, Cabo João foi aplaudido na chegada pelos alunos. Eles que tiveram a oportunidade de conhecê-lo pessoalmente, já que somente o escutam através das ondas do rádio. Foi uma tarde prazerosa e todos ficaram “saracoteando mais que bolacha em boca de véia”.

O Presidente Lula (Cleiton – 8ª) se fez presente, saudou o Cabo João e comentou sobre a CPI do Durasnal.

O Prefeito Pillar (Humberto – 7ª) fez ao vivo o seu programa “Por um Mundo Melhor”, criticando os jovens que sentam nas guardas dos bancos públicos.

O Paulinho Mixaria (Alex – 7ª) fez a abertura do programa “Galpão do Cabo João Direto do Durasnal”.

Vamos acompanhar a prosa:

1) Quem é o Cabo João?

Me chamo João Fontoura. Sou do Rincão do Inferno, hoje Rincão do Paraíso, interior de Alegrete. Sou de uma família de 7 irmãos. Com 13 anos já era um apaixonado por cavalo, lides campeiras e por tradição. Foi nesta época que nasceu meu nome artístico “Cabo João”. Recebi este nome numa estância colocado por um senhor para denominar um posto mais baixo, pois era um guri ginete. Quando dancei na Invernada do Aconchego o apelido ficou o mesmo e se firmou mais ainda.

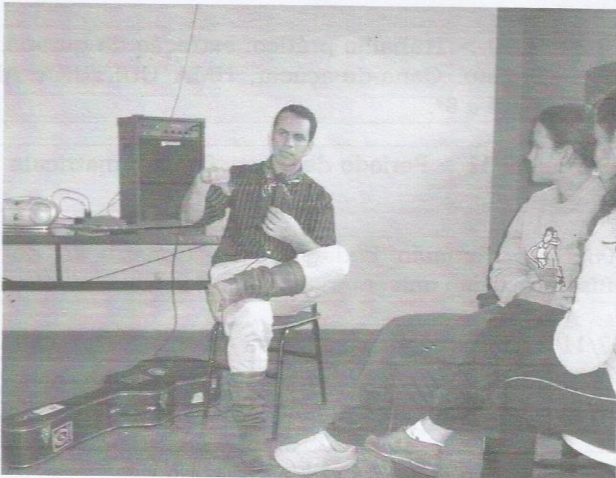
Na escola, não me dei muito certo, era danado barbaridade, os professores não me entendiam.... (risos)....

“Eu era grosso como parafuso de patrola”.

Estreei no rádio através do convite do Márcio Paz, fiz 3 meses de teste e depois fui para o ar na Rádio Cultura Fm.

Morei em diversos lugares do Brasil e também em outros pagos (exterior). Já fiz de tudo nesta vida: DJ, ginete, peão de estância, garçom, editor de jornal, narrador de rodeio, escritor, poeta, músico. Hoje sou locutor, músico e almejo em breve ser um historiador. Precisamos saber quem somos nós neste “Garrão da Pátria”, e isto sempre me interessou. Na parte musical me firmei mesmo com o lançamento do 1º CD “Motivos do Campo”.

Eu somei muitas experiências e espero somar muito mais nesta minha vida.



2) Rádio / Alguma gafe...

Trabalho na Nativa FM há 07 anos. Gosto do que faço.

Cometi várias gafes no ar, cito um soluço que dei ao vivo, foi uma vergonha, mas fazer o quê?

Programa ao vivo é assim, temos que estar preparados para tudo.

Eu sou muito positivo em minhas colocações, sei que não agrado a todos. A gente se expõe, de fato, mas falo o que pendo.

3) E a música “Domando”?

O Salustiano, de quem falo na música, era o meu irmão de criação mais velho, preni muitas coisas da lide campeira com ele. Esta música é baseada em fatos reais.



4) Conselho:

Tudo nesta vida é difícil, sempre foi, mas temos que ter coragem e enfrentar.

Após a prosa continuaram as apresentações dos alunos:

Narração de rodeio: Alisson – 8ª

Música do Tatu: Tiago – 8ª

Piada do Mulita e narração gol do inter: Rodrigo – 8ª

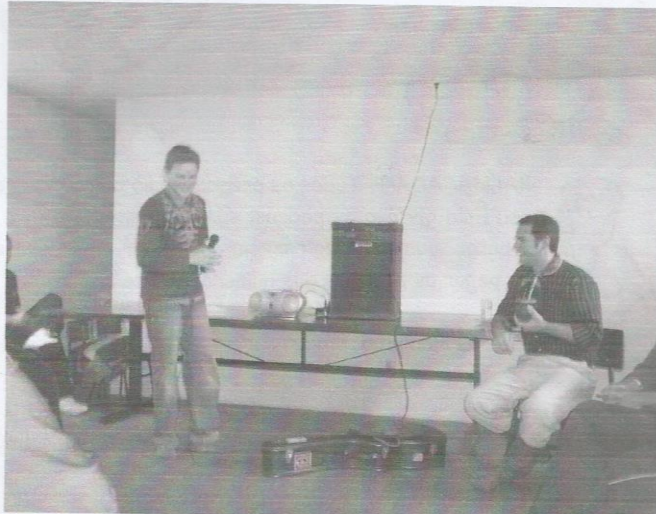
Piada do Mixaria: Alex e Fagner – 7ª

Músicas: José, Alex, Vinicius, Rafael e Leonardo da 7ª.

Cabo João foi presenteado com as apresentações artísticas, um mostra do melado produzido na escola e um desenho artístico do aluno Cássio – 5ª série.

Nosso amigo, Cabo João brindou a todos com o Canto Alegretense, a Música Domado, entre outras. E ainda fez calos nos dedos de tanto dar autógrafos aos alunos!!!!

A coordenação do jornal “O Maracanã” agradece a todos que participaram do evento e principalmente a direção escolar que abre espaço para a cultura.



Fonte: Jornal “O Maracanã”, 18ª edição, outubro/novembro/dezembro de 2007, p. 4-5;

Nesse segundo caso, após os alunos de todo o ensino fundamental II terem escolhido, por unanimidade, o entrevistado da edição e como se tratava de um músico e locutor de rádio, sentiram-se tão motivados que fizeram inúmeras apresentações artísticas, espontaneamente, como homenagem ao artista. Os diversos estímulos possibilitam ao aluno o crescimento

intelectual, a abertura para o novo. Posteriormente, cada aluno transformou o evento artístico em texto, escrevendo de forma prazerosa, pois estavam realmente envolvidos na atividade, ou seja, eram os atores sociais do processo.

Ainda sobre as motivações que levaram os nossos alunos a participarem com interesse durante tantos anos do projeto do jornal, apuro, em duas edições, a realização de um outro projeto de letramento. Trata-se do “Vivenciando Mario Quintana”. Era o ano de 2006 e estávamos comemorando o Centenário de Mario Quintana. Então, a coordenação do jornal ousou em propor algo diferente para homenagear o poeta alegreense. Como no início do ano uma das escolas de samba de Alegrete havia homenageado o escritor em seu samba enredo, apresentamos um projeto que desmistificaria a ideia de que o homem do campo de Alegrete só teria estilo para com as tradições gaúchas, enfim, seria de certa forma uma releitura da apresentação da escola de samba da cidade. Além disso, tal projeto mobilizaria toda a comunidade escolar, fazendo com que enfrentassem desafios, mostrando criatividade e organização.


Primeiramente, foi feita a apresentação do projeto, depois a distribuição de tarefas e, no jornal, a divulgação do evento.

Figura 12 – Aluno: ator do processo (3)

O MARACANÃ

Ano II – Nº 10 – Junho de 2006 - Durasnal
Escola Municipal de Ensino Fundamental "Prof. João André Figueira".
Alegrete – RS

**Centenário do Poeta Mario Quintana – 30/07/2006.
Comemore conosco!**



Os verdadeiros **analfabetos** são os que aprenderam a ler e **não lêem.**

MARIO QUINTANA

Confira ainda...

- * Palestra com os senhores José Homero Almeida e Israel Almeida.
- * Programação para a grande homenagem do Pólo do Durasnal ao poeta alegretense Mario Quintana.
- * Novidade -neste mês "O MARACANÃ" estará lançando 100 adesivos com o seguinte emblema: " O MARACANÃ" - O jornal do Pólo do Durasnal, enfocando o ontem, o hoje e o amanhã. Adquira!

PROJETO: VIVENCIANDO MÁRIO QUINTANA

CENTENÁRIO DE MÁRIO QUINTANA

ROTEIRO DE APRESENTAÇÃO DA ESCOLA – 22/06/06

**Samba: “A Imperatriz Abre As Alamedas Da Praça Nas
Asas Do Poeta-Passarinho”**

- Corte:**
- Rei Momo inf. Maicon (pré-escola)
 - Rei Momo juv. Marcos (5ª)
 - Rei Momo Ad. Marco Aurélio (8ª)

 - Rainha inf. Vanessa (2ª)
 - Rainha juv. Jéssica (5ª)
 - Rainha ad. Franciéli (8ª)

Comissão de frente: - Mario Quintana (Humberto)
- Anjo Malaquias (Ivo – 5ª)

Porta – Estandarte: - Mariéli (caricatura do Mario)

Alas:

- 1) Rua dos Cataventos (Pré-escola) Profª. Terezinha
- 2) Canção da Primavera (1ª série) Profª. Ana Luisa
- 3) Fardão Acad. Brasileira Letras (2ª série) Profª. Lenir
- 4) Coração Bate-Bate (3ª série) Profª Claudia
- 5) Palhaços (4ª série) Profª Laci
- 6) Espelho Mágico (5ª série) – Resp. Profª. Flávia
- 7) Bateria de Lata (6ª série) - Resp. Profª. Eva
- 8) Álgebra – (7ª série) - Resp. Profª Olívia e Margarete
- 9) Correio do Povo e Batalhão das Letras (8ª série) -
Resp. Profª. Fernanda

Isso era cultura. Isso era educação. Esse era o nosso jornal, que promovia a inovação, a arte, a leitura, a releitura, a escrita, a imaginação. Mesmo sendo um jornal desenvolvido

numa escola do campo, tinha igualdade pela sua amplitude e era universal pelos seus valores. Assim, a homenagem ao poeta Mario Quintana marcou a história da comunidade escolar e a edição seguinte do jornal foi especial, como segue.

Figura 13 – Jornal escolar: promotor de cultura

O MARACANÃ

Ano II – Nº 11 – Julho / Agosto de 2006 - Durasnal
Escola Municipal de Ensino Fundamental “Prof. João André Figueira”.
Alegrete – RS

**“...Dancemos todos, dancemos,
Amadas, Mortos, Amigos,
Dancemos todos até
Não mais saber-se o motivo...” · Mario Quintana**

Quindim-quindim no Durasnal



**Samba enredo da Imperatriz da Praça Nova
ganha reeleitura no Pólo do Durasnal em
homenagem ao Centenário de Mario Quintana.**

Projeto “Vivenciando Mario Quintana”.

Neste mês, excepcionalmente, não realizamos a tradicional entrevista. Convidamos os alunos a darem depoimentos sobre a culminância do projeto “Vivenciando Mario Quintana”. O dia 22/06/06 ficará para sempre marcado em nossa memória, foi um dia diferente, onde a nossa escola, situada no interior, aceitou o desafio e sambou na avenida construída pelos alunos, especialmente para homenagear Mario Quintana. Nosso objetivo não foi deixar de lado o tradicionalismo e sim fazer um trabalho novo, se somos gaúchos somos também brasileiros. E por que não trazer o “samba” para zona rural?

Professoras: Fernanda e Giciéli



Porta-Estandarte
Mariéli Antunes
7ª série

04

Todo esse trabalho idealizado pela coordenação do jornal e colocado em prática pela comunidade escolar passou pela avaliação dos alunos e, pode-se afirmar, houve a participação de todos os matriculados na escola na época. A seguir trechos da edição especial com depoimentos dos alunos.

Figura 14 – Aluno avaliador de projeto

Depoimentos – 3ª Série



1) Você gostou de participar da apresentação em homenagem ao poeta Mario Quintana?

- Eu gostei porque todos participaram e se divertiram muito. (Clóvis)
- Achei muito importante. Minha mãe adorou a apresentação. (Vanderléia)
- Gostei muito da apresentação, espero fazer de novo. (Marcos Vinícius)

2) Você gostaria de participar novamente de outras homenagens iguais a esta? Por quê?

- Sim, gostei da melodia e da letra do samba. (Joziéli)
- Sim, porque gosto muito quando nos apresentamos. (Angélica)
- Sim, porque é muito bom participar de outras atividades. (Andréia)
- Sim, me diverti muito e queria participar de diferentes atividades. (Clóvis)

3) Se você gostou muito deste evento deixe seu recadinho:

- O meu recado é curto e grosso: eu queria através do Maracanã agradecer as professoras do Pólo do Durasnal. (Clóvis)
- Adorei muito ter participado, mas adorei muito mesmo. (Vanderléia)
- Eu gostei muito, queria que existissem mais projetos como este na escola. (Thielen)

Depoimentos – 5ª Série



Anjo Malaquias – aluno Ivo (5ª)

1) Defina o que significou a apresentação em homenagem ao poeta Mario Quintana:

- Animação. (Laraíne)
- Harmoniosa. (Tainá)
- Dedicção. (Jéssica)
- Foi um sucesso. (Graziéli)
- Eu gostei.(João Carlos)
- Engraçado. (Tatiana)

2) O que você sentiu ao passar pela avenida?

- Eu me senti orgulhoso. (Bruno)
- Vergonha, alegria e emoção. (Bianca)
- Um frio na barriga, parecia que o mundo estava desabando sobre minha cabeça. (Tainá)
- Parecia que estávamos voando. (Tatiana)
- Um pouco de vergonha, mas gostei muito de passar na avenida. (Vinícius)
- Senti muita alegria em festejar com meus colegas e feliz porque os pais estavam assistindo. (Ilca)

Achei interessante, porque Mario Quintana nasceu em Alegrete. Como diz o samba-enredo “Mario saiu do armário”, este trabalho me fez conhecer Mario Quintana. Eu quero agradecer as professoras Gici e Fernanda que, com o apoio dos demais professores, direção e funcionários fizeram esta brilhante apresentação. Eu como a rainha adulta do evento, adorei ter participado. Valeu galera, nossa apresentação foi um sucesso! (Franciéli)

O projeto me mostrou quem realmente Mario Quintana foi, pois eu apenas sabia que ele havia nascido em Alegrete. Agora eu sei mais a respeito dele. (Danner)

Despertou nossa criatividade na montagem das fantasias. Ficaria feliz se projetos desse tipo acontecessem novamente. Parabéns a todos que trabalharam! (Rafaela)

A parte que mais gostei foi quando fizemos um círculo em torno da nossa rainha e do nosso rei momo. (Herbert)

De minha parte este evento foi o mais interessante e divertido que já participei. (Lucas)



Ala Batalhão das Letras – 8ª série

É um projeto de dar exemplo para os outros pólos, escolas e comunidade em geral. Foi bom contar com a presença de todos os pais e da comunidade no dia 22/06/06. Venci o medo e me apresentei como rei momo. Achei bom barbaridade! (Marco Aurélio)

Superei o medo, tenho muita vergonha! Pude me soltar e fazer algo que não sou acostumado a fazer. (Marcos Vinícius)

Apreendi a desenvolver minha expressão corporal através da dança. (Elfra)

Adorei a iniciativa, pois contribuiu com o desenvolvimento da educação na comunidade. (Larisse)

Um projeto desses prestigia e entusiasma a nossa escola. Também promove a união das turmas. Devemos ser audaciosos para formarmos outros projetos como este. (Daniele)

No início achei uma chatice o projeto do Mario Quintana, mas aos poucos me entusiasmei no dia foi muito legal e gratificante ver os pais nos aplaudindo.

Teve muita criatividade, o rei e a rainha estavam lindos. (Karine)

Todos os alunos que participaram ficaram felizes do início ao fim da avenida, o pessoal que estava assistindo ficou satisfeito e no final todos comeram quindins. (Jader)



Na foto:
alguns
profes-
sores
e
Funcio-
nários

3) Para você, qual o destaque do desfile?

- Em caracterização a 4ª série mas em organização a 3ª série. (Laraíne)
- Ala dos Palhaços porque as funcionárias participaram. (Bruno)
- Ala dos Palhaços e Mario Quintana (Gullit)
- Rua dos Cataventos (Bianca)
- Ala da Álgebra, 7ª série, houve grande esforço. (Tainá)
- O Anjo Malaquias, a fantasia dele estava muito legal. (Vinícius)
- A bateria de lata "Olho Azul". (Jéssica)
- Gostei da ala Eu Passarinho, estávamos coloridos. (Tatiana)

4) O que poderia ter sido melhor?

- Se mães e pais desfilassem conosco. (Bruno e Juliano)

5) Como você a inserção do samba no Durasnal?

- Algo diferente que entusiasmou as pessoas. (Jéssica e Tainá)
- Muito bom, a escola poderia fazer isso mais vezes. (João Carlos)

Depoimentos – 8ª Série



Ala Correio do Povo – 8ª série

07

As práticas acima descritas vêm ao encontro do que Keiman (2007b) argumenta:

Partir das práticas letradas e das funções da escrita na comunidade do aluno significa, entre outras coisas, distanciar-se de crenças arraigadas, como a “superioridade” de toda prática letrada sobre a prática oral; aprender e ensinar a conviver com a heterogeneidade, valorizar o diferente e o singular. Envolve agir como interlocutor privilegiado entre grupos com diferentes práticas letradas e planejar atividades que tenham por finalidade a organização e participação dos alunos em eventos letrados próprios das instituições de prestígio, tais como ler textos literários, científicos, jornalísticos, assistir a peças de teatro, escrever um livro(inh)o, fazer uma exposição artística, organizar um sarau ou uma noite de autógrafos (pp.18,19).

Dessa forma, para que o aluno tenha possibilidade de autoria é preciso que este esteja inserido em atividades significativas, mas não basta só isso. É necessário, também, que o professor, como um agente de letramento, seja um mobilizador de estratégias, tudo isso se constrói por meio do tempo, da sensibilidade, da prática e da reflexão.

4.4 – Os gêneros discursivos: os conteúdos do jornal e a constituição do gênero entrevista

A produção do jornal escolar “O Maracanã” iniciou sem o próprio grupo de coordenação definir qual seria o centro de toda a ação. Como já descrito nesta pesquisa, a mistura de propósitos provocou essa lacuna na execução primeira do jornal, em que algumas vezes defendiam-no como instrumento de comunicação apenas, entre escola, família e comunidade; outras vezes o tinham como um tecido congruente para assegurar ao aluno condições de desenvolver a leitura e a escrita, mas ainda sem a percepção de que seria também um espaço para o aluno como ator social. Todo esse contexto de duplo papel do jornal (cf. Bonini (2011), p. 159) procrastinou a eficiência do mesmo no meio escolar.

Analisando com mais cuidado as declarações de Bonini, percebo que provavelmente a nossa nova ferramenta pedagógica não cumpria efetivamente nem um, nem outro papel, já que o grupo de execução tentava acertar o passo com o andamento do projeto e não conseguia exercer sobre ele o discernimento sobre a sua função no ambiente escolar. E a justificativa para esse percurso circunstancial é bem claro, a falta de leitura dos membros do grupo sobre a criação de jornal escolar, bem como de sua implementação. A falta de acesso à teoria fez com que a prática se tornasse vazia, confusa, truncada.¹⁰ Por isso, este trabalho de pesquisa

¹⁰ Isso se deve a necessidade de formação continuada. Por isso a importância do Mestrado Profissional, pois foi criado como uma tentativa de suprir com essa demanda.

também serve de sobreaviso a tantas outras iniciativas que surgirão em nossas escolas, pois não pode haver prática sem teoria, e teoria sem prática. O vínculo entre esses pontos é inescusável. Uma grande lição desta pesquisa!

Mesmo que tenhamos todo esse panorama inicial reflexivo, cabe o olhar mais apurado sobre os conteúdos que integraram o jornal nos dez anos de formação. Da primeira até a nona edição há muitas marcas que legitimam o que foi explicado anteriormente, nesta análise. Há a descrição, na capa, de conteúdos típicos de um jornal convencional (cf. Bonini, 2011, p. 160), como editorial, esporte, piada, curiosidade, entrevista (excelência do projeto), horóscopo, e seções como pesquisa, semana da escola, lendas gaúchas, violência juvenil que possuem um caráter escolar. Alguns exemplos:

Figura 15 – Conteúdos do jornal (2)

Jornal na Escola

Ano I - Nº 1 - Abril de 2005 - Durasnal
Escola Municipal de Ensino Fundamental "Prof. João André Figueira".
Alegrete - RS

FOFOCAS

DESENHOS

ESPORTES

CURIOSIDADES

HORÓSCOPO

SEMANA
PREVENÇÃO CONTRA
VIOLÊNCIA JUVENIL

EDITORIAL

ENTREVISTA

PASSATEMPOS

E O NOME DO JORNAL?

Você aluno é quem vai sugerir através de sua cartinha.
Envie-a nossa redação e diga o porquê, converse com
seus colegas, mas não deixe de participar.

MARACANÃ

Ano I - Nº 02 - Maio de 2005 - Durasnal
Escola Municipal de Ensino Fundamental "Prof. João André Figueira".
Alegrete - RS



Que tal você escolher um nome para a "CANTINA DO SEU CARLOS"?
Envie sua sugestão à nossa redação. O autor do nome
escolhido ganhará um super lanche.

Vai ficar
fora
dessa?



Participe!

MARACANÃ

Ano I - Nº 05 - Agosto de 2005 - Durasnal
Escola Municipal de Ensino Fundamental "Prof. João André Figueira".
Alegrete - RS

LENDA GAÚCHA

ENTREVISTA

PESQUISA

DURASNAL EM
FOCO

ESPORTES

PIADAS

VI Ronda Farroupilha, página "Durasnal em Foco".
Página 03.

Entrevista com Ênio Aurélio, patrão do C.T.G. Osvaldo
Aranha, alusivo ao 37º aniversário da entidade.
Páginas 04 e 05.

Momento Esportivo .
Página 06.

O MARACANÃ

Ano I – Nº 06 – Setembro de 2005 - Durasnal
Escola Municipal de Ensino Fundamental “Prof. João André Figueira”.
Alegrete – RS

MÚSICA - TOP 5

ENTREVISTA

DURASNAL EM
FOCO

PESQUISA

FOFOCAS

Super entrevista com Dr. Jesus Fernandes.

Páginas 04, 05, 06 e 07.

Aniversariantes do mês.

Página 11.

Pólo do Durasnal se destaca no ABC Itinerante e Conferência do Meio Ambiente, página “Durasnal em Foco”.

Pág. 03.

Agradecemos a colaboração do jornal “Em Questão” pela doação de exemplares ao jornal “O MARACANÃ”.

Desse modo, o jornal não cumpria o que Freinet (1974, p. 24) defendia de que o ponto de partida para elaboração do jornal deveria ser os reais interesses dos alunos, mesmo que em algumas edições se encontre textos livres dos educandos, foram publicados sem essa consciência. Podemos abduzir de algumas edições iniciais do jornal tendo como recorte a entrevista o quanto o aluno era excluído do processo de discussão, opinião, elaboração, já que nós, professoras, determinávamos quem seria o entrevistado, onde o entrevistariamos, quais eram as perguntas e quem as faria. Seguem trechos ilustrativos.

Figuras 16 – Metodologia das entrevistas (1)

ENTREVISTA DO MÊS

No dia 10 de maio de 2005 a turma da 8ª série juntamente conosco e assessorados pela profª. Leila, visitamos a Srª. Délcia Dorneles Antunes (D. Deta), para realizarmos esta importante entrevista.

D. Deta foi casada com o senhor Antônio Antunes Dorneles, um dos homens mais importantes para esta comunidade, ele nasceu em 09/09/1902 e faleceu em 02/10/1952, foi sub-prefeito e inspetor policial.

Atuou na luta pela construção da Escola Rural de Durasnal conseguindo o terreno com o Sr. Pedro Rodrigues Dorneles.

D. Deta, seu filho Délcio e sua nora Maria nos receberam muito bem e com grandiosa hospitalidade (teve mate em duas cuias e doce para todos).

Achamos enquanto professoras que é importante haver a relação escola e comunidade para que possamos conhecer a nossa história.

Professoras: Fernanda e Élia Laci ←

Entrevistada: Srª. Délcia Dorneles Antunes

Repórter: Fernanda Ten-Caten Rosso

Pergunta: Qual é sua idade e onde nasceu?

Resposta: 83 anos, Lageado Grande.

P: Com que idade casou – se com o sr. Nico Dorneles?

R: 24 anos, em minha casa no Lageado Grande.

P: Como a senhora vê a escola hoje?

R: Cada vez melhor.

P: Com que idade o Srª ficou viúva e como foi criar os filhos sozinha?

R: Com 32 anos. Criar os filhos sozinha foi muito difícil, eu lavava "para fora", na sanga. O Délcio tinha três anos e o Jaci 5 anos, às vezes os levava em um carrinho de madeira comigo e ficavam quietinhos. Outras vezes eu os deixava encerrados em casa, mas não em cima dos móveis porque poderiam cair.

P: Quem a ajudou?

R: Meu irmão Ênio.

P: Onde seus filhos estudaram?

R: Na Escola Rural de Durasnal.

ENTREVISTA DO MÊS

No intuito de valorizar a nossa história, a professora Deburá Moreira Pereira realizou, no dia 05 de junho de 2005, a entrevista para este mês com o senhor **Arécio Molina Fernandes**, que reside na cidade de Manoel Viana.

Entrevistá-lo foi motivo de orgulho pois o professor Arécio fez acontecer a história de nossa escola nos anos de 1955 a 1971. É uma pessoa importantíssima para esta comunidade.

Vejamos sua entrevista:

Pergunta: Onde e quando o senhor nasceu?

Resposta: Nasci nas Missões em 04/06/1914 e tenho 91 anos.

P: Como foi sua infância?

R: Antigamente a educação dos pais era muito rígida, só chegávamos perto dos adultos quando chamados, eu gostava de ouvir as conversas dos mais velhos.

P: Com quem o senhor casou?

R: Minha esposa era Julia Denkio Fernandes, ficamos 57 anos casados e ela faleceu em 1995.

P: Quantos filhos tiveram?

R: Sete filhos: Geni, Sílvia, Maria, (ambas já lecionaram nesta escola), Nair, Lúcia e dois já falecidos.

P: Faça um comentário sobre a época que o senhor morou no Durasnal:

R: Cheguei em 1955, lembro-me de D. Vicentina, seus filhos foram meus alunos. Tenho muitos afilhados e compadres, numa ocasião, batizei 30 pessoas, todas juntas. Tenho vontade de revê-los.

P: O senhor lembra de alguns alunos?

R: Sim: Jesus Fernandes, José Denê, Alexandre, Salatiel Antunes, Pedro, Francisco, Zaideci e outros.

Na edição de número dois, constata-se no quinto parágrafo que a decisão de entrevistar a senhora Dêlcia foi das professoras, porque julgavam interessante haver a relação escola e comunidade para conhecermos a nossa história e, onde aparece o registro de quem a entrevistou, verifica-se o nome da professora Fernanda, uma das coordenadoras do jornal. Já na segunda imagem, também com o intuito de valorizar a história da comunidade escolar, a professora Debura, que não fazia parte da coordenação, é quem coordenou e realizou a entrevista com o professor Arécio Molina. Na época, não se julgava a participação do aluno, como comprovamos com esses trechos de entrevistas.

Porém, com a delimitação do grupo de coordenação e, a partir da sensibilidade fomos, aos poucos, entendendo que de o projeto merecia e precisava de uma repaginação. Intuitivamente¹¹, fomos implicando o aluno na prática do jornal. Bem mais do que seções de um jornal adulto¹² (cf. Freinet, 1975-4, p. 24), era chegado o momento de trabalhar também com os discursos dos nossos alunos, assim como nos explica Bakhtin (2011):

Achamos que em qualquer corrente especial de estudo faz-se necessária uma noção precisa da natureza do enunciado em geral e das particularidades dos diversos tipos de enunciados (primários e secundários), isto é, dos diversos gêneros do discurso. O desconhecimento da natureza do enunciado e a relação diferente com as peculiaridades das diversidades de gênero do discurso em qualquer campo da investigação linguística redundam em formalismo e em uma abstração exagerada, deformam a historicidade da investigação, debilitam as relações da língua com a vida. Ora, a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua (p. 264-265).

Logo, o que constitui um gênero é a sua costura com uma situação de interação, e não as suas propriedades formais. Assim, na décima segunda edição do jornal apresentam-se indícios de uma nova estruturação da prática. É a primeira entrevista, por exemplo, em que os alunos são plenamente ouvidos: lista com sugestões de entrevistados; discussão sobre os nomes; definição feita pelo grupo; local da entrevista; redação das perguntas; determinação do que cada um do grupo faria no momento do encontro; decisão sobre a forma ideal para o agradecimento.

¹¹ Como foi explicado, não havia nenhuma leitura sobre a temática, o que tardou as intervenções quanto aos conteúdos e práticas do jornal. É importante dizer que a intuição contém interferências leves dos estudos feitos na graduação que foram extremamente precários.

¹² Para Freinet, o jornal escolar não é uma imitação nem uma substituição do jornal adulto, mas sim uma produção original.

Figura 17 – Metodologia das entrevistas (2)

<p>Queridos Leitores</p> <p>Neste mês “O Maracanã” entrevistou o seu Carlos, da “Baiuquinha” (barzinho da escola). Ele é esposo da diretora, pai da Rafaela, vó da Mariana e “nosso amigo”. A idéia de escolhê-lo pariu de nós por ser ele uma pessoa que faz parte do nosso cotidiano, alguém que acompanha nossos alunos desde o pré até a 8ª.</p> <p>Ele vende muitos quitutes na “Baiuquinha”, mas há coisas que não têm valor e que seu Carlos dá para a gente: seu companheirismo, sua alegria, sua presença amiga...Obrigado seu Carlos pela sua simplicidade, por fazer parte de nossas vidas e por ser nosso pai também.</p> <p>Receba o nosso carinho: alunos da 7ª série, professoras Giciéli e Fernanda.</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Qual sua lembrança de infância mais remota? 1º dia de aula. Fui levado por uma prima na Escola Independência em São Gabriel. 2) Qual seu maior ídolo na adolescência? Revelino, copa de 70. 3) Onde passou suas férias inesquecíveis? Em 1985, primeira férias com a família na praia do Cassino, tínhamos somente a filha mais velha (Gabriela). 4) Qual sua idéia de domingo perfeito? Churrasco com a família, coxinha assada e cervéjinha...Depois aquela sesta! 5) O que você faz para espantar a tristeza? Ouço música. 6) Qual a palavra mais bonita da Língua Portuguesa? Perdão. 7) O que é ser feliz? Estar trabalhando (ter emprego) e estar com a família. 8) Como se sente trabalhando na escola? Alegre, me sinto feliz no meio da gurizada (há 03 anos trabalho aqui). 9) Os alunos te ensinam alguma lição? Qual? Vitalidade e alegria, cada um do seu jeito. 10) Complete a frase: eu sou... o seu Carlos da “Baiuquinha”. 11) Um plano para breve... 	<p>04</p> <p>12) Você nos passa uma imagem de pessoa batalhadora e com espírito jovem. Nos sentimos felizes por tê-lo junto de nós. Deixe uma mensagem para nós, alunos do pólo.</p> <p>Continuem sendo amigos dos colegas e nunca deixem de aprender.</p> <p>Rapidinha:</p> <table border="0"> <tr> <td>Livro: O Alquimista</td> <td>Autor: Paulo Coelho</td> </tr> <tr> <td>Filme: Menina dos olhos</td> <td>Música: A cavalgada -Roberto Carlos</td> </tr> <tr> <td>Esporte: Futebol</td> <td>Time: Grêmio</td> </tr> <tr> <td>Hobby: Palavra Cruzada</td> <td>Mestre: Meu pai e meu sogro</td> </tr> <tr> <td>Data: 1º de janeiro</td> <td>Valor: Meus filhos</td> </tr> <tr> <td>Orgulho: Família</td> <td>Repúdio: Inveja</td> </tr> <tr> <td>Lugar: Casa de meus pais</td> <td>Ídolo: Jesus Cristo</td> </tr> <tr> <td>Vitória: Família</td> <td>Sonho: Um dia montar uma lancheria</td> </tr> </table> <p>Religião: Toda aquela que prega o amor e a caridade.</p> <p>Nome: Carlos Alberto Valles da Silva</p> <p>Nascimento: 16/02/57</p> <p>Idade: 49 anos</p>  <p>Seu Carlos (na Baiuquinha) e alunas da 7ª série.</p> <p>05</p>	Livro: O Alquimista	Autor: Paulo Coelho	Filme: Menina dos olhos	Música: A cavalgada -Roberto Carlos	Esporte: Futebol	Time: Grêmio	Hobby: Palavra Cruzada	Mestre: Meu pai e meu sogro	Data: 1º de janeiro	Valor: Meus filhos	Orgulho: Família	Repúdio: Inveja	Lugar: Casa de meus pais	Ídolo: Jesus Cristo	Vitória: Família	Sonho: Um dia montar uma lancheria
Livro: O Alquimista	Autor: Paulo Coelho																
Filme: Menina dos olhos	Música: A cavalgada -Roberto Carlos																
Esporte: Futebol	Time: Grêmio																
Hobby: Palavra Cruzada	Mestre: Meu pai e meu sogro																
Data: 1º de janeiro	Valor: Meus filhos																
Orgulho: Família	Repúdio: Inveja																
Lugar: Casa de meus pais	Ídolo: Jesus Cristo																
Vitória: Família	Sonho: Um dia montar uma lancheria																

Fonte: Jornal “O Maracanã”, 12ª edição, setembro de 2006, p.4-5.

Esse acontecimento era o prelúdio do que se constituiria o acme do jornal escolar: o gênero entrevista, onde o aluno, desde então, sentiu-se um ator porque ele era capaz de opinar, argumentar, decidir; ele era capaz de criar, convencer, escrever e encantar; ele era capaz de vencer desafios, de desafiar a professora, realizar sonhos Somente ele? Não, pois o grupo manteve-se unido e depois dos debates o que era definido era, ao mesmo tempo acatado por todos. Logo, todos eram capazes...

O gênero entrevista não foi imposto por nós professoras como o privilegiado, mas foi o gênero com que os alunos se identificaram, talvez pelas possibilidades que ele oferece quanto à vivência de novas experiências, bem como declara Freinet (1974, p.25) “cabe-nos a nós, professores, encontrar e definir as soluções que satisfaçam uns e outros.”

Também, mediamos o processo de definição do tipo de entrevista que seria adotado e, naturalmente, por levantar aspectos biográficos do entrevistado, registrando suas ideias, preferências, modo de viver, o ilustrativo preponderou.

Buscando vestígios nos vinte e quatro exemplares posteriores a retomada de objetivo com o projeto jornal escolar, encontrei muitos *panos* para serem mostrados, muitas estampas que ficaram guardadas na mente e nos corações dos alunos porque foram atividades relevantes em suas vidas, foram experiências, segundo Larrosa (2004), mas tive que selecionar a partir da minha sensibilidade, àquelas entrevistas que me pareceram ser mais relevantes para os alunos durante o processo de constituição do jornal, o que foi difícil porque de cada entrevista saímos mais enriquecidos de aprendizagens.

Na edição vinte e cinco, a turma da 8ª série que era responsável¹³ pela edição decidiu entrevistar o Sr. Carlos Alberto “Cabeto”, o locutor de o “Mensagem Rural” – programa de rádio mais antigo do Brasil e que transmite recados para os municípios, especialmente os da zonal rural – levado ao ar todos os dias, após o almoço, pelas ondas da Rádio Alegrete. No primeiro momento, houve a entrevista com as perguntas elaboradas pelos alunos, pois eles tinham muitas curiosidades sobre o programa e também queriam compartilhar que suas famílias eram ouvintes assíduas. Quinze perguntas e mais uma rapidinha (jogo de perguntas e respostas breves) permearam o encontro. Interessante ressaltar que foi o pai desse entrevistado que deu origem ao apelido “maracanã” para os moradores da região, porque falavam alto. No final, os alunos fizeram homenagens, receberam autógrafos e conversaram informalmente


¹³ A cada edição do jornal uma turma é responsável pela elaboração, redação, revisão, edição e comercialização dos exemplares. O número de edições durante o ano letivo é igual ao número de turmas do Ensino Fundamental II, para que todas as turmas possam participar do projeto. A ordem de participação era determinada pela ordem cronológica das turmas, ou seja, primeiro os do 9º ano, depois 8º e, assim, sucessivamente.

com o comunicador. Este, encantado com o evento, convidou nossos alunos para participarem de um programa ao vivo. Assim, vinte e dias depois, os alunos realizaram um sonho: conhecer o funcionamento da rádio, bem como seus funcionários e, ainda, serem locutores por alguns momentos, lendo avisos, enviando abraços aos familiares, falando sobre o jornal escolar. Seguem trechos dessa entrevista:

Figura 18 – Metodologia das entrevistas (3)

○ MARACANÃ

Ano V - Nº 25 - Abril e Maio de 2012 - Durasnal
Escola Municipal de Ensino Básico João André Figueira
Alegrete - RS



Há bons motivos para comemorar...

25^a

edição de “O Maracanã”!

Informe-se, divirta-se...





Leia, nas páginas 04, 05 e 06, entrevista com o Radialista Cabeto.

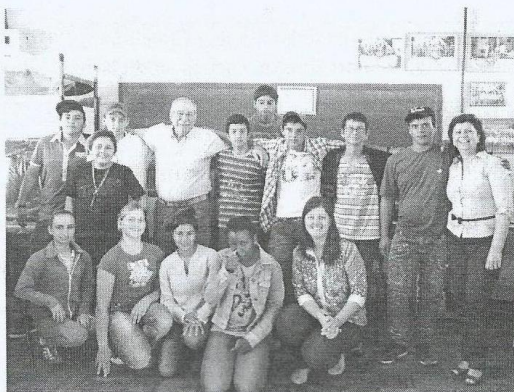
Entrevista da Edição

No dia 18 de maio de 2012, a turma da 8ª série entrevistou o Radialista Cabeto, apresentador do programa mais antigo do Brasil, o Mensageiro Rural. Sua presença na escola foi motivo de orgulho, pois Cabeto é amigo da comunidade e admirado por sua generosidade. Os redatores desta edição puderam conhecer um pouco mais da vida deste ilustre alegreense e, agora, podem dividir com você, querido leitor, tais conhecimentos. Acompanhando o Cabeto esteve sua esposa Iara, uma pessoa muito simpática e uma grande educadora.

Vejam sua entrevista:

1) Qual seu nome completo, sua data de nascimento e sua naturalidade?

Meu nome é Carlos Alberto Agustini Duarte. Nasci em 15/11/1943, na cidade de Alegrete, mas fui criado no Caverá.



2) Fale-nos sobre sua infância:

Minha infância foi na cidade, mas estava sempre ligado na campanha. Tinha parentes no Caverá, Catimbau, Durasnal e Jacaquá. Onde tinha serviço fomos para trabalhar. Guri não sesteia, então eu ginateava tudo de que tinha quatro patas. Aprendi muito no campo fazendo arte e ouvindo os mais velhos.

Era tihoso na escola, mas muito inteligente, nunca fiquei em exame.

Até os 13 anos estudei no Instituto de Educação Oswaldo Aranha, depois por dois anos fiz o Científico na EAFA. Fui para POA e tive oportunidade de fazer vestibular. Estudei em uma Escola Militar, formei-me aspirante. Fiz estágio no 6º RCB, servi em POA e, posteriormente, fui residir no Paraná.

3) Fale-nos sobre sua família:

Na família do meu pai todos eram revolucionários, meu avô era cumpadre do Honório Lemes e sua propriedade era no Rincão dos Duartes. Minha mãe era filha de Italianos. Éramos cinco filhos.

Eu e minha esposa, Iara, tivemos três filhos (um que já está formado, um que está quase se formando e outro que vai prestar vestibular). A melhor herança que posso deixar para meus filhos é o estudo. Além do estudo é preciso saber fazer qualquer outra coisa, para sobreviverem se necessário.

A melhor amizade que existe é a do pai e a da mãe, pois são amigos seguros.

4) Como foi sua juventude?

Eu era especialista na área do namoro. Adorava ir a bailes, naquela época dançávamos mais do que hoje, que só se sacodem. Costumava ir a bailes nos Pinheiros, no CTG Farroupilha e ainda em festas de casamento. Os mais velhos sempre afastavam os que queriam dançar juntinhos. Havia muito respeito. Quando retornei do Paraná, Iara estava na faculdade. Comprei o restaurante Barroco (hoje Farmácia Popular, esquina da praça Getúlio Vargas). Nele nos conhecemos e isso já faz 30anos.

5) Quando começaste a trabalhar e como foi?

Comecei a trabalhar com 11 anos, “mandalete” de uma Imobiliária. Trabalhei fora do estado. Iniciei a trabalhar na Rádio Gazeta, apresentando por cinco anos um programa gratuitamente. Depois passei a apresentar oficialmente um programa e isso já faz 20 anos. Trabalhei também na Rádio Cultura FM (hoje Nativa). E depois na Rádio Alegrete.

A imprensa (rádio) é como se fosse cachaça, quem entra não sai. É um vício.

Ser radialista é uma profissão apaixonante, principalmente para as pessoas que tem dom. Jamais

6

13) Conte-nos um “furo” que o Sr. deu ao vivo no programa:

2 Um cidadão chegou machucado na rádio e começou a chorar, dizendo que o irmão havia morrido em um acidente próximo ao Posto Texacão do Caverá. Pedi para o Paulo Camargo ligar para a Polícia Federal, mas ninguém atendia. Telefonamos para o Posto e confirmaram o acidente. Falei ao vivo sobre o acidente e o óbito. Meia hora depois me liga o irmão do cidadão dizendo que estava vivo... Tive que me explicar no programa. Infelizmente, o cidadão teve um surto e inventou toda a história.

14) Fale-nos sobre a origem da expressão “Maracanã do Durasnal”:

Nesta região tinha uma caturra chamada Maracanã.

Em cada festa de família as mulheres falavam muito alto e sem parar, então meu pai (Inácio Duarte do Amaral) disse: “mandem esse bando de Maracanãs ficarem quietas!”

E assim, a expressão rapidamente ficou popular.

15) Deixe uma mensagem para os alunos do Polo:

A educação de vocês deve vir de casa. Na escola devem acreditar sempre nos professores e saber que o que se aprende nela se leva para o resto da vida.

16) Rapidinha:

Uma data: 20 de setembro

Livro: A Bíblia

Time: Grêmio

Lazer: Pescaria

Comida: Carreteiro

Exemplo: Meu pai

Música: Guri

Poesia: Jaime Caetano e Luiz Menezes

Religião: Católico

Um sonho: Ver todos os filhos formados

Uma decepção: Os políticos do meu país

Bebida: Guaraná (sou viciado)

Um doce: Todos

Um lugar: Alegrete

Uma palavra: Amor

Um orgulho: De ser GAÚCHO

Um repúdio: Falsidade



FIM

*Rodrigo de Souza
com muito carinho de todos
Cato
18.04.12*

>>>Autógrafos...

Visita à Rádio Alegrete

Participação ao vivo no Programa Mensageiro Rural

09 de maio de 2012.



Conhecendo a Rádio.



Abertura do Programa.



Participação ao vivo.



Alunos com Mantovani Beulque Bitencourt



Fonte: Jornal "O Maracanã", 25ª edição, abril e maio de 2012, capa e p.4-7.

Encerrando essa edição com o lançamento, comercialização e avaliação da mesma, a turma da 7ª série já me esperava com ansiedade com a produção do jornal sob o comando deles. No primeiro encontro definiram os conteúdos da edição e distribuíram tarefas. No segundo encontro algo inesperado aconteceu quando os questioneei sobre o entrevistado da edição. Disseram-me que tinham um sonho e que o jornal “O Maracanã” precisava realizá-lo: entrevistar o Guri de Uruguaiana¹⁴. Subitamente respondi que isso era impossível, pois ele era um artista que morava em Porto Alegre, a 600 km de Alegrete e tinha uma agenda repleta de compromissos. O resultado da minha fala foram semblantes tristes e decepcionados. Mas seguiram discutindo outros nomes. Já em casa, tomando um chimarrão, pensei “por que não tentar?”. Imediatamente enviei um e-mail para a assessoria do artista e para minha surpresa a resposta veio depressa de que haveria uma possibilidade, pois no próximo mês haveria show em Alegrete.

Posteriormente, via telefone, recebo a informação de que todos nós, professora e alunos da 7ª série, ganharíamos ingressos para assistirmos ao espetáculo e, ao final, espaço para realizarmos a entrevista. A emoção invadia meu ser, era o projeto do jornal também realizando sonhos. Quando noticiei os alunos, estes cantaram, estes choraram, cantaram e se abraçaram por muitos minutos. No mesmo dia, elaboraram as perguntas e providenciaram presentes para o ilustre entrevistado. O espetáculo foi maravilhoso, a entrevista emocionante, as fotos registradas com carinho e a troca de presentes encerraram a noite. Após a entrevista, dias e dias foram necessários para que a redação da respostas ficasse de acordo com as expectativas dos alunos. Ouviam inúmeras vezes a gravação, reviam apontamentos e, juntos, concluíram a edição dos sonhos. Seguem ilustrações.

¹⁴ Jair Kobe, criador do personagem Guri de Uruguaiana, é natural de Porto Alegre-RS. Trabalhou em escritório de contabilidade, vendeu roupas como sacoleiro, tornou-se dono da boutique e de restaurante, trabalhou em uma agência publicitária, realizou e apresentou eventos como “Concurso de Cães”, “Domingo na Praça” e “Concursos de Beleza”, tornou-se fotógrafo profissional e depois de passar por tantos trabalhos na vida, Jair descobriu seu talento reprimido ao apresentar o show “Seriamente Cômico”, no Teatro Ipê, ingressando a partir de então na carreira artística. O personagem Guri de Uruguaiana é nascido e crescido na zona rural de Uruguaiana-RS. Quando piá de colo, aprendeu a caminhar ligeiro que nem cascudo em galinheiro, com apenas 4 meses. Isso porque ele era mais feio que indigestão de torresmo, e ninguém queria o vivente no colo. O tempo passou, e com sua mãe aprendeu tudo que um bagual precisava saber. Ensinou a ater fé dizendo: “Reza... reza pra sair a mancha deste tapete”. Também ensinou a ter paciência, quando dizia: “Espera... espera só o teu pai chegar em casa”. Mas a lição que a mãe dele ensinou e ele nunca mais esqueceu foi: “Tu é igualzito ao teu pai”. O pai sempre aconselhou o Guri a casar com uma mulher pequena, porque, como diz o ditado, dos males o menor. O Guri não ouviu o conselho do pai e em 1986 casou-se com Silvia Helena e descobriu a felicidade.

Figura 19 – Metodologia das entrevistas (4)

MARACANÃ

Ano V - Nº 26 - Junho / Julho de 2012 - Durasnal
Escola Municipal de Ensino Básico João André Figueira
Alegrete - RS





Guri de Uruguiana:

- Chê, te gruda nesta edição buenacha. Só se fala noutra cousa!

- Chego a ficar com as vista umedecida, só de me lembrar da gurizada da 7ª série. Mas que barbaridade!





Entrevista exclusiva com o artista Jair Kobe e algumas curiosidades sobre o Guri de Uruguiana.

Entrevista da Edição

O dia 15 de junho de 2012 será inesquecível para os alunos da 7ª série. Foi pela generosidade do artista Jair Kobe que os alunos tiveram a oportunidade de assistir seu show gratuitamente, e ainda, realizar uma entrevista exclusiva com ele, que é um grande talento do nosso Rio Grande. Ver o sorriso e a emoção de cada aluno foi realmente gratificante!



Momentos antes do show. Muita expectativa!

O Guri é de Uruguaiana, mas Jair Kobe, seu criador, é natural de Porto Alegre. **Jair é casado com Sílvia e tem duas filhas: Rafaella, de 9 anos, e Júlia, de 5 anos. Trabalhou em escritório de contabilidade, vendeu roupas como sacoleiro, tornou-se dono da boutique e de restaurante, trabalhou em uma agência publicitária, realizou e apresentou eventos como “Concurso de Cães”, “Domingo na Praça” e “Concursos de Beleza”, tornou-se fotógrafo profissional e depois de passar por tantos trabalhos na vida, Jair descobriu seu talento reprimido ao apresentar o show “Seriamente Cômico”, no Teatro Ipê, ingressando a partir de então na carreira artística. Jair Kobe é um exemplo de luta, busca pela realização profissional, sem deixar de lado as pessoas que mais ama: esposa e filhas.**

Vejamos sua entrevista:

1) Seu nome completo, data de nascimento e naturalidade?

Jair Kobe, nasci em 06/09/59 e sou natural de Porto Alegre.

2) Conte-nos um pouco sobre sua infância?

Eu sou de Porto Alegre, nasci e cresci lá, minha infância foi bem diferente do que são as de hoje, teve características da zona rural, embora tenha sido na zona urbana. As brincadeiras eram simples, pois não havia internet e televisão. Eu não era um menino arteiro e sim um excelente aluno. Quando adulto iniciei três faculdades, mas não as concluí porque me envolvi com a música. Sou de uma família grande de sete irmãos, todos se dão muito bem. Perdi meus pais recentemente, há cinco anos. Herdei de meu pai o bom humor e a musicalidade e de minha mãe a tranquilidade.

3) Como foi sua juventude?

Eu ia muito a bailes, gostava de dançar em bailes de clube, animados por bandas.



4) Quando descobristes o talento para humor?

Estreei no teatro há onze anos. Fazia vários personagens de brincadeira. Só que as pessoas começaram a gostar e me convidavam para fazer apresentações em aniversários e outras festas. Percebi que poderia ganhar dinheiro, fui à luta e após muito trabalho consegui me profissionalizar.

5) De onde tiraste inspiração para criar o personagem Guri de Uruguiana?

Começou com uma brincadeira a partir da paródia da música **Guri**, que foi música vencedora de uma das Califórnia da Canção Nativa, que se realizava em **Uruguiana**.

6) Se o Guri é de Uruguiana por que a escolha do Canto Alegretense?

Porque o Canto Alegretense é uma das músicas mais importantes do Rio Grande, se não a mais importante. A escolha se deu pela importância da música no cenário gaúcho e também pela métrica que facilita as paródias.

7) Qual foi o primeiro personagem de Jair Kobe?

Quando estreei no teatro tinha cinco personagens: Baiano; o mágico Sergay Matabichovisqui, o publicitário Maurício Ronaldo, a Dupla Caracu e o Guri de Uruguiana, que cresceu, evoluiu e tomou conta de tudo.

8) Como o senhor se prepara para o show?

Água, um pouquinho de descanso e certo aquecimento de voz.

9) O senhor imaginava fazer tanto sucesso?

Quem trabalha bastante quer o reconhecimento, quer atingir o objetivo que é o sucesso, no caso do artista. Agora, nunca se sabe se vai conseguir atingir esse objetivo plenamente. É preciso trabalhar sempre para isso, buscar o relacionamento, buscar o sucesso, buscar o dinheiro, buscar sempre...

10) O que sentes ao ouvir e ver a euforia do público?

Ainda me surpreende e me emociona muito, sempre. Cada dia é uma emoção nova.

11) Já fizeste algum show fora do estado ou país?

Em todo o Brasil sim, mas fora dele ainda não.

12) Conte-nos um fato engraçado que tenha acontecido em algum show?

Está sempre acontecendo algo engraçado. O teatro tem isso, tudo é ao vivo, às vezes tenho que pegar alguma coisa e não está no lugar, hoje mesmo no show não tinha baqueta para eu tocar. São tantos detalhes que tudo deve estar extremamente organizado, mas acontece de ir sentar e o banquinho não estar no lugar, sem contar em tropeçar, escorregar. Já aconteceu de cair até as bombachas do Alex no meio da apresentação, o Licurgo não prendeu o cinto e eu acabei rindo, isso é muito comum. (Risos).



13) Que mensagem o senhor deixa, neste momento aos alunos do Polo do Durasnal:

O Brasil ainda tem características rurais, que bom se vocês jovens permanecessem na terra. Hoje se tem muitas facilidades, estudo próximo, e é interessante que busquem o ensino, a tecnologia, mas que depois retornem para suas bases, suas origens. Qualidade de vida é morar perto de sua família e seus amigos. Construir a carreira profissional perto da sua gente é sempre mais prazeroso. Então, vocês, que estudam na zona rural, se puderem devem aprimorar-se e viver no campo, será melhor para todos, para a qualidade de vida de vocês e de nós, que moramos na cidade, pois dependemos do campo parasobrevivermos.

Rapidinha

Time: Grêmio

Um lugar: Rio Grande do Sul

Um programa de TV: Chaves

Um exemplo: meu pai

Uma data: nascimento da minha primeira filha

Um orgulho: ser reconhecido profissionalmente

Uma comida: risoto de camarão

Uma bebida: vinho

Uma música: Pampa de Luz

Um cantor: Pirisca Grecco

Um sonho: de creme

Um repúdio: corrupção

Uma qualidade: não desistir dos sonhos

Um defeito: não lembro de nenhum (risos)

Uma cidade: Porto Alegre

Um hábito: tomar café preto

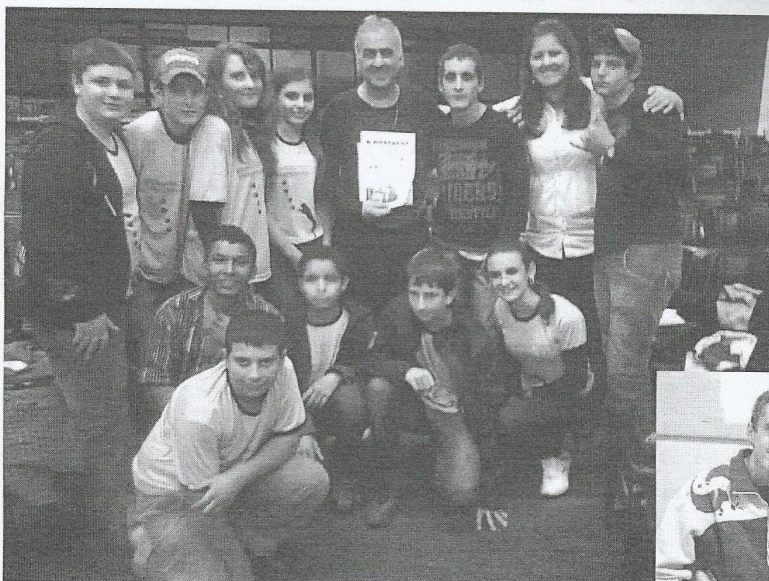
Uma religião: Católica

Um livro: “Os causos do Guri de Uruguaiiana”

Um filme: a série 24 horas

Um lazer: ficar em casa com a família

Uma frase: “Não me pergunte onde fica o Alegrete”.



Alunos da 7ª série com Jair Kobe, no Clube Casino.

Artista doou livro à biblioteca da Escola.



Fonte: Jornal “O Maracanã”, 26ª edição, junho/julho de 2012, capa e p.4-6.

Na sequência, a turma da 6ª série também me desafiou: queriam entrevistar um grupo de músicas gaúchas e mais, desejavam conhecer o ônibus em que viajavam para animarem bailes, como dormiam e como guardavam os instrumentos musicais nele. Mobilizei a equipe

gestora, entramos em contato com o Grupo Gurizada Macanuda e, para a alegria dos alunos, o pedido foi atendido. O grupo reservou um dia na agenda e foi à escola. Lá, responderam as inúmeras perguntas feitas pelos alunos, deram autógrafos, confraternizaram com delicioso almoço, tocaram e cantaram durante o intervalo e enfim, conduziram os alunos até o ônibus para que o conhecessem. Depois, escrever se tornou algo fácil e prazeroso porque estavam envolvidos em uma atividade que para eles foi significativa. A seguir, trechos da entrevista.

Figura 20 – Metodologia das entrevistas (5)

O MARACANÃ

Ano V - Nº 27 - Agosto/Setembro de 2012 - Durasnal
Escola Municipal de Ensino Básico João André Figueira
Alegrete - RS

PRÊMIO EDUCADOR PAULO FREIRE
VAI PARA...
PROFª GICIÉLI BARÚA - JORNAL "O MARACANÃ"!!!

ESTA CONQUISTA É DO DURASNAL!!!
E mais... Entrevista exclusiva com o Grupo Gurizada Macanuda!

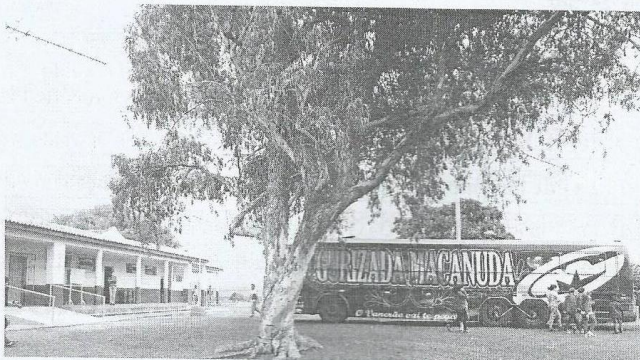
The image shows the cover of a school newspaper titled 'O MARACANÃ'. At the top, it specifies 'Ano V - Nº 27 - Agosto/Setembro de 2012 - Durasnal' and identifies the school as 'Escola Municipal de Ensino Básico João André Figueira' in 'Alegrete - RS'. The main headline reads 'PRÊMIO EDUCADOR PAULO FREIRE VAI PARA... PROFª GICIÉLI BARÚA - JORNAL "O MARACANÃ"!!!'. Below this is a large group photograph of children and adults. A white arrow points to a small inset image of a trophy. At the bottom, another headline says 'ESTA CONQUISTA É DO DURASNAL!!!' followed by 'E mais... Entrevista exclusiva com o Grupo Gurizada Macanuda!'. The bottom photograph shows a group of people standing in front of a bus with 'GURIZADA MACANUDA' written on its side.

Entrevista da Edição

A turma da 6ª série teve a grata satisfação de entrevistar, no dia 09 de outubro, um dos mais importantes Grupos Musicais de Alegrete, o GURIZADA MACANUDA. Às 10h30min, o ônibus do Grupo estacionou em frente à escola. Os alunos receberam os integrantes com aplausos! Após, deram início à entrevista. Foi gratificante ver a qualidade das perguntas elaboradas pela turma e emocionante conhecer a história do Grupo que orgulha nossa cidade. Depois do almoço, muitos autógrafos e para encerrar, o Grupo presenteou aos presentes com duas músicas ao vivo. Os alunos da escola tiveram a oportunidade de conhecer o interior do ônibus e ouvir relatos das viagens feitas pelo Grupo.

Parabéns, 6ª série! Tenho certeza de que foi um momento especial na vida de vocês!

Parabéns, Gurizada Macanuda! O sucesso é mérito de um trabalho sério que vocês desenvolvem!



Profª. Giciéli

Coordenadora do Jornal



Vejamos a entrevista:

1) Como surgiu o Grupo?

Surgiu em 2003. Reuníamos o pessoal que gostava de música, por brincadeira, nos finais de semana. Os encontros eram realizados fundos CTG Farrroupilha, hoje Galpão Oficina de Pátria. Alguns do grupo eram militares. Rodrigo e Érick participaram desde os primeiros encontros.

2) Quem foi o primeiro apoiador do Grupo?

O primeiro apoiador foi o senhor Renato Goulart Bitencourt, o padrinho do Grupo. O Rodrigo trabalhava no Hospital Militar e o seu Renato convidava o grupo para tocar em algumas festas. A partir disso, começou o apoio mais intenso. Sempre preferimos pessoas inexperientes para o grupo, pois queríamos crescer juntos.

6

Fato 5: em uma mateada o público pedia uma música do Mano Lima. Lá pelas tantas falamos que ia ter Mano Lima. Um cidadão que tinha por apelido o nome do artista subiu ao palco e quis se apresentar. Só que não cantava nada, só dizia: - Eu sou o Mano Lima! Eu sou o Mano Lima!

10) Por que Gurizada Macanuda?

Depois de uma semana que oficializamos o Grupo, ainda não tínhamos um nome. O padrinho do Grupo, Renato Goulart, apresentou uma lista com muitas sugestões. Escolhemos Gurizada porque éramos todos jovens e Macanuda porque significa “coisa boa”. O nome do Grupo demorou para “pegar”, mas recebemos muitos elogios pela escolha, como o do Volmir Martins que disse “Baita nome”.



11) Quais são os integrantes do Grupo e seus apelidos?

No palco são sete integrantes: Rodrigo (Nego), Juliano (Juju), Érick (Castija), Douglas (Rato), Robson (Baza), Eduardo (Robô) e Claiton (Meloso).

Na técnica são quatro: Gabriel (Goude ou Mogango), Cristian (Goela), Júlio

(Madimbu) e Luis Eduardo (Duca).

Cada um tem uma responsabilidade, as tarefas são divididas para não sobrecarregar ninguém. O Robson é o para-raio do Grupo, a culpa é sempre dele quando algo não dá certo...risos...

Somos uma família, pois passamos mais tempo juntos do que em casa. Nosso Grupo é muito unido, caso surja algum problema sempre resolvemos com sabedoria e bom humor.

12) Algum obstáculo na trajetória do Grupo?

Muitos. Troca frequente de integrante abala a organização do Grupo. Quem chega precisa se adaptar ao Grupo e não ao contrário. Outra situação difícil é quando o ônibus estraga. Há um tempo, quando retornávamos do Paraná, o ônibus estragou três vezes. Gastamos muito, não tínhamos dinheiro nem para uma refeição. Pensamos até em desistir da vida de artista. Mas nossas famílias nos deram o apoio necessário e estamos aqui.

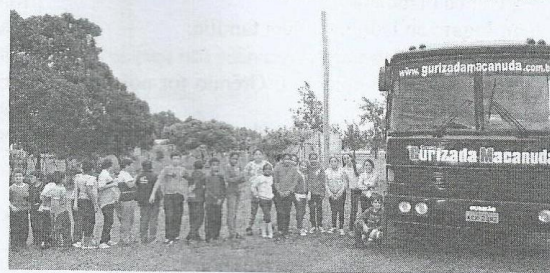
13) Em quais estados brasileiros costumam tocar?

Rio Grande do Sul, Santa Catarina (1 x por mês, baile bem gaúcho, é o estado que atualmente mais nos valoriza) e Paraná.

14) Como é a relação do Grupo com os fãs?

Valorizamos muito os fãs. Sempre procuramos dar muita atenção. Nosso atual empresário em Santa Catarina era um fã do Grupo. Os fãs ajudam a divulgar nosso trabalho. Mas é preciso saber lidar com todo o tipo de manifesto.

Nome: Cristian.
Data de nasc.: 18/11/1975.
Profissão: motorista e pecuarista.
Time: Inter.
Uma comida: churrasco.
Uma música: Depois da lida (Os Mateadores).
Um lugar: a fazenda do meu avô.
Um cantor: Walter Morais.
Uma data: 02/02/2000 e 04/07/2002.
Uma religião: Umbandista.
Um exemplo: meu avô Eli Marques Ferreira.
Um sonho: crescer profissionalmente.



**Momentos com o Grupo
 Gurizada Macanuda!**



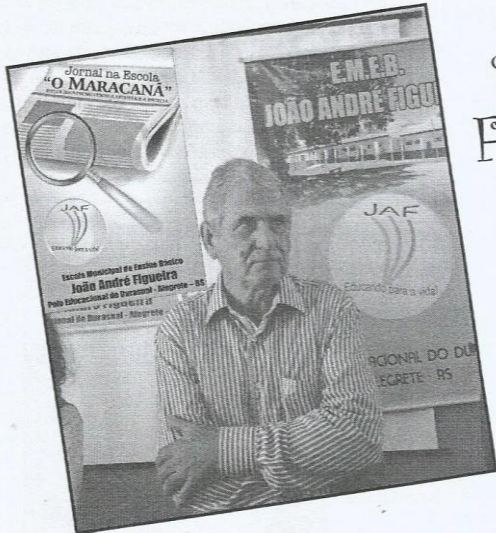
Por último, destaco a entrevista realizada na edição trinta e dois, com o professor e jornalista Alair Almeida¹⁵. A escolha se deu em função de um programa que esse professor possui na Rádio Alegrete, todas as manhãs, com informações precisas da cidade, do estado e do mundo, além de dicas de português e mensagem de autoajuda. Como professora, fiquei satisfeita com a decisão dos alunos porque comentaram espontaneamente em sala de aula que adorava ouvir as dicas de português e que aprendiam muito por meio delas. Fizeram perguntas pessoais, profissionais, sociais e encerraram com a tradicional rapidinha e com uma importante homenagem. Junto à redação da entrevista pelo grupo de alunos, uma aluna pediu para publicar um depoimento que havia postado no *facebook* sobre o jornal e a entrevista. Abaixo, as ilustrações desse acontecimento.

¹⁵ Professor de língua inglesa no Sistema Estadual de Ensino e jornalista. Atualmente, é docente no Instituto de Educação Oswaldo Aranha, em Alegrete; apresentador do programa Fatos e Argumentos, na Rádio Alegrete e administrador de uma página no *facebook*, onde divulga notícias da cidade.


Figura 21 – Metodologia das entrevistas (6)

MARACANÃ

Ano VIII - Nº 32 - Março/Abril/Maio de 2014 - Durasnal
Escola Municipal de Educação Básica João André Figueira
Alegrete - RS



*Não é o programa
Fatos e Argumentos,
mas é o Jornal
“O Maracanã”,
com Alair Almeida.*



Confira, ainda: Durasnal em Foco; Fofocas; A voz da comunidade; E muito mais...

Entrevista da Edição

Mais uma vez a 8ª série nos presenteia com a escolha do entrevistado: Alair Oliveira Almeida.

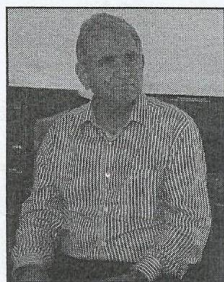
Um homem simples, que valoriza as coisas simples da vida; um professor sábio, que valoriza a habilidade de cada um de seus alunos; um jornalista ético, que é comprometido com a verdade. Foi no dia 09 de abril deste ano, numa manhã ensolarada, nas dependências da escola, que tivemos a grata satisfação de receber o nosso entrevistado, acompanhado se sua filha Alice, para conhecermos um pouco de sua vida, família, profissão, vivências... Foram momentos preciosos, que guardaremos para sempre em nossos corações.



Profª. Giciéli

1- Qual seu nome completo, data de nascimento e naturalidade.

Alair Oliveira Almeida. Nasci em 1º/02/1950, em Alegrete.



2- Conte-nos algum fato marcante de sua infância.

Eu me criei no Capivari, a pouco mais de 16 quilômetros da cidade. Meu pai era ferroviário. Quando eu tinha cinco anos e minha irmã, seis, o pai me disse que eu deveria ir ao colégio acompanhar minha irmã, pois ela precisava estudar. A escola ficava distante de casa, uns seis quilômetros de distância e nós íamos a pé. Minha irmã, tempos depois, deixou de estudar, mas eu continuei. Minha infância foi marcada por isso: a de assumir responsabilidades muito cedo. Éramos dez irmãos, o pai ia para o serviço e nos deixava tarefas, então 7 horas da manhã já levantávamos para dividir o dia entre estudar e trabalhar (carpir, carregar água, entre outras coisas), quando ele voltava do trabalho éramos cobrados. Assim, desde pequeno eu já sabia assumir minhas responsabilidades. Brincávamos de gado de osso, também com pilhas velhas de rádio, porém minha infância foi mesmo marcada pelo trabalho, o que não me prejudicou, muito pelo contrário, colaborou para a minha formação enquanto ser humano. E fiz sim muita arte. Por exemplo, adorava comer melancia verde.

3- Como foi sua trajetória estudantil? O senhor era inteligente ou esforçado?

Era um aluno esforçado! Nunca rodei, mas nunca estudei em casa. O segredo? Prestar atenção na aula. A disciplina em que mais tive dificuldade foi a de matemática. Estudei no Jacaraí, depois no Francisco Carlos, voltei para o interior e estudei no Vasco Alves. Retornando à cidade, fui matriculado na escola Marquês de Alegrete, de onde lembro o seguinte fato: eu ia com um avental branquinho, todo engomado, mas os bolsos cheios de bolitas; lá o pátio era de terra vermelha e em determinado dia a professora mandou que tirássemos distância para uma formatura cívica (era na Semana da Pátria), resultado: todos com o ombro sujo de terra vermelha. Em casa, apanhei da minha vó. Mais adiante estudei no Colégio Emílio Zuñeda e logo ingressei na faculdade.

4- Quando jovem, costumava ir a festas, bailes?

Minha mãe e meu pai eram “pés de valsa”, iam a bailes no Capivari, no Vasco Alves... E eu? Ia junto, claro, mas era para dormir, para isso já providenciava num travesseiro e um pelego e me acomodava em um cantinho onde o baile era realizado. Nunca aprendi a dançar. Sempre fui tímido, certo dia arrumei uma namorada no Ginásio Patriarca, marquei encontro em frente à igreja, fui até lá, mas só que na hora, resolvi não falar com ela. Outra vez, arrumei uma namorada em Santa Maria, por telefone. Precisava conhecê-la. Ela iria me esperar na esquina do Acampamento toda de vermelho e eu estaria todo de jeans, chegando lá, decidi não falar com ela. Ia

MENSAGEM PARA OS JOVENS DE HOJE

Procure seguir seus caminhos claros e retos.
Não desista de seus sonhos, por mais que eles sejam difíceis.
Procure olhar o mundo de várias formas, nas melhores formas possíveis.
Faça o bem sem olhar a quem.
Seja feliz, sem fazer a tristeza do outro.
Respeite os mais idosos, pois são eles que nos mostram a vida como ela é.
SIGA UMA RELIGIÃO,
Tenha DEUS sempre no coração;
Se você puder reparta o seu pão a quem tem fome. Se você tem um cobertor que não usa mais, dê a quem tem frio.
Jogue sementes de amor nos jardins da vida, para amanhã você colher a paz e a prosperidade.
Não olhe ninguém por cima, tenha respeito por tudo e por todos.

Lembre-se de que somos todos iguais.

Não faça violência.

Faça amor.

Siga sempre sorrindo.

Não deixe a tristeza invadir seu coração. Tenha sempre um sonho.

Goze das boas coisas da vida. Ao invés de fazer violência, faça poema.

Pois é a melhor coisa do mundo.

Agradeça a DEUS,
pelo seu amanhecer,
pelo seu entardecer,
pelo seu anoitecer.

E seja grato a Deus, por tudo o que você conquista a cada passar dos seus dias.

Preserve a Natureza,

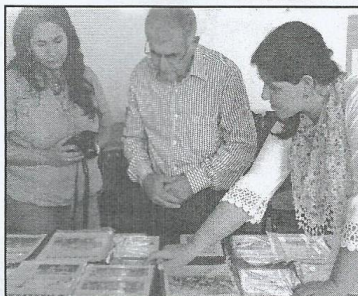
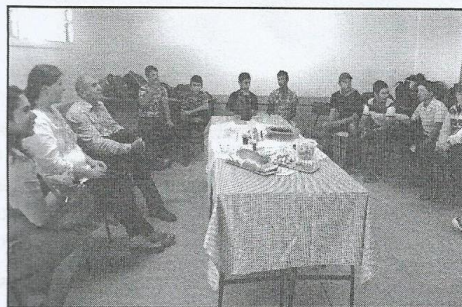
E POR FIM...

SEJA FELIZ!

7

Rapidinha

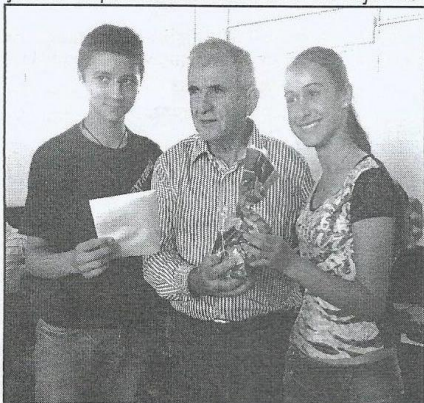
- Uma comida: Churrasco
- Um lugar: Alegrete
- Uma boa lembrança: A infância
- Uma data: Meu aniversário
- Um time: Grêmio
- Um valor: Família
- Uma música: Gaúcha
- Uma religião: Católica
- Um lazer: Amigos
- Um exemplo: Jesus
- Um livro: Pequeno Príncipe
- Um escritor: Saint-Exupéry
- Um filme: Escritores da Liberdade
- Um esporte: Futebol
- Um repúdio: Violência às crianças
- Uma palavra feia: Ódio
- Uma palavra bonita: Esperança
- Um medo: O de fracassar
- Um sonho: Um mundo melhor
- Defina-se em cinco palavras: sonhador, justiça, amor, dignidade e ética.



8

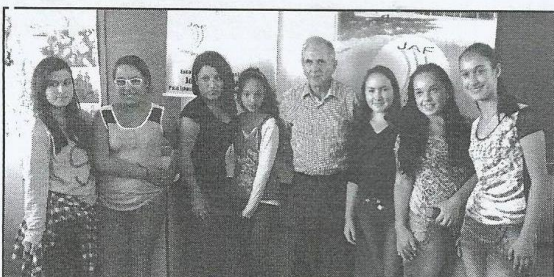
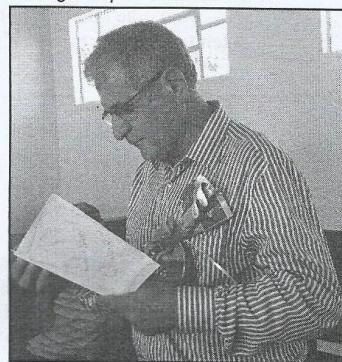
Depoimento da aluna Tailana Lopes Irigaray (8ª série), postado no *facebook*, após entrevista com o professor Alair Almeida.

"Em anos de convivência cada um deixa uma coisa diferente. São as amizades, construídas por meio de laços de amor e afeto que foram surgindo um para com o outro... assim como toda turma, sempre tem as briguinhas e as discussões, mas isso não dá para contar... Mas eu, como aluna, noto uma coisa nesta turma que poucas têm que é a união e o comprometimento, sempre estamos juntos, reunidos, dando força e se apoiando um no outro. Bem, depois de oito anos lado a lado, lembranças e momentos inesquecíveis é o que mais tem: são os projetos da metodologia, nos quais sempre nos destacamos e o jornal "O Maracanã" que nos proporcionou dias especiais que jamais esqueceremos como foi o de hoje! Me aperta o coração e chorei quando me lembrei disso...que esse pode ser o nosso último Maracanã, ano que vem é "primeirão" e se foi ensino fundamental, assim como esse brilhante projeto em nossas vidas, muitos de nós vamos para caminhos diferentes, mas nunca esquecidos por ninguém, até mesmo pela escola, porque sabemos que nossa turma já trouxe muito orgulho pra esse Durasnal.

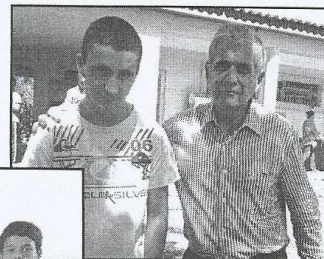


Quero agradecer especialmente a ti, Gici, que sempre esteve ao nosso lado e fazendo com que esses momentos se tornassem possíveis! Muito obrigada, és nossa madrinha do coração, te amamos muito... E hoje

tivemos a oportunidade de estar ao lado desse ser iluminado que é o seu Alair, com uma história linda, um homem com sábias palavras e que com certeza, assim como para os outros, me serviu de exemplo, foi uma grande honra tê-lo em nossa escola, a entrevista foi maravilhosa".



Alunos da 8ª série com o entrevistado.



O aluno Lizandro (1ª série do EM) não perdeu a oportunidade!!!



Transcrição do depoimento da aluna incluso na página 08.

“Em anos de convivência cada um deixa uma coisa diferente. São as amizades, construídas por meio de laços de amor e afeto que foram surgindo um para com o outro... assim como toda turma, sempre tem as briguinhas e as discussões, mas isso não dá para contar... Mas eu, como aluna, noto uma coisa nesta turma que poucas têm que é a união e o comprometimento, sempre estamos juntos, reunidos, dando força e se apoiando um no outro. Bem, depois de oito anos lado a lado, lembranças e momentos inesquecíveis é o que mais tem: são os projetos de metodologia, nos quais sempre nos destacamos e o jornal “O Maracanã”, que nos proporcionou dias especiais que jamais esqueceremos como foi o de hoje! Me aperta o coração e chorei quando me lembrei disso...que esse pode ser o nosso último Maracanã, ano que vem é “primeirão” e se foi ensino fundamental, assim como esse brilhante projeto em nossas vidas, muitos de nós vamos para caminhos diferentes, mas nunca esquecidos por ninguém, até mesmo pela escola, porque sabemos que nossa turma já trouxe muito orgulho pra esse Durasnal. Quero agradecer especialmente a ti, Gici, que sempre esteve ao nosso lado e fazendo com que esses momentos se tornassem possíveis! Muito obrigada, és nossa madrinha do coração, te amamos muito... E hoje tivemos a oportunidade de estar ao lado desse ser iluminado que é o seu Alair, com uma história linda, um homem com sábias palavras e que com certeza, assim como para os outros, me serviu de exemplo, foi uma grande honra tê-lo em nossa escola, a entrevista foi maravilhosa”.

Assim, a produção do jornal escolar contribuiu para encurtar a distância entre o que se faz com a língua escrita no contexto social mais amplo e na escola. Dessa forma, aproximaram-se as formas de emprego da leitura e da escrita na escola daquelas encontradas em casa, na localidade, no trabalho dos familiares, dos locais de festas na comunidade, além de experiências capazes de transformar realidades.

Com o olhar mais atento sobre todas as entrevistas realizadas desde a décima segunda edição¹⁶, fica evidente que o perfil da turma determina a escolha do entrevistado. Apurando mais ainda os fatos, temos entre os vinte e quatro exemplares posteriores: duas edições sem entrevista (produções que envolveram o mês de julho em que temos as férias); quatro edições com entrevistados da escola (diretora, cozinheira, motorista e proprietário do bar); cinco edições com entrevistados da comunidade (agropecuária, doador das terras onde está instalado o CTG Oswaldo Aranha, líder religioso, ex-patrão do CTG Oswaldo Aranha e ex-presidente do CPM e músico); onze edições com entrevistados externos à escola e à comunidade (artesão, cantor, historiador, trovador, professor e jornalista, grupo musical, artista, locutor de rádio, professor e bailarino, compositor, prefeito). Observa-se que há uma tendência de escolha no meio artístico, pois os alunos gostam de ouvir músicas, de programas de comédia, de dançar.

¹⁶ Foi a partir dessa edição que os alunos começaram a eleger o entrevistado.

O gênero entrevista se firmou como um surpreendente alicerce para que os alunos, ao entrevistarem pessoas escolhidas com zelo, pudessem se sentir seguros em relação à interação, à comunicação e, principalmente, a ampliação da visão de mundo. Sobre isso, Bakhtin (2011) afirma:

Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção de recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional (p. 261).

Essa experiência discursiva pela qual os alunos passam no momento da entrevista é de certa forma individual, pois se desenvolve em uma interação permanente com os enunciados individuais dos outros, conforme nos explica Bakhtin (2011, p. 294). É nesse sentido que o aluno percebe a utilização da língua como um instrumento de interação social, mas tendo a capacidade de refletir sobre isso de maneira crítica. A entrevista é também um meio de assimilar, reelaborar e reacentuar as palavras dos outros que empregamos em nossos enunciados, como nos afirma Bakhtin (2011, p. 295) e mesmo que o aluno/redator¹⁷ tenha que ser fiel a essência do conteúdo, ele pode exercer atitude responsiva ativa (concordar, discordar, completar, adaptar... o que ouviu). Assim são com as experiências levadas para a vida, como argumenta Bakhtin (2011, p. 297): “É impossível alguém definir sua posição sem correlacioná-la com outras posições. Por isso, cada enunciado é pleno de variadas atitudes responsivas a outros enunciados de dada esfera da comunicação discursiva”.

Ademais, a entrevista escrita possibilita ao aluno pensar estratégias para fazer o relato, já que terá que partir do discurso direto (entrevistado) para o discurso indireto, isso mobiliza a questão do ouvinte que agora se torna o autor, por meio da alteração do narrador dos fatos. Além disso, impulsiona o aluno a pensar em aspectos como a linguagem que deve ser empregada¹⁸, a reprodução do ritmo da conversa (pontuação, interjeição), tempos verbais e outras questões gramaticais como grafia de datas, escrita de neologismos etc.

Por conseguinte, a atividade de desenvolvimento de uma entrevista desde o planejamento, o processo de interação, as estratégias mobilizadas para a escrita do texto, até a revisão e avaliação do produto final possibilita, aos alunos, a construção do conhecimento por

¹⁷ As transcrições das entrevistas são feitas coletivamente durante as aulas de língua portuguesa, sob minha mediação. Quando há discordância sobre algum aspecto da entrevista, organizo o debate até chegarmos à conclusão.

¹⁸ Prioritariamente culta, mas pode variar conforme o perfil (pessoal e/ou profissional) do entrevistado.

meio do estímulo de seus próprios saberes e, posteriormente através de suas próprias experiências, a ampliação de suas perspectivas em relação ao mundo e a certeza de que se tece nesse contexto, um singular ator social.

4.5 – O jornal escolar e sua função sociocultural

O legado deixado por Freinet (1974) é o de produzirmos um jornal escolar partindo do interesse dos alunos e oferecendo-lhes oportunidade de expressão, por meio da interação com colegas e professores. Mais tarde, Bonini (2011, p.161) sugere uma reflexão sobre a função do jornal escolar. Argumenta sobre a necessidade de um equilíbrio entre o social (a prática de referência), a escola (a prática escolar e escolarizada) e a construção do protagonismo estudantil (a prática identitária). Freinet apresentou em sua obra *O jornal escolar* inúmeras vantagens ao aluno em relação à produção de jornal escolar. Essas vantagens seriam pedagógicas, psicológicas e sociais, todas entrelaçadas. Entre elas estariam o aprimoramento da leitura e da escrita, a relação com o mundo, a interdisciplinaridade, o registro dos acontecimentos, a autoestima dos alunos, a cooperação social dos alunos, a ligação escola-pais-comunidade e, ainda, a questão de o jornal não ser mais um tabu para esses educandos.

Após essa reflexão, busquei sinais nos trinta e cinco exemplares do jornal “O Maracanã” sobre as funções que este exerceu no período de dez anos de existência. Há muito indícios de que o jornal tenha contribuído para a formação sociocultural do aluno da escola do campo, igualmente para com seus familiares e comunidade. Por exemplo:

Figura 22 – Funções socioculturais (1)

DURASNAL EM FOCO

CASA DO PRODUTOR DO DURASNAL

No dia 25 de junho de 2005, a Casa do Produtor do Durasnal comemorou o seu 1º aniversário com muita festa. Houve apresentação da banda da Escola Polivalente, invernada “Os Taurus”, discursos de autoridades presentes, declamação de poesia, degustação de produtos da casa e muito mais. A organização do evento ficou a cargo do seu gestor Gideão Miranda e do professor David Bastos.

Resultados do Concurso Casa do Produtor

Desenho Pré-Escola: Mateus Aurélio
Desenho Séries Iniciais: Alana Aurélio (1ª)
Desenho Séries Finais: Renato Vieira Pedroso Júnior (6ª)
Texto Séries Iniciais: Cássio Almeida Kostulski (3ª)
Texto Séries Finais: Jainara Costa Oliveira (6ª)

Leia agora o texto vencedor das séries finais.


Casa do Produtor do Durasnal

A Casa do Produtor foi inaugurada em 25 de junho de 2004 e está completando o seu 1º ano de fundação. Situada às margens da Br 290, atrai inúmeros visitantes, inclusive turistas argentinos, uruguaios e outros.

O sucesso desta casa se deve ao esforço dos produtores, os quais expõem seus produtos, ao apoio da Prefeitura Municipal, do SEBRAE e da Escola João André Figueira. Gideão Miranda, gestor da Casa do Produtor, e demais colaboradores estão sempre lutando para que o empreendimento cresça cada vez mais.

Muitos agricultores estão melhorando seus rendimentos mensais vendendo os produtos na comunidade, pois os gastos em transportar as mercadorias até a cidade eram grandes, além da decepção, de muitas vezes trazer o produto de volta ao lar.

Agora, Durasnal tem mais vida, mais facilidade, tem a Casa do Produtor, que é assunto em muitas rodas de chimarrão e motivo do orgulho para o Alegrete. É por tudo isso que a comunidade está mais feliz e satisfeita.



Ester Bueno, Dr. José Rubens Pillar, Marcos Rulfo, Milton Araújo, Sandro Barúa,
Gideão Miranda e Sérgio Prates

03

DURASNAL EM FOCO



* De 12/09 a 15/09 o Pólo Educacional do Durasnal, desenvolverá a VI Ronda Farroupilha, projeto este criado em 1999 pela professora Odila do Carmo Oliveira, tendo como objetivo resgatar a cultura tradicionalista e valorizar nossas raízes.

* O C.T.G. Osvaldo Aranha comemora o 37º aniversário no dia 10/09/05 e recepciona visitantes, associados e convidados em sua sede.

*No dia 25/08/05 as professoras Fernanda, Élia Laci e Lenir fizeram um brilhante relato contra o tabagismo. Falaram ao público presente (alunos e professores) suas experiências de vida e a importância de dizer NÃO ao cigarro.

*No dia 19/08/2005 aconteceu o I Seminário Rural do Desenvolvimento Sustentável no C.T.G. Osvaldo Aranha. A direção da escola agradece a presença de todos, principalmente dos pais e alunos. Agradece também a senhora Leontina Flores Pans, mãe do aluno Leidner Pans, pela doação dos docinhos que foram utilizados nas lembrancinhas do seminário.

PESQUISA DO MÊS

* Os alunos da 7ª série, Rafael e Rafaela, com o auxílio da professora Giciéli, realizaram uma pesquisa para saber a opinião dos alunos (5ª a 8ª), professores, funcionários e motoristas sobre o desarmamento de civis.

Vamos ao resultado:

Total de votos: **85**

Contrários ao desarmamento: **72 votos**

Favoráveis ao desarmamento: **11 votos**

Nulos: **02 votos**

Agradecemos a participação de todos e podemos conferir que a maioria da comunidade escolar é contra ao desarmamento de civis.

Podemos observar nas edições três e cinco, na página *Durasnal em Foco*, uma variedade de informações e resultados de pesquisas importantes para a comunidade escolar, como as festividades do primeiro ano da Casa do Produtor do Durasnal, que está localizada em terreno vizinho à escola e oferece oportunidades de melhoria no rendimento financeiro das famílias dos alunos, assim como de outros moradores da localidade, pois comercializa produtos coloniais produzidos na região. Além disso, na página, nota-se a divulgação de algumas atividades culturais realizadas pelo Centro de Tradições Gaúchas Oswaldo Aranha, que está localizado nas proximidades da escola, bem como se seus piquetes tradicionalistas. Verifica-se também a divulgação de pesquisas realizadas na escola sobre questões polêmicas e sociais, em que os alunos e comunidade são convidados a refletir sobre questões pontuais de nosso país.


Figura 23 – Funções socioculturais (2)

ÁGUA

Dia 22 de março comemora-se o dia Mundial da Água. Vou falar sobre esse dia porque é muito importante para mim como para você. Peço a todos que não joguem lixo no rio, não sujem as águas, pois senão vão ficar poluídas. Depois vai fazer falta para você beber, tomar banho e cozinhar os alimentos. A água não é só para você, serve também para os animais, plantas, etc, pois sem água não há vidas.

Por isso, peço a todos que cuidem do meio ambiente, porque dependemos dele para sobrevivermos.

Aluna: Cátule Nunes Severo
Professora: Lenir Terezinha Vales
Série: 2^a



O LIXO


Você não pode colocar lixo no rio porque a água vai ficar poluída e os peixes vão morrer, na rua porque vão ficar sujas e vão entupir bueiros e quando chover pode alagar casas.

Se você for à cidade e estiver comendo salgadinho, debes colocar no lixo e não jogar na rua. Seja um cidadão educado, cuide do meio ambiente.

Não coloque lixo na sala de aula e nem no pátio, porque lugar de lixo é na lixeira, e se você colocar lixo em todo lugar não dá, né?


Se cada um fizer a sua parte o mundo será bem melhor.

Aluna: Vanessa Cogo
Professora: Lenir Vales
Série: 2^a



Cartum de
Sérgio
Aragonés

Você pode
colorir!



O MARACANÃ

Ano II – Nº 13 – Outubro de 2006 - Durasnal
Escola Municipal de Ensino Fundamental “Prof. João André Figueira”.
Alegrete – RS

**Sr^a. Maria do Horto Salbego visita
Pólo do Durasnal e palestra sobre sangue.**



**Procure o Hemocentro de nossa cidade.
Tem sempre alguém esperando sua doação.
Mais detalhes desta palestra na página 04.**

As edições oito e treze apresentam pautas fundamentais que foram trabalhadas com os alunos e divulgadas no jornal para valorizar as produções dos discentes, e também para informar a comunidade sobre o que a escola está debatendo. Na ocasião, foram problematizadas as questões sobre água, lixo e doação de sangue, sendo essa última trabalhada pela responsável pelo setor de captação de doadores do Hemocentro de Alegrete. A partir da palestra sobre a doação de sangue, foi trabalhado o valor da fraternidade, assim como a importância da cidadania.

Figura 24 – Funções socioculturais (3)

8

Intercâmbio em Defesa do Meio Ambiente

A educação ambiental deve estar presente de forma interdisciplinar em todo o currículo escolar. Assim poderá atingir todos os cidadãos por meio de um processo pedagógico participativo, que procure construir no educando uma visão crítica sobre as questões ambientais.

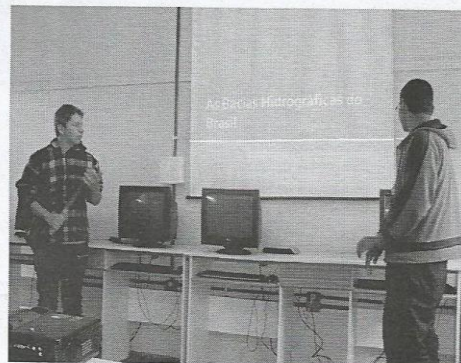
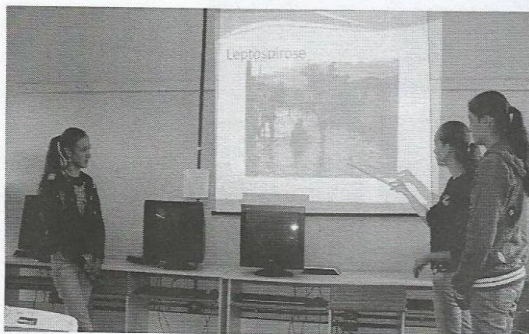
É notória a progressiva degradação ambiental e, diante desta problemática, os professores Werner Lopes, Giciéli Barúa e Margarete Machado estão promovendo o intercâmbio entre os estudantes da EMEB João André Figueira, EMEB Saint Pasteus e Colégio Raymundo Carvalho por meio de um convênio de ações como o favorecimento do contato com a cultura, história e geografia entre zona rural e urbana, o desenvolvimento da oratória por meio da convivência com outros estudantes, a promoção da educação ambiental na escola, garantindo aos alunos a conscientização e formação de atitudes para a modificação de práticas nocivas ao meio ambiente sensibilizando e capacitando os alunos como agentes multiplicadores na preservação e conservação dos recursos naturais e, ainda, desenvolvendo ações práticas de preservação do meio ambiente.

Assim, cabe destacar algumas atividades realizadas até o momento:

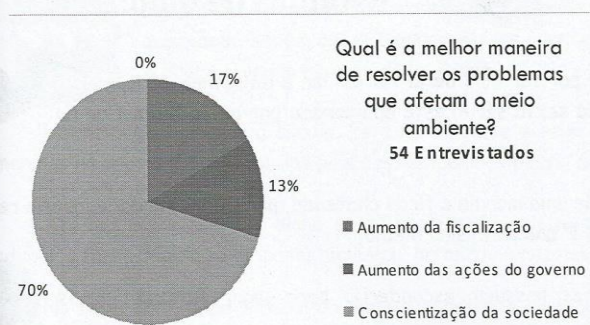
*Visita à ETA



* Seminário sobre a água



* Pesquisa sobre o meio ambiente



* Passeio de estudos

Lagoa do Parové

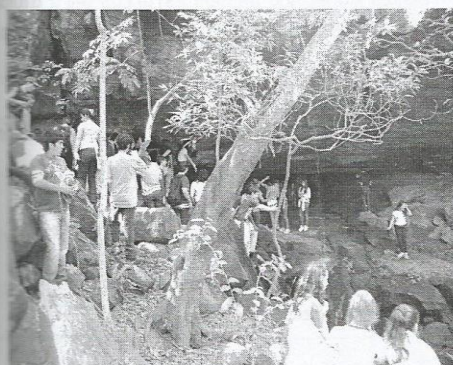
Comitê Bacia do Ibicuí

Mariza Reck



Ronei, Clara, Fabiana, Rudinéia, Werner,
Vanessa, Giciéli e Margarete.

>Toca da Onça (Parové)



A culminância do projeto será em junho, quando os alunos participarão de um núcleo de estudos sobre o meio ambiente.

Acrescenta-se também o conteúdo destacado na edição vinte um, pois se trata de um intercâmbio em defesa do meio ambiente, ou seja, três escolas de Alegrete (uma privada, uma municipal urbana e outra municipal do campo) uniram-se em um trabalho interdisciplinar, motivado pelo jornal “O Maracanã” visando construir nos alunos uma visão crítica sobre os problemas ambientais.

Figura 25 – Funções socioculturais (4)

SALA DE AULA

8



Projeto Didático
Jornal Mural: conflitos na África e no Oriente Médio

Os alunos da 7ª série, coordenados pela Profª. Mariza, elaboraram pesquisas em sites, fizeram leitura em jornais, recortaram notícias e confeccionaram murais sobre o tema para exporem durante a Feira do Livro, na Semana da Escola.

EDUCAÇÃO INFANTIL
Profª. Debura Pereira

PROJETO: As profissões (Dia do Trabalho)

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Conhecer e valorizar diversas profissões;
- Entrevistar o papai ou a mamãe sobre sua profissão;
- Montar um mural das profissões.

O que você será quando crescer?

Veja, abaixo, as respostas dos alunos.

VICTOR – Trabalhar no quartel.

VINICIOS – Motorista (dirigidor);

CLARA – Trabalhar em um escritório;

JAMILE – Vendedora de celular (loja);



EDUARDO – Um pai feliz;	ERICA – Professora;
HELEN – Cozinheira;	ANTÔNIO – Bombeiro;
CAUAN – Jogador de futebol;	VIVIANE – Médica;



Retratos da 6ª série

Na disciplina de Língua Portuguesa, os alunos da 6ª série fizeram sua auto-descrição. Assim, reproduziram com entusiasmo as suas particularidades físicas e psicológicas.

Parabéns, turma, pelo excelente trabalho!

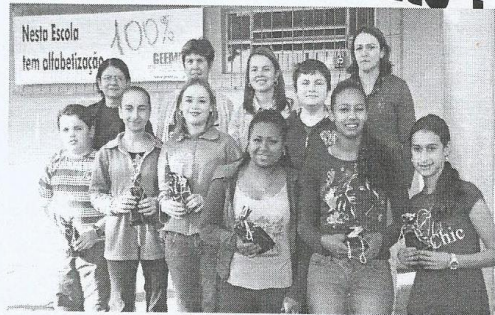
Reinício dos Projetos "Escovação", "Corpo e Movimento" e "Meio Ambiente".

9

O reinício dos projetos teve como dinâmica: palestras, confecção e divulgação de cartazes, práticas e concurso de redação sobre escovação. Houve a participação dos regentes de Língua Portuguesa: correção e seleção dos textos.

Alunos vencedores do Concurso de Redação sobre Saúde Bucal

Confira, abaixo, os textos classificados.



Joãozinho, o comilão de doces

Joãozinho quase não escovava os dentes e só olhava televisão comendo muitas bobagens, como pirulitos e doces em geral. Ia para a escola e todo mundo achava ele um "porquinho" porque não escovava os dentes. (A dr.^a Cristina disse que devemos escovar os dentes para não obtermos cáries).

Um dia Joãozinho amanheceu com dor de dente e foi olhar no espelho, estava com um baita buraco no dente, saiu chorando e falou para sua mãe que o levou ao dentista, lá o dentista obteve seu dente.

Joãozinho, então, falou:

- Que bom que parou de doer o meu dente, mas agora eu quero saber por que aconteceu isso comigo!

O dentista o levou para olhar um filme e disse que ele deveria escovar seus dentes sempre após as refeições e antes de escovar passar um fio dental para retirar as bactérias.

Sabe que depois disso ele até arrumou uma namorada!

Renan – 5ª série

Doenças bucais: vamos combatê-las?

A cárie é uma doença que tem como evitar, e que também pode ser transmitida de pessoa para pessoa. A cárie vem da placa bacteriana que vem da glicose, do açúcar. Ela começa a se infiltrar pela primeira parte do dente que é o esmalte, depois passa para a dentina, e por isso que quando tomamos água gelada ou doce sentimos aquela sensação arrepiante. Quando a cárie passa para a polpa há o sangramento, porque na polpa há vasos sanguíneos,

Como evitar a cárie:

* Fazendo a escovação correta;

* Usando o fio dental;

* Não fazendo uma escovação muito rápida, porque assim não vamos conseguir retirar toda a placa bacteriana;

* Realizando uma escovação correta para evitar doenças sérias como a gengivite;

* Também não esquecendo de escovar a língua, porque ela é um ótimo esconderijo para as bactérias;

* Não esquecendo de passar o fio dental.

Aviso: o flúor não combate a cárie sem a escova.

Só depende de nós: vamos combater a cárie!

Tailana Lopes – 6ª série

A importância da escovação

A escovação é uma prática que deve ser feita diariamente para proteger os nossos dentes de possíveis doenças como: cárie, gengivite e outros. Isso é o que um dentista falaria, mas como eu sou um adolescente, acho que a escovação não é uma prática, mas sim uma obrigação, porque é horrível falar com alguém com mau hálito, é quase impossível. Ainda mais quando essa pessoa comeu um salgadinho ou coisa do tipo.

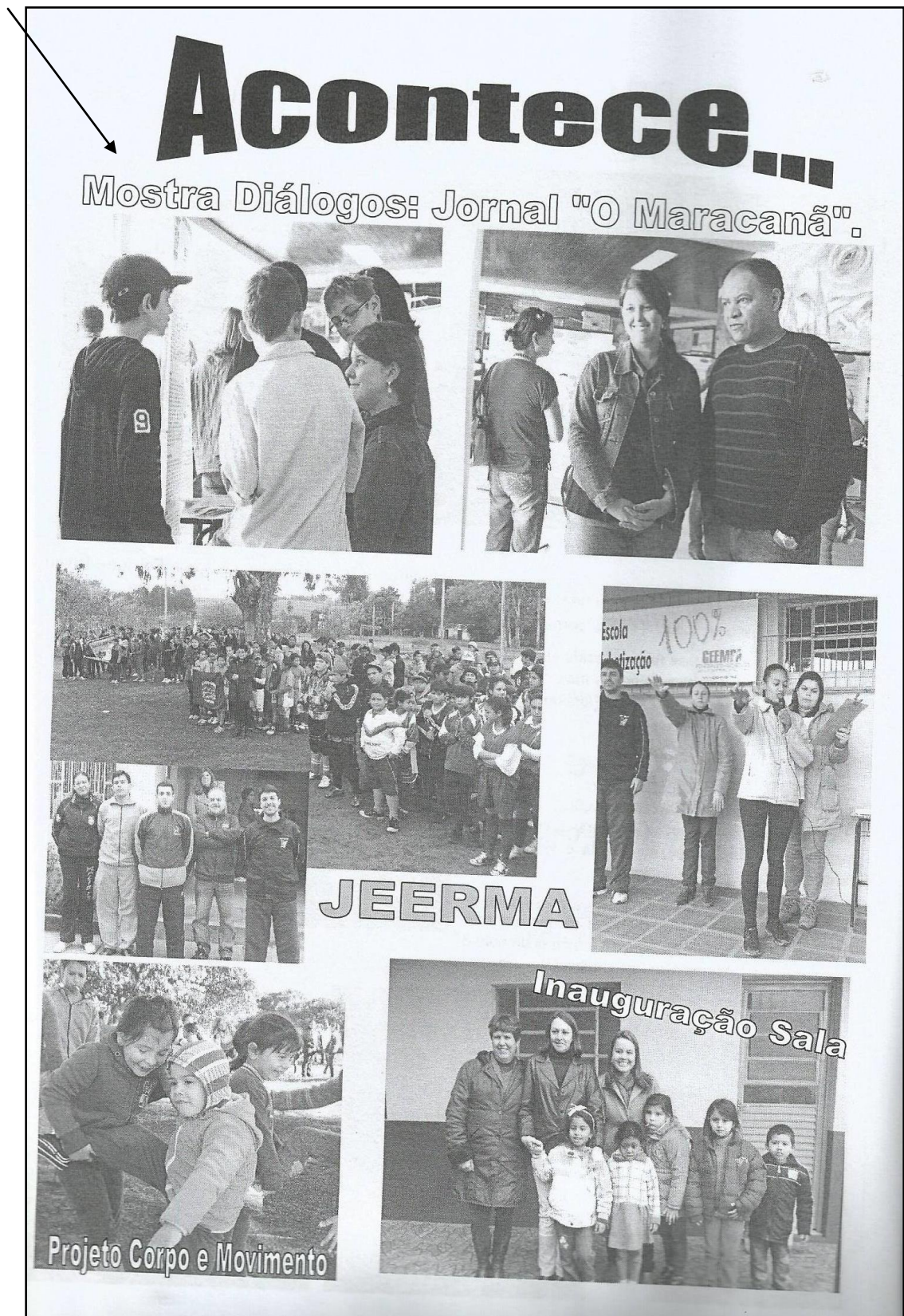
Então se você não se escovar, ninguém vai conseguir ficar perto de você!

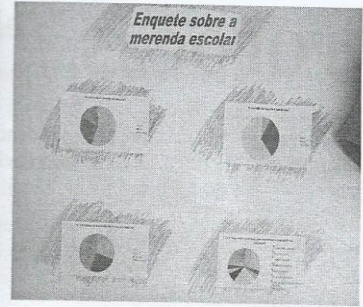
Escove-se! É bom. É a mensagem que eu deixo.

Luan Vargas – 7ª série

A propósito, a edição vinte e cinco também divulgou atividades realizadas na escola envolvendo a temática do meio ambiente, mas também da escovação e da importância do exercício físico, em que textos produzidos pelos alunos foram selecionados por meio de um concurso e publicados no jornal. Ainda, no espaço *Sala de aula*, constata-se a divulgação de outros trabalhos essenciais no meio escolar e que o jornal valorizou como o projeto sobre os conflitos na África e no Oriente Médio; as profissões por conta do Dia do Trabalho e com o objetivo de conhecer e valorizar as diversas profissões; e, divulgação dos autorretratos feitos pelos alunos da 6ª série.

Figura 26 – Funções socioculturais (5)





Fonte: Jornal "O Maracanã", 26ª edição, junho e julho de 2012, p.10-11.

Seguindo nessa linha, a edição vinte e seis apresenta, assim como as demais, a seção *Acontece*, espaço disponibilizado para fatos e fotos registrados no cotidiano escolar, informando e arquivando todos os acontecimentos singulares da escola.


Figura 27 – Funções socioculturais (7)

2

Editorial

A Copa do Mundo no Brasil teve pontos positivos e negativos. Mas é inegável o reacendimento da chama de amor à pátria nos corações de todos os brasileiros. Talvez estivéssemos mesmo precisando de um evento grandioso como a copa para nos unirmos em torno de um mesmo ideal e cantarmos com orgulho nosso Hino Nacional.

Os alunos da escola ficaram felizes ao receberem a visita de argentinos durante os jogos. Tiveram a oportunidade de estar em contato com a língua espanhola, além, claro, de saudavelmente manterem em dia a rivalidade entre Brasil e Argentina nos jogos. Após serem interrogados sobre a Copa do Mundo no Brasil, os argentinos declararam que *“para nós a realização da Copa está indo bem, pois temos apenas uma visão pela televisão, porque não chegamos a nenhuma cidade onde os jogos estão sendo realizados. Quando voltarmos, chegaremos aqui, então poderemos relatar com mais precisão o que presenciamos”*. Jorge, David, Luciano, Leandro, Rodrigo. 25/06/2014



EXPEDIENTE:

Diretora: Jocerlei Dichetti
Coordenadora Pedagógica: Niura Vaz Medeiros

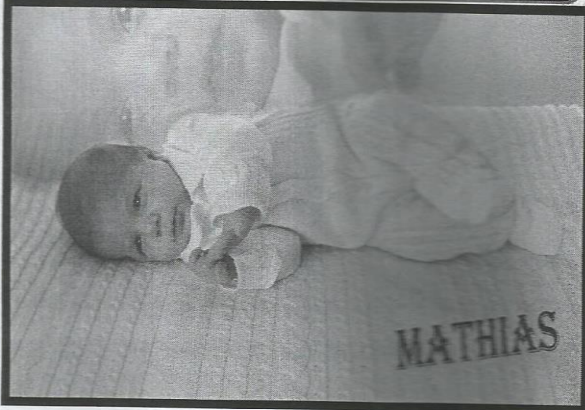
Coordenação do Jornal:
Profª. Giciéli Hohemberger Barúa Ínterim: Profª. Leila Guterres Marchezan
E-mail: gici.h@brturbo.com.br

Redatores:

- Alan Alves Severo (7ª)
- Amanda Spolaor (7ª)
- Amanda Duarte Nunes (7ª)
- Anderson Mendonça Macedo (7ª)
- Fernando Ribeiro de Paula (7ª)
- Juliano Severo de Oliveira (7ª)
- Kamila Severo (7ª)
- Luiara dos Santos Menezes (7ª)
- Maico Leonã Mota de Barros (7ª)
- Matheus Acosta Toledo (7ª)
- Pedro Gilberto Machado Junior (7ª)
- Raul Aurélio Ramos (7ª)
- Renan Alendes de Morais (7ª)
- Tatiana dos Santos Machado (7ª)
- Viviane Albrechet Rocha (7ª)
- Wellington Menezes Antunes (7ª)
- Ketlen Tanira Ramires Silva (7ª)

Endereço: Br 290 - Polo Durasnal - Alegrete
Fone: (55) 3422.1935

Olá, pessoal!!!
Este é o pequeno Mathias com um mesinho.
Obrigada pelas mensagens de carinho!
Um abraço!
Profª. Giciéli



DURASNAL EM FOCO

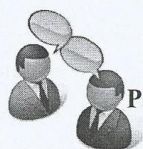
3

- Vem aí a 3ª Cavalgada da Integração. Será nos dias 11 e 12 de outubro de 2014.

- No dia 15 de novembro de 2014, às 20h30min, haverá, no CTG Oswaldo Aranha, jantar baile para a posse da nova patronagem. Prestígie!

- Seu Sigfrid Albrecht segue como posteiro do Piquete Tradição do Parové. No dia 16 de agosto ele e sua esposa, dona Beatriz, receberam os títulos de Cidadãos Alegretenses, pelos relevantes serviços prestados à comunidade do Parové.

- A X Festa da Casa do Produtor e a VI Olimpíada Rural do Produtor marcaram as festividades de julho no Durasnal. Mais uma vez o evento da Casa do Produtor se destacou pela organização, criatividade e presença expressiva do público.



A VOZ DA COMUNIDADE

Para você, o que significou a realização da Copa do Mundo no Brasil?

“Benefícios para os estádios, comércio, turismo, aeroportos com mais capacidade de embarque e desembarque, cultura para nossa tradição.”

Dênio Pereira Aurélio
Zelador



“Foi um evento ímpar, que só os grandes países participam. Também um grande passo para o desenvolvimento do Brasil a nível mundial.”

Eduardo Mazzuco
Agropecuarista

“Não gostei da copa no Brasil porque esse dinheiro deveria ser gasto com EDUCAÇÃO e SAÚDE.”

Luis André dos Santos Oleques
Aluno da 8ª série



“Representou intercâmbio cultural e benefícios para o turismo.”

Rosane Tolfo
Professora

Já na edição trinta e três há a presença de uma matéria que trata da interculturalidade¹⁹, dado que divulga a presença de argentinos na escola (em virtude da copa do mundo ter sido realizada no Brasil) para um diálogo cultural. Os alunos puderem entrar em contato com falantes do espanhol, bem como fazerem perguntas sobre o país vizinho. Também, na mesma edição, os alunos questionaram pessoas da escola e moradores da localidade, por meio da seção *A voz da comunidade* o que significava a realizava de uma copa do mundo no Brasil. Mais uma vez evidencia-se a participação do educando em questões sociais.

Freinet (1974, p. 68) nos apresenta o jornal escolar como instrumento de iniciação à vida cívica e nos explica que isso acontece porque o aluno atua de maneira individual e coletiva para produzir matérias para o jornal; porque ele debate, opina, vota e decide pela escolha de textos; porque ele escreve de forma cooperativa; porque ele troca e difunde ideias. Segundo o autor, esses são modos preparatórios para as atividades cívicas de futuros cidadãos. O aluno sendo ator do processo não aprende só pela memorização, mas muito mais pela ação, pela experiência, que é capaz de trans (formá-lo).

Coerente a isso, o jornal escolar “O Maracanã” cumpre seu papel, pois se apresenta e se faz presença na comunidade, devido à circulação garantida de exemplares entre os alunos, professores, funcionários, motoristas e moradores da localidade, além de tímida circulação no município como um todo.

¹⁹ Segundo a pesquisadora Cloris Porto Torquato (2008), o conceito de interculturalidade, fundamentado no trabalho de H. E. JANZEN (2004), associada à concepção sociológica bakhtiniana de linguagem, concebe o encontro (inter)cultural como a interação, o diálogo, entre sujeitos que falam de lugares sociais, históricos e culturais distintos e que realizam o movimento de empatia, que consiste em colocar-se no lugar do outro e voltar para o próprio lugar, que é inevitavelmente modificado quando do retorno.

6 CHEGADA PROVISÓRIA (o acabamento)

“O saber da experiência ensina a ‘viver humanamente’ e a conseguir a ‘excelência em todos os âmbitos da vida humana: no intelectual, no moral, no político, no estético, etc.’”

(Jorge Larrosa)

No início deste trabalho, apresentei o desafio que havia se tornado para mim narrar uma experiência pedagógica frente ao desprestígio existente a esse tipo de pesquisa no meio acadêmico. Ao ler os escritos de Jorge Larrosa, fui, aos poucos, sendo iluminada por uma clareira repleta de sentidos e descobrindo que havia em mim, também, manifestações de desmerecimento em relação ao vivido. A partir das leituras, muitas lições emergiram. Primeiro, que a experiência é um saber que está ligado diretamente ao amadurecimento do indivíduo; segundo, que a experiência é um saber pessoal, singular; terceiro, que o saber científico está fora de nós, mas o saber da experiência está personificado, ou seja, só tem sentido no modo pelo qual caracteriza a individualidade, a sensibilidade humana; por último, que o saber da experiência proporciona ao ser humano a vivência de ações, de estados e de fenômenos de maneira suavizada.

Logo, pesquisar a experiência foi uma batalha, pois estive adentrando como uma caçadora de pistas aquilo que nos²⁰ passou, que nos aconteceu, que nos sucedeu, que nos tocou, que nos chegou, que nos afetou, que nos ameaçou, que nos feriu, que nos (trans)formou, que nos enriqueceu e o que nos fez rever e recomeçar. Mas tratou-se de uma batalha em construção e não perdida como muitos prejudgaram, pois a história contou sobre sujeitos, ações, olhares, movimentos, gêneros, motivação, autorias, mediações, cultura. Sendo sujeito da experiência, pude estar à disposição da minha própria transformação.

Assim, busquei, neste trabalho, contar o processo de constituição do jornal “O Maracanã”, desenhando a história a partir da narrativa de experiência, bem como a importância do instrumento jornal escolar como possibilitador de autoria e novas reflexões no contexto de uma escola do campo. Indubitavelmente, assumi neste campo o papel de pesquisadora, colocando o meu olhar sobre as trinta e cinco edições do jornal, em dez anos de existência. Durante o processo de análise, eu tive a linha e a agulha e, a partir de observações

²⁰ Mesmo narrando e analisando fatos a partir do meu olhar como pesquisadora, utilizei o pronome *nos* porque o jornal foi constituído por muitos sujeitos.

cuidadas, detalhes bem apreciados, fui costurando o extenso tecido da análise, em que teoria e prática dialogaram de forma segura.

Para isso, selecionei quatro categorias: a atuação da professora (atitudes, aprendizagens e experiências); os alunos: motivação, participação e autoria (escrita colaborativa); os gêneros discursivos: os conteúdos do jornal e a constituição do gênero entrevista; o jornal escolar e sua função sociocultural.

Na recuperação dos acontecimentos, descortinei minha atuação no processo de criação e desenvolvimento do jornal, visualizando uma docente que demorou em compreender que a interlocução, a interação são inseparáveis das ações humanas. Com os indícios inferidos, fui percebendo que a partir do olhar do outro as transformações foram acontecendo, na tentativa de aprimorar os feitos. Assim, ser professora passou a ser também co-elaboradora, co-criadora e co-aprendiz das atividades do jornal. Nesse meio, o professor como agente de letramento é alguém capaz de estar sempre em aprendizagem, a partir da capacidade de mobilização, articulação e de interação como bem nos orienta Kleiman (2007).

Os vestígios encontrados nos exemplares do jornal permitiram-me reconhecer a trajetória de maturidade em relação à participação do aluno como autor. Nos primeiros exemplares, constata-se a quase nula participação do discente quanto a decisões sobre estrutura e conteúdos, logo os protagonistas eram os professores e funcionário que coordenavam o projeto. Com o tempo, parecia que o aluno estava perdendo o espaço e o interesse pelas atividades e, assim, a partir da décima segunda edição, inserindo o aluno no processo, de fato, ele começou a se sentir parte do projeto, sendo o letramento dele, a partir de então e instaurado paulatinamente, o objetivo da prática pedagógica, como bem nos alerta Kleiman (2007a). Essa mudança se deu porque houve a reflexão sobre a prática e o contraste dela com outras práticas. Freinet (1974) já argumentava sobre a necessidade de o aluno perceber-se protagonista para sentir-se motivado a criar e a aprender.

Analisar as singularidades quanto aos conteúdos do jornal foi reconhecer uma mistura de vozes que não ecoavam na mesma direção. E essa foi a causa das lacunas iniciais do projeto, pois acabamos confundindo se o foco do jornal era ser instrumento de comunicação ou ferramenta para o desenvolvimento da leitura e da escrita entre os alunos. Faltava vínculo entre teoria e prática. Com o tempo, a reflexão sobre a prática instruiu-me a mudar a dinâmica do jornal e foi o gênero entrevista o fomentador dessa mudança, pois por meio desse gênero o aluno planejou suas ações, interagiu com os demais, mobilizou estratégias para escrever, revisou o texto e avaliou sua atuação. Era a construção do conhecimento por meio do estímulo

de seu próprio saber e a ampliação da sua visão de mundo a partir das próprias experiências. Tal atitude reconfigurou a interação com esse gênero e dos demais, desencadeando uma nova dinâmica para as aulas de língua portuguesa.

Conseqüentemente, o jornal assumiu outra postura na minha vida e na vida do aluno, já que essa ferramenta pedagógica estava partindo dos reais interesses dele, proporcionando meios para a sua expressão e interação. Passou a ser um instrumento de inserção do aluno na sociedade. As atividades que envolveram a produção do jornal “O Maracanã” ofereceram ao aluno vantagens pedagógicas (desenvolvimento da leitura e da escrita, interdisciplinaridade, autoria), psicológicas (autoestima, relação com o outro) e sociais (cooperação social, relação com os segmentos da escola e da comunidade). Os indícios me levam a pensar que, para mim, o benefício ficou por conta da alteridade, pois foi por meio do outro que houve o rompimento na maneira de eu conduzir o trabalho. Foi por meio do outro que me tornei uma profissional mais reflexiva e uma “educadora-investigadora”, já que nas pistas, nos indícios, encontrei respostas para minhas ações frustradas.

Dessa forma, esse estudo oportunizou-me ter um novo olhar sobre o feito, refletindo sobre minhas ações no decurso, por meio de um vigoroso diálogo com a teoria. Posterior a análise, sinto que mesmo movida pela intuição procurei refletir sobre as minhas práticas em todo o processo de constituição do jornal. Talvez tenha demorado para eu que mudasse de atitude e para que isso ocorresse precisei perceber que eu não me constituía como profissional reflexiva sozinha, mas em interação com outras pessoas de meu ambiente escolar e de outros lugares.

Desenvolver esse projeto de letramento na escola do campo foi desafiador, às vezes, até angustiante pela falta de estrutura e do saber como fazer. Mas vivenciar a motivação do aluno, sua ansiedade em fazer o melhor, a alegria do dia do lançamento da edição da turma, foram fatores que me impulsionaram a não desistir, muito pelo contrário, levaram-me a acreditar que o jornal escolar “O Maracanã” fazia a diferença na vida daquela comunidade escolar. Esse aspecto é confirmado no depoimento da aluna Tailana (32ª edição, março, abril e maio de 2014, capa, p.8), quando, com outras palavras, afirma ter vivenciado nas entrevistas para o jornal, momentos de intensas aprendizagens, exemplos e lições para a sua vida.

Enfim, concluo este trabalho que é, também, a tentativa de proporcionar, aos professores-leitores, uma reflexão sobre a necessidade da incorporação de práticas de letramento à vivência de sala de aula, oferecendo-lhes os produtos da minha experiência.

Finalizo provisoriamente, pois não consigo enxergar o fim do tecido. Verdadeiramente, o término deste está ligado a um recomeço, já que novas linhas serão colocadas na agulha, para que novas costuras sejam feitas, com tecidos de diferentes cores, tamanhos e texturas.

"O desafio do pesquisar no movimento é que o pesquisador não olha um tecido pronto, procura aproximar-se do movimento em que o tecido vai sendo feito. Mergulha na multiplicidade dos fios em movimento, buscando compreender a trama que vai sendo urdida" (Fontana, 2000, p. 70-1)

Seguirei mergulhada nessa trama de fios!

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAURRE, M. et al. (Org.) **Cenas de aquisição da escrita**. Campinas: Mercado das Letras, 1997.
- ASSMANN, Hugo. **Metáforas novas para reencantar a educação**. Piracicaba: Editora Unimep, 1996.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011 [1979].
- BONINI, Adair. **Jornal escolar: gêneros e letramento midiático no ensino-aprendizagem de linguagem**. Revista Brasileira de Linguística Aplicada, ALAB, Belo Horizonte, v. 11, n. 1.
- CAVALCANTI, M. C. e MOITA LOPES, L. P. **Implementação de pesquisa na sala de aula de línguas no contexto brasileiro**. Em: Trabalhos em lingüística aplicada, nº 17, jan.-jun., 1991.
- CRUZ NETO, O. **O trabalho de campo como descoberta e criação**. Em: MINAYO, M. C. S. (org.). Pesquisa social – teoria, método e criatividade. 18.ed., Petrópolis: Vozes, 1994..
- CUNHA, Rosana. **O jornal escolar sob a ótica do ensino de gênero e da formação continuada do professor**, in: VÓVIO, C.; SITO, L.; GRANDE, de Paula. *Letramentos: rupturas, deslocamentos e repercussões de pesquisas em linguística aplicada*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.
- CUNHA, Rosana Cristina da. **Jornal escolar: raio de ações, rede de significações**. 2010. Tese (Doutorado em Ensino de Língua Materna). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2010.
- DUARTE, C. **Uma análise dos procedimentos de leitura baseada no paradigma indiciário**. 1997. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1997.
- FERRARA, Lucrécia. **O olhar periférico**. São Paulo: Edusp, 1999.
- FONTANA, Roseli A. Cação. **Como nos tornamos professoras?** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- FREINET, C. **O Jornal escolar**. Lisboa: Estampa, 1974.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- FÜHR, Mirian. **Produção textual no ensino fundamental: aluno-escritor e professor-leitor**. Trabalho de conclusão de especialização, UFRGS, 2012.
- GINSBURG, Carlo. **Sinais. Raízes de um paradigma indiciário, In: _____**. **Mitos, emblemas e sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GIOVANI, Fabiana. **A ontogênese dos gêneros discursivos escritos na alfabetização**. 2010. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara. Araraquara, SP, 2010.

_____. **O texto na apropriação da escrita**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, SP, 2006.

HOHEMBERGER, Gilcemar. **A categoria da reciprocidade entre o eu e o tu em Martin Buber. In: Dignidade e sentido humano: uma leitura introdutória a partir de Mounier Buber e Levinas**. Santa Maria – RS, Biblos Editora, 2009.

JORNAL “O MARACANÃ”. Alegrete, abril de 2005 a junho de 2015.

KLEIMAN, Ângela B. **Trajetórias de acesso ao mundo da escrita: relevância das práticas não escolares de letramento para o letramento escolar**. Revista Perspectiva, ISSN print 0102-5473, ISSN 2175-795X Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

_____. (2005) “Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?”. Unicamp, São Paulo, p.40.

_____. (2006a) “**Leitura e prática social no desenvolvimento de competências do ensino médio**”, in: BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. *Português no ensino médio e formação do professor*. São Paulo, Parábola. pp. 23-36

_____. (2006b) “**Processos identitários na formação profissional: o professor como agente de letramento**”, in: CORRÊA, Manoel (org) *Ensino de Língua: Letramento e Representação*, Campinas, Mercado de letras. pp. 75-91

_____. (2007a) “**O conceito de letramento e suas implicações para a alfabetização**”. Campinas, SP, p. 2, fev, 2007.

_____. (2007b) “**Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna**”. Signo. Santa Cruz do Sul, v. 32 n 53, p. 1-25, dez, 2007.

LARROSA, Jorge. **Linguagem e Educação depois de Babel**. Minas Gerais: Autêntica, 2004.

LIMA, Maria Emília Caixeta de Castro. **Sentidos do trabalho mediados pela educação continuada em química**. 2003. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2013.

MOURA, Eduardo. ROJO, Rosane. **Pedagogia dos Multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

POSSENTI, Sírio. **Enunciação, autoria e estilo. In: Questões para analistas do discurso**. São Paulo: Parábola, 2009.

RANGEL, Egon de Oliveira; ROJO, Roxane Helena Rodrigues. Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Explorando o ensino: língua portuguesa**. Vol. 19. Brasília: MEC/SEB, 2010.

ROJO, Rosane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola, 2009.

SILVA, Ester Gleide Bueno. **Uma escola passada a limpo. Resgate histórico**. Uruguaiana, Gráfica Universitária, 2007.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

Anexos



JORNAL ESCOLAR

PROTAGONISMO E INTEGRAÇÃO

**GOVERNO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE LÍNGUAS**

**GUIA PASSO A PASSO PARA A IMPLANTAÇÃO DE JORNAL ESCOLAR
COMO PROJETO DE LETRAMENTO**

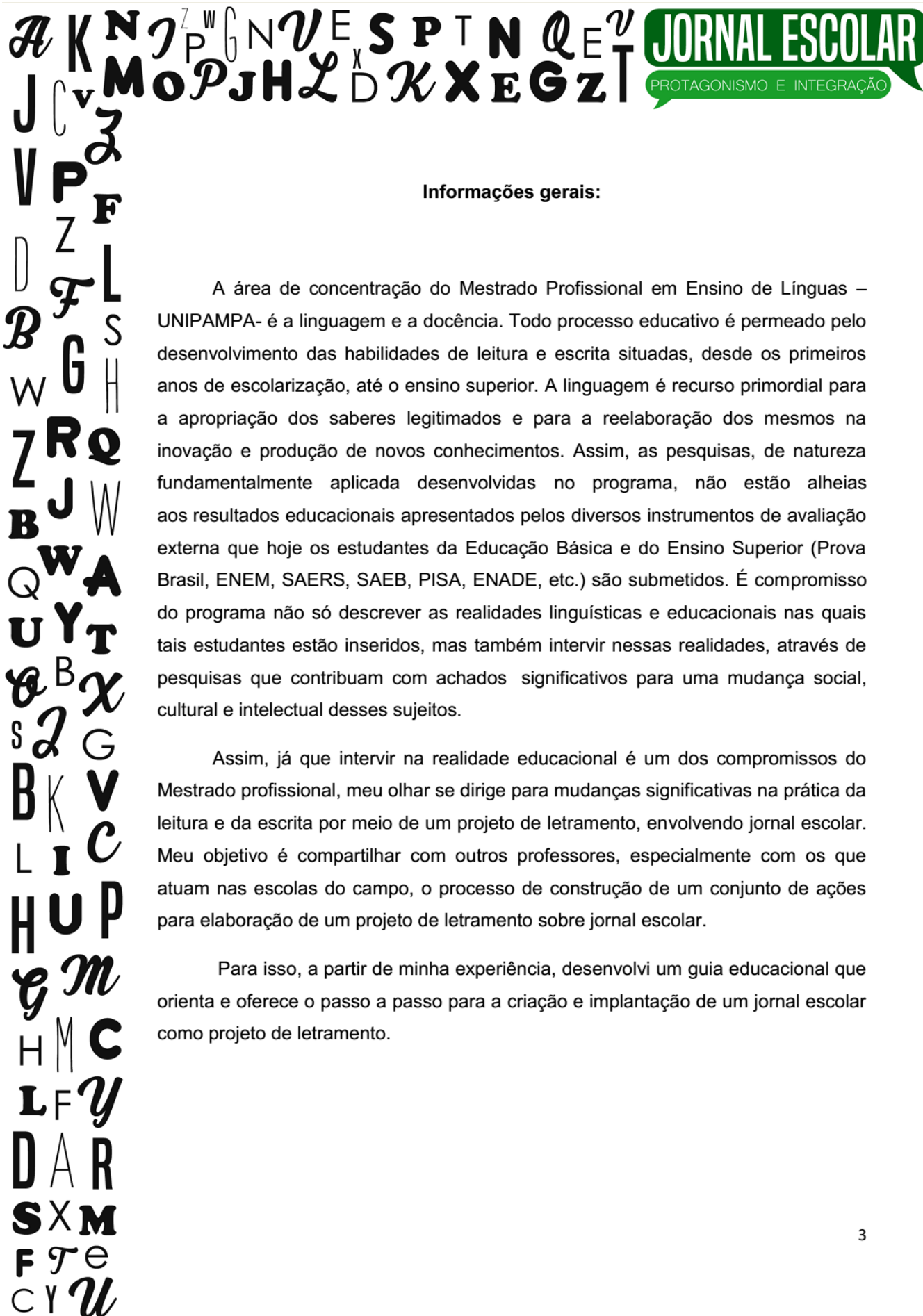
GICIÉLI HOHEMBERGER BARÚA

ORIENTADORA:

PROF.^a DRA. FABIANA GIOVANI

Bagé/RS

2015



Informações gerais:

A área de concentração do Mestrado Profissional em Ensino de Línguas – UNIPAMPA- é a linguagem e a docência. Todo processo educativo é permeado pelo desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita situadas, desde os primeiros anos de escolarização, até o ensino superior. A linguagem é recurso primordial para a apropriação dos saberes legitimados e para a reelaboração dos mesmos na inovação e produção de novos conhecimentos. Assim, as pesquisas, de natureza fundamentalmente aplicada desenvolvidas no programa, não estão alheias aos resultados educacionais apresentados pelos diversos instrumentos de avaliação externa que hoje os estudantes da Educação Básica e do Ensino Superior (Prova Brasil, ENEM, SAERS, SAEB, PISA, ENADE, etc.) são submetidos. É compromisso do programa não só descrever as realidades linguísticas e educacionais nas quais tais estudantes estão inseridos, mas também intervir nessas realidades, através de pesquisas que contribuam com achados significativos para uma mudança social, cultural e intelectual desses sujeitos.

Assim, já que intervir na realidade educacional é um dos compromissos do Mestrado profissional, meu olhar se dirige para mudanças significativas na prática da leitura e da escrita por meio de um projeto de letramento, envolvendo jornal escolar. Meu objetivo é compartilhar com outros professores, especialmente com os que atuam nas escolas do campo, o processo de construção de um conjunto de ações para elaboração de um projeto de letramento sobre jornal escolar.

Para isso, a partir de minha experiência, desenvolvi um guia educacional que orienta e oferece o passo a passo para a criação e implantação de um jornal escolar como projeto de letramento.

Um
caminho
possível...

PASSO 1

Observe se a ideia é de interesse dos alunos. Leve jornais para a sala de aula e comente sobre as finalidades dele.

PASSO 2

Decida se fará com apenas uma turma ou se envolverá todas de uma determinada modalidade de ensino. Procure a coordenação pedagógica e apresente a proposta. Mobilize todos os setores da escola, divulgando o projeto e convidando-os para participarem.

PASSO 3

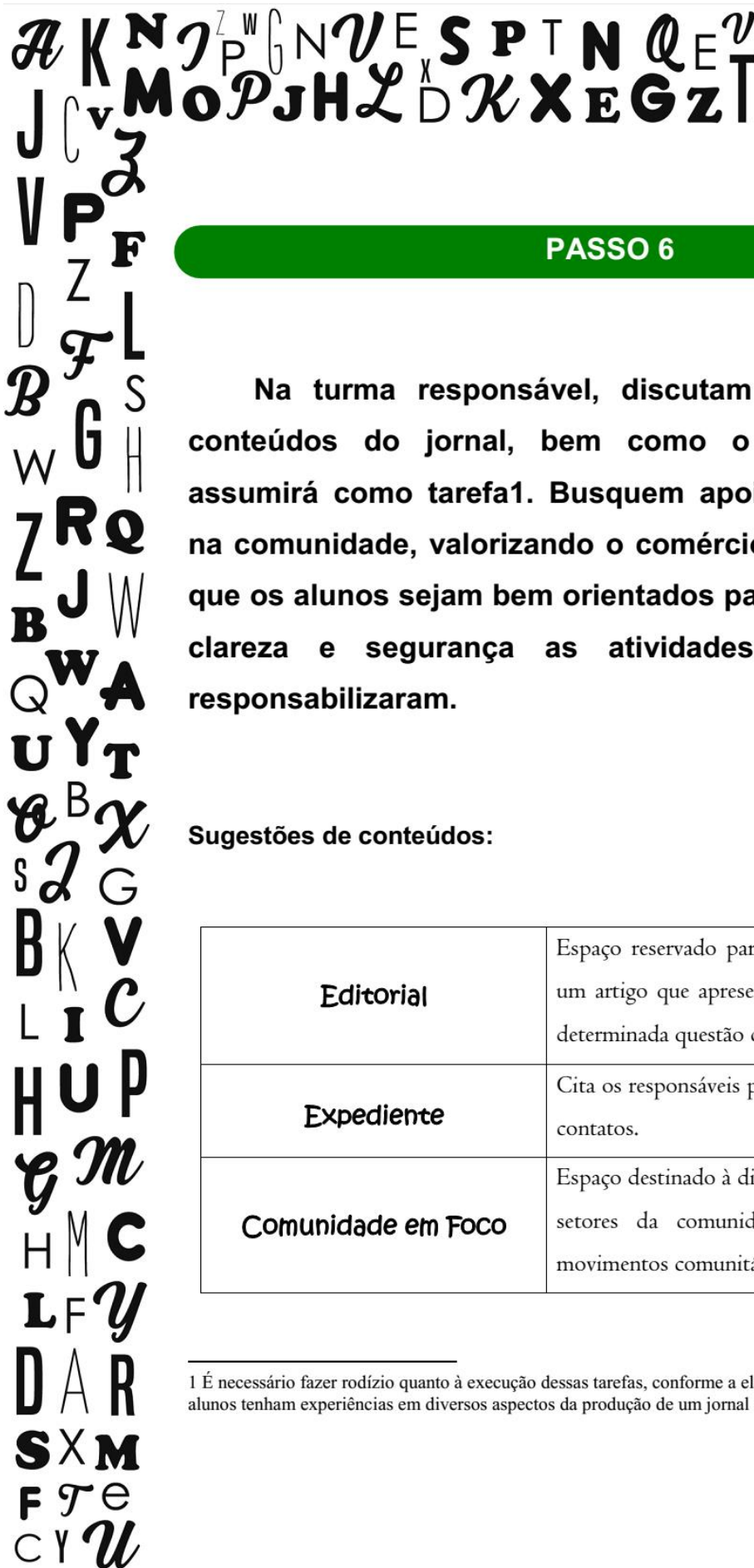
Discuta com os alunos o objetivo do projeto: mero mecanismo de comunicação ou representação da identidade dos alunos e da escola.

PASSO 4

Organize com a(s) turma(s) a escolha do nome do jornal. O ideal é que todos possam opinar, depois, por eliminação, uma grande votação definirá o nome oficial.

PASSO 5

Estabeleça um cronograma. Por exemplo: em cada mês, ou em cada trimestre determinada turma ficará responsável pela edição.



PASSO 6

Na turma responsável, discutam o tamanho e os conteúdos do jornal, bem como o que cada grupo assumirá como tarefa¹. Busquem apoiadores financeiros na comunidade, valorizando o comércio local. É essencial que os alunos sejam bem orientados para executarem com clareza e segurança as atividades pelas quais se responsabilizaram.

Sugestões de conteúdos:

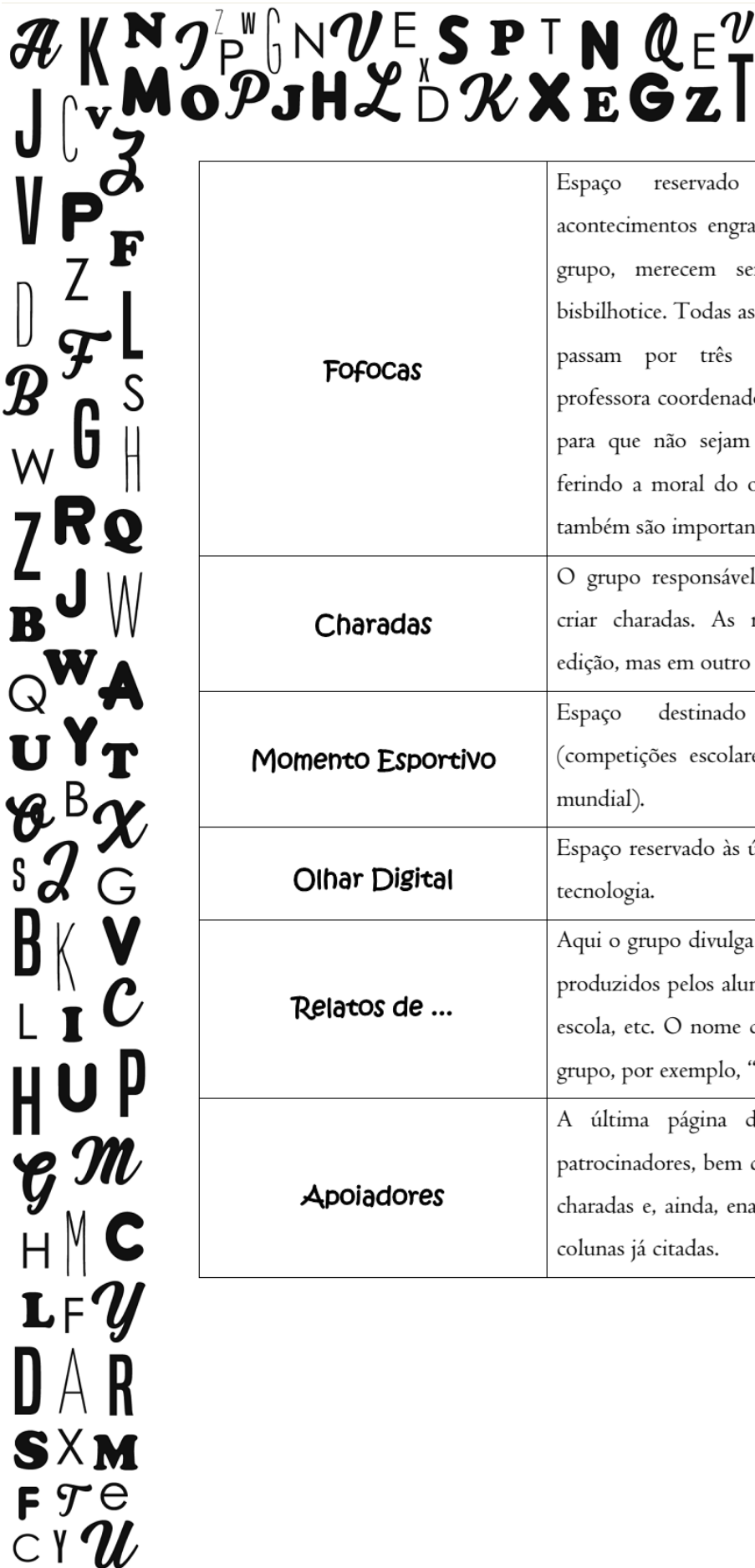
Editorial	Espaço reservado para a coordenação do jornal. É um artigo que apresenta a opinião do grupo sobre determinada questão com um pouco de notícias.
Expediente	Cita os responsáveis pela execução das tarefas e seus contatos.
Comunidade em Foco	Espaço destinado à divulgação de eventos dos vários setores da comunidade (escola, clubes, igrejas, movimentos comunitários...).

¹ É necessário fazer rodízio quanto à execução dessas tarefas, conforme a elaboração das edições, para que os alunos tenham experiências em diversos aspectos da produção de um jornal escolar.

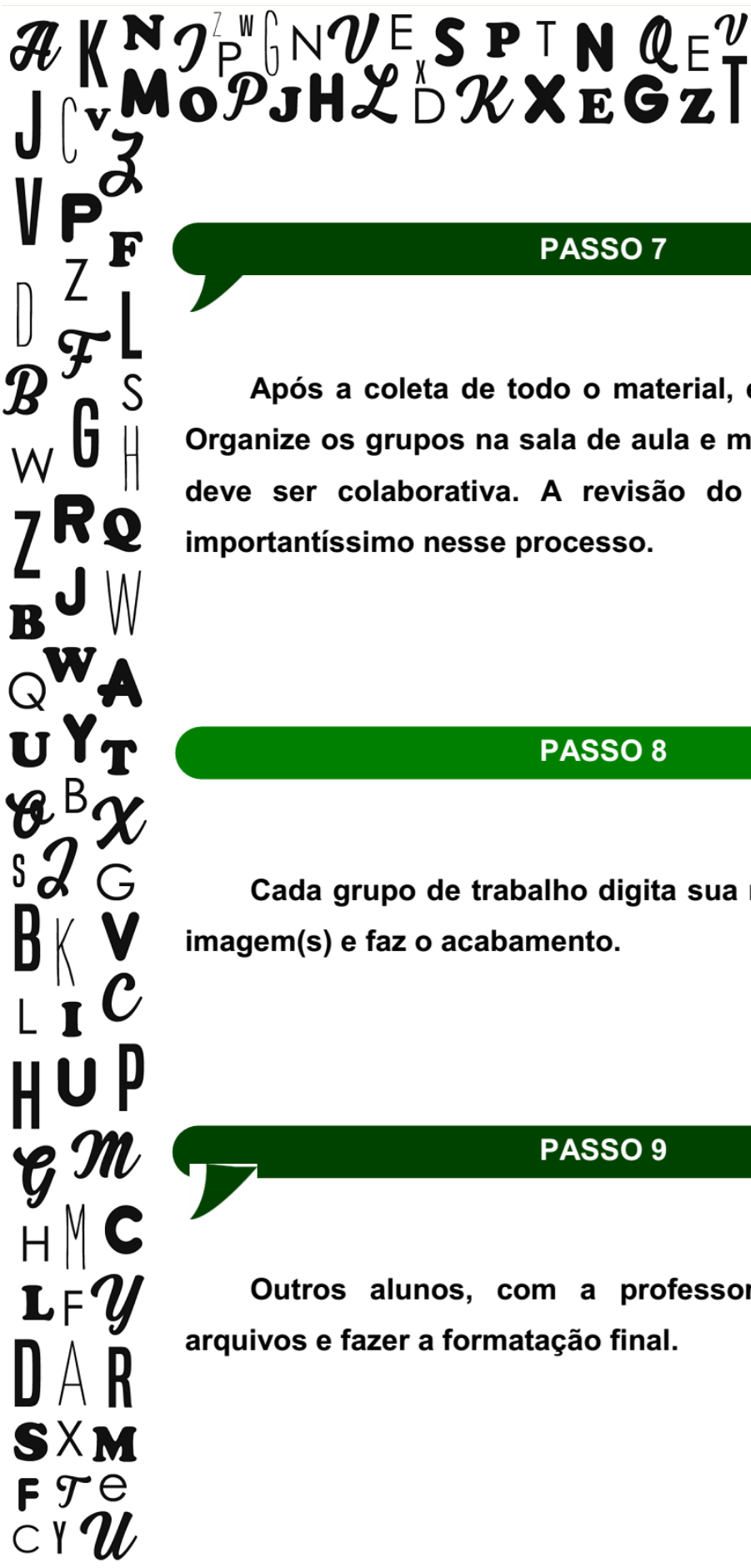
A K N J P W G N V E S P T N Q E V
 J C v M O P J H L D K X E G Z I

Z
 F
 L
 S
 H
 R
 Q
 W
 A
 T
 X
 G
 V
 C
 I
 P
 M
 C
 Y
 U

<p>A Voz da Comunidade</p>	<p>Neste espaço, aproximadamente quatro pessoas da comunidade escolar são convidadas a responder a um questionamento elaborado pelos alunos. Componentes desse conteúdo: foto do entrevistado, texto e dados como nome e profissão.</p>
<p>Entrevista da Edição</p>	<p>Gênero mobilizador do jornal. Os alunos sugerem vários nomes, o professor discute cada um deles com a turma. Para evitar escolha precipitada, em outro dia retoma-se a escolha. Por votação, elege-se o entrevistado. A partir disso, elaboram-se as perguntas e marca-se o encontro. Após a entrevista, a escrita colaborativa entra em ação. Também, a escolha das fotos, deve ser feita pelo grupo.</p>
<p>Sala de Aula</p>	<p>Espaço destinado à divulgação das produções dos anos iniciais. O grupo de alunos responsável pela coluna visita as turmas e oferece o espaço. Junto à professora de cada turma definem o que será publicado.</p>
<p>Acontece</p>	<p>Muitos são os acontecimentos de uma escola. Na impossibilidade de fazer matérias para todos eles, o espaço destina-se a fotos e pequenas legendas para que tudo fique arquivado.</p>
<p>Matéria Destaque</p>	<p>Espaço reservado para um acontecimento especial do período, como aniversário da escola, eleição para algum setor escolar, prêmios conquistados pelos alunos, etc.</p>



Fofocas	<p>Espaço reservado para a divulgação de acontecimentos engraçados ou que, na opinião do grupo, merecem ser “espalhados”; trata-se de bisbilhotice. Todas as fofocas elaboradas pelo grupo passam por três “peneiras” (próprio grupo, professora coordenadora e equipe gestora da escola) para que não sejam caracterizadas como <i>bulling</i>, ferindo a moral do outro. Imagens e/ou desenhos também são importantes para o sucesso da coluna.</p>
Charadas	<p>O grupo responsável é convidado a pesquisar ou criar charadas. As respostas devem aparecer na edição, mas em outro espaço.</p>
Momento Esportivo	<p>Espaço destinado às notícias esportivas (competições escolares, estaduais, nacional ou até mundial).</p>
Olhar Digital	<p>Espaço reservado às últimas notícias sobre ciência e tecnologia.</p>
Relatos de ...	<p>Aqui o grupo divulga seus relatos. Podem ser textos produzidos pelos alunos, notícias da turma e/ou da escola, etc. O nome da coluna deve ser criado pelo grupo, por exemplo, “Relatos de Aninha”.</p>
Apoiadores	<p>A última página do jornal pode destacar os patrocinadores, bem como divulgar as respostas das charadas e, ainda, enaltecer algo que não coube nas colunas já citadas.</p>



PASSO 7

Após a coleta de todo o material, é hora de produzir. Organize os grupos na sala de aula e medeie a escrita que deve ser colaborativa. A revisão do texto é um fator importantíssimo nesse processo.

PASSO 8

Cada grupo de trabalho digita sua matéria, insere a(s) imagem(s) e faz o acabamento.

PASSO 9

Outros alunos, com a professora, irão reunir os arquivos e fazer a formatação final.

A K N Z P G N V E S P T N Q E V
J C v M O P J H L D K X E G Z I

V P F
Z L
D Z F L S
B G H
W G H
Z R Q
B J W
Q W A
U Y T
B X
S L G
B K V
L I C
H U P
g m
H M C
L F Y
D A R
S X M
F T e
C Y U

PASSO 10

O jornal vai para a impressão (ou xerox) e a turma já organiza o lançamento da edição. Sugere-se fazer uma mobilização na escola para esse momento.

PASSO 11

Posteriormente, na sala de aula, a professora com os alunos fazem uma reflexão sobre o processo e o produto do projeto pelo qual foram responsáveis.

Boas práticas e sucesso!

A K N P Z W G N V E S P T N Q E V
J C v M O P J H L X D K X E G Z I

Z
P F
Z L
F L S
G H
R Q
J W
W A
Y T
B X
S L G
B K V
L I C
H U P
G M
H M C
L F Y
D A R
S X M
F T e
C Y U

Modelo sugestivo

Obs.: a versão impressa no projeto é em escala de cinza, em virtude do custo.

A K N P G N V E S P T N Q E V
 J C V M O P J H L D K X E G Z I

Z
 V P F
 Z F L
 B G S
 W G H
 Z R Q
 B J W
 Q W A
 U Y T
 B X
 S Z G
 B K V
 L I C
 H U P
 G M
 H M C
 L F Y
 D A R
 S X M
 F T e
 C Y U

MARACANÃ

Ano IX - Nº 36 - Julho/Agosto/Setembro de 2015.
 Escola Municipal de Educação Básica João André Figueira
 Alegrete - RS

Entrevista da edição:

ED & RUTH DORNELES:



**CASAL EXEMPLO DE AMOR,
 UNIÃO E OTIMISMO!!!**

Confira, ainda, nesta edição:

- A VOZ DA COMUNIDADE
 - SEMANA FARRAPA
 - DURASNAL EM FOCO
 - FOFOCAS
 - PRODUÇÕES DOS ALUNOS
 - MOMENTO ESPORTIVO
 - CHARADAS
- Editorial

A K N P G N V E S P T N Q E V
 J C V M O P J H L D K X E G Z I

Z F L S H
 W G H
 Z R Q
 B J W
 Q W A
 U Y T
 B X
 S L G
 B K V
 L I C
 H U P
 G M
 H M C
 L F Y
 D A R
 S X M
 F T e
 C Y U

A Semana Farroupilha é vivenciada de forma intensa neste "garrão" do Rio Grande do Sul, chamado Fronteira-Oeste, especialmente em Alegrete, 3ª Capital Farroupilha. Neste ano, o tema de 2015 dos Festejos Farroupilhas foi "O campeirismo gaúcho e sua importância social e cultural", de autoria de Fabiano Vencato, da 12ª Região Tradicionalista, e com relatoria de Iara Rott e Lucas Dayran Vieira, a proposta foi apresentada e aprovada no 63º Congresso Tradicionalista Gaúcho, realizado em Uruguaiana. Os autores citam Barbosa Lessa na justificativa da proposta: "**A ideia nuclear das Tradições Gaúchas é a figura do campeiro das nossas estâncias (...)**". (...) "**Precisamos mostrar às novas gerações – bem como aqueles que, vindos de terras distantes, acorrerem à nossa querência – que as tradições gaúchas são realmente belas e que o gaúcho merece realmente a nossa admiração**". Algumas questões pontuais foram trabalhadas durante os festejos, como: a relação entre o homem e o cavalo, a música campeira, o laço, afazeres domésticos, mãos gaúchas no couro, galpão, a tosquia, o alambrado e a ordenha. Foi uma oportunidade de valorizar as mais variadas manifestações campeiras existentes na tradição gaúcha, já que o gaúcho tem, em relação a sua terra, um sentimento de amor e devoção.

EXPEDIENTE:

Diretora: Jocerlei Dichete
Coordenadora Pedagógica: Niura Vaz Medeiros

Coordenação do Jornal:
 Profª. Giciéli Hohemberger Barúa
Contato: (55) 9958 87 84 /
 gici.h@brturbo.com.br

Redatores:
 Aline Antunes Machado (7º)
 Anderson de Oliveira (7º)
 Ana Cláudia Fagundes Gonçalves (7º)
 Bruna Antunes Rodrigues (7º)
 Celso Alves Macedo Neto (7º)
 Erik Debesaites (8º)
 Éverton Botelho Pedrosa (7º)
 Gabriel Pedrosa Soares (7º)
 Gabriela Machado Macedo (7º)
 Gudrian Vargas Machado (7º)
 João Claudio Moraes da Rosa (7º)
 Laura Rodrigues Menezes (7º)
 Mitiele Ferrão Anacleto (7º)
 Nidiane Severo de Oliveira (7º)
 Patrick dos Santos Marzulo (7º)
 Sirlei Terezinha Silva da Silva (7º)
 Thiézer Menezes da Silva (7º)



Vejam o talento artístico do aluno Éverton, 7º ano.

Endereço: Br 290 - Polo Durasnal - Alegrete/RS Fone: (55) 3422.1935

A K N P G N V E S P T N Q E V
 J C v M O P J H L D K X E G Z I

J C v z
 V P F
 D Z L
 F L S
 B J W
 W G H
 Z R Q
 B J W
 Q W A
 U Y T
 B X
 S L G
 B K V
 L I C
 H U P
 G M
 H M C
 L F Y
 D A R
 S X M
 F T e
 C Y U

DURASNAL EM FOCO

Alunos responsáveis: Nidiane, Mitiele e Laura

- A 4ª Região Tradicionalista, CTG Oswaldo Aranha e a Cidade de Alegrete convidam as Entidades Tradicionalistas e as Escolas para participarem do 21º FENARTINHO – Festival Nativista de Arte e Tradição que se realizará nos dias 28 e 29 de Novembro de 2015, no CTG Oswaldo Aranha no Durasnal, 3º Subdistrito de Alegrete-RS.

- Vem aí a IV Cavalgada da Integração. Será nos dias 17 e 18 de outubro.

- 4º Rodeio do Centro do Cavalo La Campaña. De 29 de outubro a 1º de novembro, no CTG Oswaldo Aranha.

- Dia 07 de novembro, jantar baile para a posse da nova patronagem do CTG Oswaldo Aranha.



A VOZ DA COMUNIDADE

Alunos responsáveis: Anderson, Sirlei, João e Erik.

Do que você mais sente falta no Durasnal?



“Mercado. Temos um minimercado, porém sentimos falta de um mais completo. E também uma farmácia básica.”

Ione Rodrigues
 Ex-professora



“Uma ferragem, uma farmácia e um restaurante, pois na cidade temos acesso fácil a muitos luxos.”

José Fagundes
 Proprietário Rural



“Uma farmácia, pois na cidade temos e aqui não. Precisamos nos deslocar até o meio urbano para comprar medicamentos básicos, como para gripe ou dor de cabeça.”

Cláudia Marzulo
 Funcionária Pública



“Uma farmácia, porque alguém adoecer e precisa ir até a cidade para comprar remédios.”

Natan Antunes da Silva
 Estudante

A K N Z P W G N V E S P T N Q E V
 J C V M O P J H L X D K X E G Z I

V P F
 Z F L S
 D Z F L S
 B G H
 W G H
 Z R Q
 B J W
 Q W A
 U Y T
 B X
 S L G
 B K V
 L I C
 H U P
 G M
 H M C
 L F Y
 D A R
 S X M
 F T e
 C Y U

Entrevista da Edição

Quantas experiências! Quantas aprendizagens! Quantos sorrisos! Quantas emoções! Quanto carinho! Quanta vontade de dizer "foi muito bom!" Quanta vontade de dizer novamente "muito obrigado!"

Entrevistar o seu Ed e a dona Ruth, no dia 14 de setembro, foi uma experiência ímpar. Primeiro, porque conhecemos a história de um casal de bem com a vida, que encara os problemas como forma de crescimento pessoal e segue sorrindo, divertindo-se. Segundo, porque fomos bem acolhidos, porque nos divertimos, porque lá, na Fazenda Timbaúva, fomos muito felizes! Ao seu Ed e a dona Ruth, o nosso respeito, o nosso carinho e a nossa admiração, por serem pessoas generosas, sensíveis, alegres e otimistas. A Deus, a nossa prece de que os conceda saúde e muitos anos de vida!
 Professora Giciéli Barúa e alunos



1) Quais os nomes completos de vocês? Em que dia, mês e ano nasceram?

Sou Ed Estivalet Dorneles, nasci no Passo Novo, em 21/04/40. Eu sou Ruth Fernandes Dorneles, nasci no Durasnal, em 04/04/43.

2) Há quantos vocês estão casados? Falem-nos sobre a família que constituíram.

Foi numa carreira, na Cancha das Areias, em que nos conhecemos. A partir daí, namoramos um ano e há 52 anos estamos casados. Nossa família é ótima. Temos três filhos: Edson, Recy e Judete; e sete netos. Somos muito unidos, uma família feliz.

3) Como é o dia a dia de vocês na Fazenda Timbaúva?

Seu Ed: eu cuido do campo e do rebanho, alambro, faço corda...

Dona Ruth: cuido das galinhas, faço queijo, cuido da horta, costuro, faço tricô e crochê...

4) O que vocês mais gostam de fazer aqui no campo?

Seu Ed: lidar com cavalos e fazer cordas.

Dona Ruth: o que mais amo é montar num cavalo, reunir o gado e banhá-lo.



A K N J P W G N V E S P T N Q E V
 J C v M O P J H L D K X E G Z I
 V P F
 Z F L
 D G H
 B W
 Z R Q
 B J W
 Q W A
 U Y T
 B X
 S L G
 B K V
 L I C
 H U P
 G M
 H M C
 L F Y
 D A R
 S X M
 F T e
 C Y U

5) Sabemos que o senhor, seu Ed, sabe da existência de uma sereia na Lagoa do Parové. Conte-nos um pouco sobre isso.

Vínhamos para casa, eu e minha filha Judete, quando ela comentou sobre a existência de uma sereia na Lagoa. Eu, imediatamente, disse que não acreditava nessas coisas. No mesmo instante, a camionete se desligou e o farol também parou de funcionar. Apavorado, olhei para a Lagoa e vi um rastro cortando a água, era a sereia. Ficamos arrepiados e assustados.

6) Você acredita nessas histórias da Lagoa do Parové?

Acreditamos desde o dia que ficamos sabendo do nascimento de uma menina na região que era metade humana e metade peixe. Uma senhora muito curiosa, aproveitou a saída da mãe para vistoriar a menina, comprovando, assim, que se tratava de uma sereia. Dizem que quando nasce uma criança assim, até um ano de idade ela deve ser devolvida ao mar. Como aqui não há mar, a menina foi colocada na Lagoa do Parové.

7) Sabemos que a senhora, Dona Ruth, adora se fantasiar de monstro. Por quê?

Gosto de me divertir e me acho o máximo assim. Desde guria faço isso.



8) O que é ser gaúcho para vocês?

Honrar a tradição, cuidando dos cavalos e amando-os, tomando chimarrão e vivendo a cultura do Rio Grande do Sul.

9) O que mais deixa vocês felizes?

Seu Ed: sempre sou feliz, mesmo quando estou atarefado. Olho para os lados e vejo o outro com mais dificuldades e percebo que tenho todos os motivos para ser um homem feliz.

Dona Ruth: reunião de pessoas na minha casa, festas, marcações, bailes e muita gaita.

10) Deixe uma mensagem aos alunos do Polo do Durasnal.

Estudem, trabalhem, sejam honestos, tratem a todos com igualdade e com um sorriso no rosto. Não se esqueçam de que todo o trabalho tem o seu valor.

A K N P Z W G N V E S P T N Q E V
 J C V M O P J H L D K X E G Z I

J C V Z
 V P F
 Z F L
 D S
 B G H
 W G H
 Z R Q
 B J W
 Q W A
 U Y T
 B X
 S L G
 B K V
 L I C
 H U P
 G M
 H M C
 L F Y
 D A R
 S X M
 F T e
 C Y U

Rapidinha	Seu Ed	Dona Ruth
Uma data:	20 de setembro	28 de abril (nascimento da filha Judete)
Um exemplo:	Pedro Rodrigues Dutra e Ariceu Dutra	Meus pais, Judite e Paulino Fernandes
Uma comida:	Carreteiro	Peixe frito com polenta
Um time:	Internacional	Internacional
Uma religião:	Católica	Católica
Um lugar:	Fazenda Timbaúva	Fazenda Timbaúva
Uma sobremesa:	Laranja	Pêssego
Uma cor:	Vermelho	Vermelho
Uma data festiva:	Natal	20 de setembro
Uma palavra bonita:	Mãe	Mãe e Pai
Uma palavra feia:	Filho da p...	Frescura
Um sonho:	Já realizei todos.	Viagem a Gramado.



Mangueirão de pedra construído em 1935.



A K N P Z W G N V E S P T N Q E V
 J C V M O P J H L X D K X E G Z I

V P Z F
 D Z L S
 B F G H
 W G H
 Z R Q
 B J W
 Q W A
 U Y T
 S B X
 S L G
 B K V
 L I C
 H U P
 G M
 H M C
 L F Y
 D A R
 S X M
 F T e
 C Y U

SALA DE AULA

Alunas responsáveis: Gabriela e Aline.

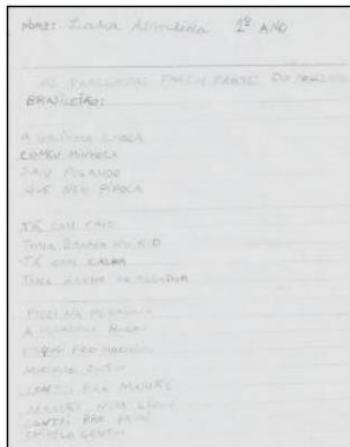


>>>>E a turma 31 continua produzindo minilivros. Parabéns aos alunos e à professora Ana Luiza pela criatividade e pelo compromisso com a leitura e a escrita.



O jogo "Expressões numéricas", confeccionado pelos alunos do 4º e 5º anos, proporcionou aprender conceitos matemáticos de ganhar e perder, de forma lúdica e divertida, integrando arte, geometria e raciocínio lógico.

Profª. Cristina



A professora Lenir desenvolveu um lindo e importante trabalho com o 1º ano sobre o folclore brasileiro.



A K N P Z W G N V E S P T N Q E V
 J C v M O P J H L X D K X E G Z I
 V P F
 Z L
 D F S
 B G H
 W G H
 Z R Q
 B J W
 Q W A
 U Y T
 B X
 S L G
 B K V
 L I C
 H U P
 g m
 H M C
 L F Y
 D A R
 S X M
 F T e
 C Y U

**MOMENTOS DA SEMANA FARRAPA
 EMEB JOÃO ANDRÉ FIGUEIRA**



A K N Z P W G N V E S P T N Q E V
 J C v M O P J H L D K X E G Z I

V P F
 Z L
 D F S
 B G H
 W
 Z R Q
 J W
 B W A
 Q Y T
 B X
 S L G
 B K V
 L I C
 H U P
 g m
 H M C
 L F Y
 D A R
 S X M
 F e
 C Y U

ACONTECE



Caminhada Cívica



>>>Foto destaque da edição
 Professora Cristina, autora do registro, disse-nos que passava pelo local quando se deparou com tal cena. Impressionada com a beleza da imagem, decidiu publicar no nosso jornal. Parabéns, profª Cristina, pela sensibilidade. E você, leitor, sabe quem é o aluno presente na foto?



Projeto: Da produção de diário à escrita de Cartas - Língua Portuguesa - 6º ano

IV FEIRA DE CIÊNCIAS



A K N J P W G N V E S P T N Q E V
 J C V M O P J H L X D K X E G Z I

Z F L S H
 R Q
 W A
 Y T
 B X
 G V
 C
 P
 M
 C
 Y
 F
 U

FOFOCAS...



Estamos de olho...

Alunos responsáveis: Bruna e Thiézer.



- Uma aluna da 8ª série apelou para a criatividade para tentar reconquistar seu grande amor, um aluno do Ensino Médio. Mas, ainda não conseguiu...

- Parece que um aluno do EF II fez xixi fora da privada. Que coisa feia! Ainda bem que uma funcionária descobriu!!!

- Uma aluna do Ensino Médio anda trocando cartinhas apaixonadas com um aluno do Ensino Fundamental II. Será que rolou alguma coisa????



- Na gincana, o time azul ganhou, mas uma aluna não se conformou. Com atitudes inadequadas, chamou os integrantes da equipe azul de ladrões. É preciso aprender a perder!!!!



- Rodrigo (3º- EM) está colocando apelidos na colega Sueid, por exemplo: Tchutchuca treme-treme.

- Um aluno do 7º ano está bastante poético. Para compor suas cantadas aproveita o que estiver vendo. Outro dia disse: - Quer coca, meu amor? S2 s2 s2 s2

- A Pâmela não brincou o suficiente na infância, por isso no Dia do Campo Limpo foi uma das primeiras a pegar balão para brincar.



CHARADAS

Alunos responsáveis: Gudrian, Patrick e Gabriel. (Respostas na última página).

- 1) O que o é mole, mas na mão da mulher fica duro
- 2) Por que a coca-cola e a fanta se dão muito bem?
- 3) É redondo, tem um buraquinho no meio, tem apenas duas letras, cuja primeira é c?
- 4) Qual o nome do carro que mostra que vai chover?
- 5) Qual a diferença de uma bicicleta e uma privada?
- 6) Por que o boi sobe o morro?
- 7) O que a banana falou para o tomate?



A K N P Z W G N V E S P T N Q E V
 J C V M O P J H L X D K X E G Z I
 V P F
 Z F L
 D S
 B G H
 W
 Z R Q
 J W
 B
 Q W A
 U Y T
 B X
 S L G
 B K V
 L I C
 H U P
 G M
 H M C
 L F Y
 D A R
 S X M
 F T e
 C Y U

MOMENTO ESPORTIVO

Alunos responsáveis: Éverton e Celso

GRENAL



O último Grenal foi um jogo disputado. O Internacional estava sem técnico e o Grêmio parecia ter grande vantagem no jogo. No primeiro tempo, o Grêmio fez dois gols. No segundo, mais três. O Inter não conseguiu fazer nenhum gol e o placar do jogo entrou para a história dos dois times. Se a Alemanha fez sete gols no Brasil, o Grêmio conseguiu fazer cinco no Internacional!!!

RELATOS DA ANINHA

ALUNA RESPONSÁVEL: ANA CLAUDIA

Acontecem várias coisas ao nosso redor, em nosso cotidiano, em nossa vida. Assim vamos em frente, todos os dias, somos felizes com pouco, mas esse pouco pode ser muito, como uma lagarta que vira borboleta, assim como a solidariedade e a honestidade. Este é o relato de uma história real: o aluno Julian Bartiere Marques, do 2º ano do Ensino Médio, perdeu 25 reais no dia 25/06/15, no pátio da escola João André Figueira. Os alunos Rafael Spolaor, Vitor Almeida Teodósio e João Lucas Menezes, da professora Sandra Rubim - 2º ano do Ensino Fundamental - encontraram o dinheiro perto da sala deles e mostraram para os alunos da 8ª série, a Mariéle Mota, a Amanda Duarte, a Amanda Spolaor, a Kamila Severo e a Viviane Rocha, que entregaram o dinheiro para a professora Tereza Fagundes Marzulo, que é minha mãe.

Professora Tereza exclamou:

- Ainda há esperança! E sempre haverá, basta acreditarmos em nossos alunos, na educação recebida da família e no trabalho diário de nossos professores na construção de valores com seus alunos em sala de aula.

A Família e a escola semeiam, e aí estão os frutos.

Foi descoberto que quem tinha perdido o dinheiro era o Julian e ele ficou muito feliz com a devolução, pois era o dinheiro das encomendas do Avon que sua mãe Gelci Marques vende.

Parabéns, alunos e escola, pela atitude correta, pelo ótimo caráter!



Alunos do colégio Raymundo Carvalho apresentaram o trabalho sobre Biomas Brasileiros no Polo do Durasnal

Os alunos falaram sobre a vegetação brasileira (Pantanal, Caatiga, entre outros). Fiz uma série de perguntas aos três alunos do 5º ano:

Ana Clara, 10 anos

1) Por que vocês escolheram este tema para estudarem?

Porque é um bom tema a vegetação do Brasil.

João Otavio, 10 anos

2) Por que é importante visitar outras escolas para falar sobre biomas?

Para outras pessoas terem conhecimentos

diversificados.

Matheus, 10 anos

3) Como está sendo a experiência de vir até o Polo do Durasnal para falar sobre os Biomas?

Muito boa. Estamos aprendendo mais.

Depois dessa série de perguntas, eles apresentaram um vídeo muito interessante sobre o tema. O vídeo "O Serrado", parte 1 e 2, que mostrou o bioma mais rico em biodiversidade do planeta, a Mata Atlântica.

Obrigada por dividirem pesquisa de vocês conosco e nos instigar na busca do conhecimento!

A K N Z P G N V E S P T N Q E V
 J C V Z
 V P F
 D Z L
 B F S
 W G H
 Z R Q
 B J W
 Q W A
 U Y T
 S L G
 B K V
 L I C
 H U P
 G M
 H M C
 L F Y
 D A R
 S X M
 F T e
 C Y U



Estudantes "matam" robô para mostrar os perigos de implantes sem fio

A máquina, chamada de Istan, é o "simulador sem fio de pacientes mais avançado do mundo", de acordo com a empresa que a fabrica. Por dentro, Istan tem itens que imitam os sistemas cardiovascular, respiratório e neurológico de uma pessoa. Para provar a tese, os alunos utilizaram informações disponíveis publicamente para descobrir os pontos fracos do software, além de ferramentas para realizar a tarefa que fosse fácil de encontrar. "O simulador tinha um marca-passo que permitia que acelerássemos ou reduzíssemos a frequência cardíaca. Se ele tivesse um desfibrilador, poderíamos até dar repetidos choques no robô. Se quisermos, realmente podemos causar danos ao paciente", afirma Mike Jacobs, diretor do estudo. Especialistas em segurança concordam que um invasor pode fazer, por exemplo, o braço biónico de alguém se movimentar segundo sua vontade, ou ordenar que uma bomba de insulina libere uma dose fatal ao paciente. Segundo eles, microchips implantados no cérebro também não escapam desse perigo.

Lixeiras de Nova York vão oferecer internet grátis de até 75 Mbps

A empresa de gestão de resíduos dos Estados Unidos BigBelly está instando hotspots Wi-Fi nas latas de lixo de Nova York. Os cestos oferecem internet com velocidade de 50 a 75Mbps, o suficiente para baixar um filme HD em 9 minutos ou fazer upload de 200 fotos em menos de 30 segundos. As latas de lixo da BigBelly são movidas a energia solar e contam com sensores que detectam se o cheiro do lixo está ruim, notificando coletores quando é necessário retirá-lo. Algumas unidades são capazes até de compactar automaticamente os dejetos.
 Aluno responsável: Erik



Senhor dos Sonhos

Havia na minha rua uma casa pequena e branca. Durante dias, lá não vivia ninguém. Mas, se a lua era cheia, a janela se abria como um livro. Um homem, com rosto de anjo, vestido de pijama, debruçava-se na janela e pensava, sossegado, sobre a cidade. Mais calado que o silêncio, o homem olhava e observava. Todos os moradores da cidade tinham cuidado para não quebrar seu silêncio. Ninguém ousava dizer uma palavra.

Cochichavam, pelas redondezas, que ele esperava os habitantes do local dormirem para, na alta noite, sair e visitar o sono das pessoas. Entrava mansinho nas casas, mais leve que gato, suave como o sereno, doce como o perfume...virava um sonho diferente para cada um dos habitantes daquele lugar. Naquela noite, por exemplo, todos dormiram com um breve sorriso na boca.

O prefeito da cidade sonhava em ser governador; o padre, em ser bispo; a professora, em ser diretora; o deputado, em ser senador; o soldado, em ser tenente; a solteira, em se casar; o pedreiro, em ser engenheiro; a criança, em ser grande; o sem-teto, em ter casa. Todos queriam outra coisa. E para tudo isso precisava tempo. No dia seguinte, todos acordavam como eram antes e com vontade de continuar sonhando.

Mas, na cidade, havia um menino. O pai era forte. A mãe, doce. Sua casa ficava perto de um riacho cercado de pedras. Eram três irmãos. O menino tinha, ainda, um cachorro e uma bola.

Quando o Senhor dos Sonhos entrava em seu sono, o menino sonhava com o que já tinha: um pai, uma mãe, dois irmãos, um cachorro e uma bola; um riacho com pedras cercado a casa. O menino não precisava de tempo, pois sua vida era um sonho.

O Senhor dos Sonhos voltava para sua casa antiga e fechava o livro-janela para sonhar de novo. Todos desconheciam quando seria a aproxima visita. Mas, o homem sabia que naquela cidade morava um menino inteiramente feliz, por saber que viver é um sonho.

Autora: Bruna Antunes Rodrigues— 7º ano

A K N P Z W G N V E S P T N Q E V
 J C v M O P J H L D K X E G Z I
 V P F
 Z L S
 D F L S
 B W G H
 Z R Q
 B J W
 Q W A
 U Y T
 B X
 S L G V
 B K V C
 L I C
 H U P
 G M
 H M C
 L F Y
 D A R
 S X M
 F T e
 C Y U

Área é construída por meio do projeto “SER AMIGO DA ESCOLA É LEGAL”, coordenação da professora Élia Laci

Colaboraram com as telhas: Mário Corrêa da Silva, Patrícia Silva, Neli Soares Alves, Jamil Rodrigues, Ione Rodrigues, Marcelo Almeida, Carlos Amarante, Israel Almeida, Carlos Alberto Valles, Enio Aurélio, Arlindo Marchezan, Catiane Marconato.

Doadores dos postes de segurança: Dilson Pereira (Gringo).

Mão de obra dos postes: Senhor Janio Volmir Schimidt - Gringo das Madeiras.

Colaboraram com a construção da área: Ademar Link, José Bonazza, Jaci Flores Pedroso, Fagner dos Santos Ribeiro, Sergio Oliveira Severo, Diltom Pereira da Silva, Natan Antunes da Silva, Paulo Marzulo.



A vida de Oswaldo Aranha



Oswaldo Euclides de Souza Aranha, mais conhecido CPOR Oswaldo Aranha, nasceu em 15 de fevereiro de 1884, em Alegrete. Filho de Euclides de Souza Aranha e de Luiza Freitas Valle Aranha, por quem foi alfabetizado. Oswaldo Aranha foi um grande político, um dos principais articuladores da Revolução de 1930 e integrou a ONU (Organização das Nações Unidas).

Ele viveu na época em que prevalecia o chamado “Coronelismo”. Assim, os filhos de pessoas da elite estudavam em outros estados, ou até mesmo fora do país. Logo, Oswaldo Aranha estudou no Rio de Janeiro: Colégio Militar e Faculdade de Ciências Sociais, depois continuou seus estudos em Paris. Abriu seu primeiro escritório de advocacia em Uruguiana, onde iniciou sua vida política, em uma sociedade cujo voto era aberto e mulheres não tinham o direito de exercer sua cidadania. As pessoas só podiam escolher os candidatos apoiados pelos “Coronéis”. Caso não respeitassem a ordem, poderiam ser punidos, pois nesse meio a violência era uma forte característica.

Falando em Revolução de 23, quando explodiu a luta entre “chimangos” e “maragatos” (seus opositores), chegou a pegar em armas e lutar a favor do sistema republicano. Já em 1925 foi prefeito de Alegrete, conseguindo assim, a paz entre as famílias separadas pelos conflitos sociais e trouxe muitas melhorias para a cidade.

Foi eleito Deputado Federal e mais tarde tornou-se Secretário do Interior, onde dedicou grande esforço para obras educacionais.

Amigo e aliado de Getúlio Vargas foi o grande articulador da Campanha da Aliança Liberal nas eleições. Agendou nos bastidores para organizar o levante armado em que depôs Washington Luís e tornou realidade a Revolução de 1930. Em 1947, tornou-se chefe da delegacia brasileira recém criada e presidiu a II Assembleia Geral.

Sendo uma figura ilustre, Oswaldo Aranha teve muitas conquistas em sua trajetória política e familiar, enfrentando todas as dificuldades daquela época, onde as pessoas eram obrigadas a obedecer quem ali tinha poder. Poderíamos até dizer que ele foi privilegiado por nascer em uma família da elite, mas isso depende do pensamento de cada um, mesmo assim fica evidente que Oswaldo Aranha foi e sempre será um grande homem.

Aranha veio a falecer no dia 27 de janeiro de 1960, aos 65 anos, no Rio de Janeiro (na época, a capital do Brasil). Deixou muitos ensinamentos. Uma de suas frases diz: *“Trago comigo o orgulho e a predestinação de minha terra e sinto, com o máximo orgulho, que, ao contar-vos coisas de mim mesmo, vos revelo apenas que a imagem desses recantos tem sido a estrela tutelar de minha cruzada.”*

Aluna: Lutiane Menezes Alves – 1º EM
Disciplina: Sociologia - Professora Mariza Mota

A K N J P G N V E S P T N Q E V
 J C V M O P J H L D K X E G Z I

D Z F L S
 B W G H
 Z R Q
 B J W
 Q W A
 U Y T
 S L G V
 B K V C
 L I C
 H U P
 G M
 H M C
 L F Y
 D A R
 S X M
 F T e
 C Y U

APOIADORES:

- CASA DO PRODUTOR DO DURASNAL**
 "Valorizando o produtor local".
 Gestor: Enio Aurélio. Fone: (55) 9975 0930
- ARMAZÉM PEREIRA**
 Qualidade e confiança!
- BAR MADRI**
 Cantina com lanches, sucos, doces e salgados.
- BELEZA EM ALTA**
 Cortes de cabelo (unissex). Contato: (55) 99529932
- MC ARTESANATOS**
 Tricô, crochê, pinturas em tecido, arte em palha...
 PAROVÉ - Contato: (55) 99433849
- QUEIJARIA CONQUISTA**
- APIÁRIO PRIMAVERA, DE ANTÔNIO BONOTO.**
 Produzindo mel de qualidade!
 Contato: (55) 9693-4193



Bar SOB NOVA DIREÇÃO

O bar da nossa escola possui novos proprietários: Antônio Marcos Dorneles e Adriana Almeida. Eles, com o auxílio da professora Élia Laci, lançaram um concurso para a escolha de um novo nome para o local. Todas as turmas participaram e foram criativas nas sugestões. Agora, o momento de divulgarmos o nome escolhido e a turma autora. Prêmio: quatro litros de coca-cola.

BAR MADRI

Sugestão da 8ª série, junto à professora Pâmela Freitas.
Madri surgiu da união de MARcos e ADRIana.
 Parabéns a todos que participaram e sucesso aos novos proprietários do bar!!!

Respostas das charadinhas.

- 1) Esmalte.
- 2) Porque a fanta quebra a coca cola.
- 3) CD
- 4) Celta preto.
- 5) Na bicicleta você senta para correr e na privada você corre para sentar.
- 6) Porque ele não pode passar por baixo.
- 7) Eu que tiro a roupa e você que fica vermelho.